Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

**Trajetórias e memórias sobre a saúde dos Soldados
da Borracha em seringais do Acre**

Marcelus Antônio Motta Prado de Negreiros

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Saúde Pública,
para obtenção do título de Doutor
em Ciências.

Área de concentração: Práticas de
Saúde Pública

Orientador: Prof. Dr. Fernando
Lefèvre

São Paulo
2011

Trajetórias e memórias sobre a saúde dos Soldados da Borracha em seringais do Acre

Marcelus Antônio Motta Prado de Negreiros

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade em Saúde Pública da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Práticas de Saúde Pública.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Lefèvre.

São Paulo
2011

GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das categorias/representações frente à questão *O senhor morava no Nordeste e decidiu vir morar nos Seringais do Acre por quê?*

Gráfico 2: Distribuição das categorias/representações frente a questão: *Lá no nordeste o senhor não conhecia nada da Amazônia?*

Gráfico 3: Distribuição das categorias/representações frente à questão: *Comente como era o local que o senhor ficou hospedado antes de embarcar para o seringal?*

Gráfico 4 : Distribuição das categorias/representações frente a questão: *A viagem para a Amazônia, como foi?*

Gráfico 5: Distribuição das categorias/representações frente a questão 5 encontrada nos discursos dentro dos resultados.

Gráfico 6: Distribuição das categorias/representações frente a questão: *Fale um pouco da pessoa que mandava no seringal e como ela era com o senhor?*

Gráfico 7: Distribuição das categorias/representações frente a questão: *Como o senhor curava esses problemas.*

Gráfico 8: Distribuição das categorias/representações frente à questão: *Diga quais desses problemas mais matavam os seringueiros?*

Gráfico 9: Distribuição das categorias/representações frente a questão: *Como as mulheres pariam no seringal?*

Gráfico 10: Distribuição das categorias/representações frente a questão: *Vamos voltar no tempo...Conte que rumo o senhor gostaria que sua vida tomasse?*

É expressamente proibida a comercialização deste documento tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida **exclusivamente** para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da tese/dissertação.

© NEGREIROS, M. A. M. P. DE, 2011.

NEGREIROS, Marcelus Antônio Motta Prado de. **Trajetórias e memórias sobre a saúde dos soldados da borracha em seringais do Acre**. São Paulo: USP, 2011. 189f.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC.

N385t

Negreiros, Marcelus Antônio Motta Prado de, 1973 -

Trajetórias e memórias sobre a saúde dos soldados da borracha em seringais no Acre / Marcelus Antônio Motta Prado de Negreiros --- São Paulo : USP, 2011.
189f : il. ; 30cm.

Tese (Doutorado em Saúde Pública) Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade em Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof. Dr. Fernando Lefèvre.

Inclui bibliografia

1. Soldados da borracha - Acre. 2. Soldados da Borracha - Trajetórias. 3. Soldados da borracha - Saúde. 4. Seringais do Acre. 5. Seringueiros - Acre - História. I. Título.

CDD: 331.76338952098112

CDU: 331.1:633.912.1(811.2)

DEDICATÓRIAS

- Aos meus pais CLÓVIS e TEREZA, pelo aprendizado de amor à vida.
- Aos meus irmãos CLÓVIS NETO e POLYANA, pelo amor imensurável que dedico a vocês;
- A minha esposa MÁRCIA, pelo incentivo e amor que me renovam e estimulam a fazer, sempre, o melhor, tanto pelos meus estudos quanto pelo meu próximo;
- Aos meus filhos PEDRO E JÚLIA, que trazem alegria incalculável no meu coração assim que piso em minha casa;
- Às minhas avós, GERALDA e SANTINA, que torcem e vibram pelas minhas vitórias, mesmo que em outro nível da existência do espírito;
- Ao meu irmão ELÍDIO, que do leito do hospital, antes de partir, foi decisivo em dizer para eu continuar;
- À Prof^{ra}. ALICE MOREIRA DERNTL que encontrou no momento decisivo de sua vida, força e paciência para me fazer acreditar;
- Ao meu tio FREDERICO, que, pelo destino, não está aqui para comungar comigo o transpor de um grande obstáculo;
- Àquela criança soviética que sentia o calor e o carinho imensos do colo de sua mãe, pouco antes de sucumbir à loucura dos homens. Elas, as crianças, jamais têm culpa.

AGRADECIMENTOS

- A **Deus**, pela misericórdia e pela oferta gratuita de incontáveis talentos que, trabalhados com amor, ajudam a construir um mundo melhor e mais humano, e, assim, fazem transparecer ao outro a imagem do Criador;
- À **Universidade Federal do Acre - UFAC**, através do Centro de Ciências da Saúde e do Desporto, pela ação social desencadeada em nosso Estado;
- À **Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo**, e, a todo seu corpo docente, que contribuiu para o êxito desse programa no Estado do Acre;
- Aos orientadores e co-orientadora, **Prof. Dr. Fernando Lefèvre, Profa. Dra. Alice Derntl (*in memoriam*), Profa. Dra. Ana Lefèvre e Profa. Dra. Terezinha de Freitas Ferreira**, pela credibilidade, apoio, orientações, confiança, ajuda inenarrável, em todos os sentidos, e socialização do *Know How* para realização do presente estudo;
- Aos amigos Nacal e Vanessa, pela paciência, suporte e dedicação dispensadas em todos os momentos, bons e ruins, desse trabalho acadêmico;
- Aos colaboradores Clícia, Raíssa, Kárita, Anderson, Laércio, Aline, Isnard, Delcídia, Rafael, Luana, Solino, Hugo e Sidnei que, com muita dedicação e paciência, foram fundamentais para atenuar as dificuldades da realização desse trabalho na **pesquisa de campo**;
- À pesquisadora Maria Torres, seringueira acriana, fundamental para encontrar as e cuidar das entrevistas.

Epígrafe

Tu és o Glorioso! Não podes perder. Perder
pra ninguém.

Lamartine Babo

RESUMO

Negreiros, MAM. **Trajetórias e memórias sobre a saúde dos soldados da borracha em seringais do Acre**: Faculdade de Saúde Pública da USP/UFAC, 2011.

O Acre testemunhou dois momentos históricos fundamentais para a sua colonização, ambos relacionados à extração da borracha, sendo o segundo patrocinado pelos Estados Unidos da América que, na Segunda Guerra Mundial, através dos Acordos de Washington, encontrou, no Brasil, a fonte do látex, matéria prima necessária para a produção bélica, uma vez que a Malásia, fornecedora, até então, não mais o fazia por imposição do governo japonês, que tomou seus campos de produção. Esse processo migratório campanhista levou aos seringais amazônicos, no início da década de 40 do século passado, mais de 75 mil jovens, que trocaram a seca do sertão nordestino pela úmida e tropical Floresta Amazônica, enfrentando dificuldades de adaptação dramáticas, atestadas pela morte de cerca de 25 mil Soldados da Borracha, ao final da guerra. O objetivo foi o de resgatar as memórias e histórias sobre o cuidado da saúde desses brasileiros que foram submetidos a vulnerabilidades e traumas culturais, sociais, familiares e de saúde, em prol de acordo que rendeu ao governo brasileiro pouco mais que o Banco da Amazônia e a Usina de Aço de Volta Redonda (RJ). O estudo foi quali-quantitativo, através de entrevistas, gravadas e transcritas, de trabalhadores procedentes do Nordeste que atuaram nos seringais da Amazônia, e que migraram para a capital do Acre, Rio Branco, entre as décadas de 40 e 60. Para análise das entrevistas foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, por meio do programa QualiQuantiSoft®. Os relatos mostraram situações de desamparo e descreveram a luta pela sobrevivência diante das adversidades desses homens e mulheres que, se hoje estão disponíveis para relatar esses fatos, provavelmente ainda o fazem por terem se transformado, em algum momento logo após a chegada, em amazônidas.

Palavras-chave: Soldados da Borracha.; Trajetórias.; Saúde.; Seringais; Acre.

ABSTRACT

Negreiros, M.A.M. **Trajectories and memories of rubber soldier's health in rubber tree extraction in Acre**: Faculdade de Saúde Pública da USP/UFAC; 2011.

The state of Acre has testified two fundamental historical moments in its colonization, both related to rubber extraction, the second being sponsored by the United States of America that, in World War II, through The Washington Agreement, found, in Brazil, a latex source, raw material needed in the war industries, as Malaysia, the supplier until then, no longer could offer it because Japan's government took the production fields. This migratory process campaign led to the amazon *seringais* (rubber camps), in the early 40's of the last century, more than 75 thousand young men, who had chose the wet and humid tropical Amazon rainforest instead of their home, the dry and poor brazilian Northeastern region, facing dramatics adaptation difficulties, proved by the death of approximately 25 thousand Rubber Soldiers by the end of the war. The objective was to restore the memories and histories about the health care of those Brazilians who were submitted to all cultural, social and family vulnerabilities as much as health trauma experiences, this all to participate in the Brazilian-North American agreement which promoted to the Brazilian government a little more than the Bank of Amazonia and the Volta Redonda Steel Mill (RJ). This was both a qualitative and quantitative study, made through interviews, recorded and transcribed, with the Rubber Soldiers (RBs) who had worked in the Amazon *seringais* and later, between the 40's and 60's, went to live in the capital of Acre, Rio Branco. The interviews' analysis was done by the Collective Subject Discourse Analysis through the QualiQuantiSoft® software. Reports collected from the RBs showed helplessness scenario and described the struggle for survival facing adversities of living in the middle of the jungle. The RBs probably are still here to tell it because they have transformed themselves, at some point soon after their arrival, in amazon natives.

Keywords: Rubber Soldiers; Health; History; Rubber fields; Acre.

ÍNDICE

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	OBJETIVOS.....	17
3	PROCESSO METODOLÓGICO.....	18
4	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	24
	4.1. Discursos dos sujeitos coletivos	77
5	DISCUSSÃO	128
7	CONCLUSÃO	172
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179
	ANEXOS	184
	Anexo 1 – Instrumento de coleta de informações.....	185
	Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	186
	Anexo 3 – Termo de Anuência COEP/FSP/USP.....	188
	Anexo 4 – Perguntas Norteadoras.....	189

Siglas Utilizadas

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnica
FSP	Faculdade de Saúde Pública
USP	Universidade de São Paulo
CCSD	Centro de Ciências da Saúde e do Desporto
UFAC	Universidade Federal do Acre
SEMTA	Serviço Especializado da Mobilização de Trabalhadores da Amazônia

1- INTRODUÇÃO

“Trajetórias e memórias sobre a saúde dos soldados da borracha em seringais do Acre” é estudo que faz um recorte da história da Saúde Pública do Brasil. Aqui, neste fazer, tem-se a plena convicção de que a História é processo de construção coletiva, e dele participam diversos atores, sejam pertencentes aos setores dominantes da sociedade ou mesmo aqueles que, anonimamente, construíram a nação brasileira, como aconteceu na parte da Amazônia Ocidental. E tanto isso é verdadeiro que, hoje, a nova Historiografia busca contemplar, em seus estudos e pesquisas, os excluídos da História, representado pelas minorias étnicas e sociais. É preciso, pois, que o Panteão da Pátria seja também um espaço democrático e plural, que inscreva o nome de sujeitos coletivos e importantes movimentos sociais na história do país.

As políticas de expropriação e formação de mercados de reserva econômica se deram tardiamente na Amazônia em relação aos demais espaços do Brasil. Contudo não menos nocivos foram os efeitos das disparidades exercidas pela “ditadura do grande capital” e pelas práticas governamentais voltadas aos interesses de uns poucos brasileiros. Durante séculos, as terras amazônicas ficaram relegadas ao esquecimento pelas Monarquias Portuguesa, Espanhola e pelo Império Brasileiro. Raríssimas foram às incursões, nesse período, para ocupar as terras e expandir a fronteira regional. Algumas poucas Fortificações, Entradas, Bandeiras e Missões galgaram espaço rumo às cabeceiras do Rio Amazonas, até o momento em que aconteceu o primeiro surto da exploração da borracha.

É fato que esse material já era bem conhecida e utilizada pelos povos indígenas. Eles faziam artefatos de borracha e brinquedos para os curumins, além de utilizá-la como material impermeabilizante para a fabricação de sacos, estopas e tipóias.

As terras ao sul da Amazônia Ocidental, por vários séculos, foram desconhecidas ou “terras não descobertas”. E, assim, permaneceram até meados do século dezoito. Foi o Tratado de Madri, firmado em 13 de janeiro de 1750, regularizou os limites entre as terras portuguesas e espanholas, mas não delimitou a área especificamente referente ao atual Estado do Acre. A partir de então, novos tratados foram produzidos e, de mesma forma, não estabeleceram, no terreno, a linha fronteira que abrange do Rio Madeira ao Javari.

No ano de 1762, com o uso da terebintina, houve avanço na qualidade da consistência da borracha e, por conseqüente, um avanço na sua produção. A Europa vivia o início da Revolução Industrial e o mundo em industrialização necessitava usufruir as riquezas da Amazônia.

Outros fatores importantes para que fossem conhecidas as propriedades da borracha, foram à introdução de barcos a vapor, em 1853, e a abertura do Rio Amazonas à navegação internacional. Com isso a comercialização da borracha aumentou consideravelmente, a ponto de, ainda no século dezenove, superar a de cacau no porto do Pará.

Nesse tempo, os limites da fronteira Brasil-Bolívia ainda não haviam sido delimitados, nem os marcos colocados, daí a dificuldade em saber onde era Bolívia e onde era Brasil. A linha limítrofe leste-oeste só existia nos tratados internacionais.

Os brasileiros eram os únicos a explorar a borracha, atendendo demanda existente, desde 1839, mas que não havia sido suprida até a grande seca do Nordeste, em 1877.

Em decorrência dessa seca, levas de imigrantes sem maiores perspectivas de vida, chegavam às terras da Amazônia em busca de sobrevivência. Essas pessoas formaram os seringais do Acre e seus primeiros núcleos populacionais, grande parte imaginando tratar-se de um futuro de enriquecimento fácil. Trabalhavam em terras brasileiras e bolivianas, considerando não haver uma linha fronteiriça.

A “fronteira” somente foi definida oficialmente em 17 de novembro de 1903 com o Tratado de Petrópolis, anexando as terras do Acre ao Brasil. Para tal propósito, foi feito pagamento ao *Bolivian Syndicate* de 110 mil libras esterlinas, acrescidas à Bolívia o pagamento de dois milhões de libras esterlinas, além do pacto de construção da Ferrovia Madeira-Mamoré.

Na busca de sonhos e riquezas, os aventureiros atravessaram rios, percorreram varadouros, enfrentaram doenças tropicais. Muitos não foram para ficar, poucos retornaram e a maioria jamais conseguiu sair. Os últimos, quando pensavam que haviam encontrado seus lugares, tiveram que reiniciar o percurso, atravessar novos caminhos e perigos, em busca de um novo local. Esse foi tempo de profundas mudanças.

Sobre as moléstias da região, somente a partir da década de 1870, com o início do primeiro Ciclo da exploração da borracha, a malária é reconhecida como importante problema de Saúde Pública. Essa atividade dizimou trabalhadores não apenas por essa doença, mas também por outras chagas amazônicas, sem contar os acidentes pela estrutura da mata, os ataques de índios e por animais selvagens.

Em verdade o Ciclo da Borracha na Amazônia foi época de trabalho pesado, mas de grande desenvolvimento para o Brasil. A descoberta das propriedades e uso da borracha natural se deve aos índios centro americanos, porém foi a partir da Amazônia que a atividade de extração da borracha se desenvolveu na realidade, e isto aconteceu a partir da Seringueira e dos estudos de pesquisa que suscederam sua descoberta.

Desta forma, o látex, que comumente sevia apenas para a fabricação de borrachas de apagar, seringas e galochas, através do processo de vulcanização, no qual a resistência e a elasticidade da borracha foram sensivelmente aprimoradas, tornou-se bem mais valioso para o desenvolvimento industrial.

Logo, é oportuno afirmar que o segundo Ciclo da Borracha no Brasil reascendeu tanto a economia como o desenvolvimento do país.

Os *Soldados da Borracha*, nome dado aos brasileiros que no início da década de 40 foram alistados e transportados pelo SEMTA, com o objetivo de extrair borracha para os Estados Unidos da América (Acordos de Washington) na II Guerra Mundial, foram os peões dessa segunda fase de exploração da Borracha e responsáveis pela expansão demográfica da Amazônia. O contingente é estimado em mais de 50 mil, sendo na grande maioria da região Nordeste do país e, destes, a maioria do estado do Ceará.

Esses trabalhadores, após serem examinados e dados como habilitados nos pousos das capitais do Nordeste, recebiam um *kit* básico de trabalho na mata, composto de: duas calça de mescla azul, uma camisa branca de morim, um chapéu de palha, um par de alpercatas de couro de jegue, uma mochila, um prato fundo de ágata, um talher (colher/garfo), uma caneca de flanes, uma rede, e um maço de

cigarros *Colomy*. O ponto de partida para muitos deles foi a Ponte Metálica -- Porto de Fortaleza, na época -- construído pelos ingleses e só ao aportarem nas capitais Belém e Manaus foi que eles receberam o treinamento para a extração da borracha.

As promessas dessa estratégia de governo, a partir do acordo internacional, não foram honradas. A essa gente foi dito que, após a guerra, eles retornariam à terra de origem, entretanto, na prática, mais da maioria deles morreu de doenças tropicais, ou por influência de atrocidades da selva. Os sobreviventes ficaram na Amazônia, muitos por não terem dinheiro para pagar a viagem de volta e tantos outros porque estavam endividados com os donos dos seringais.

Sem dúvida é história brasileira que merece destaque e grande reflexão, composta por lutas pela sobrevivência num ambiente hostil, onde os seringueiros viviam entregues à própria sorte. Aqueles que sobreviviam as intempéries da selva não tinham como retornar à terra natal, daí a saudade intensa de suas cidades, razão pela qual atribuíam nomes às colocações: Fortaleza, Ceará, Quixadá, Quixeramubim, Solidão, Ôco do Mundo, Santa Fé, Esperança e outros tantos nomes. Reitera-se que é história ímpar em solo brasileiro.

2 – OBJETIVOS

Resgatar trajetórias e memórias sobre a saúde dos *Soldados da Borracha*, em seringais do Acre, na Segunda Guerra Mundial, e que posteriormente fixaram residência em Rio Branco, Acre. Essa gente guerreira, como escreveu Euclides da Cunha, testemunha viva do Acre de outro século escreveu, na grande obra “Os Sertões”, diz que “O seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se”.

Objetiva-se, também, descrever as circunstâncias e cenários em que se deu o trabalho dos *Soldados da Borracha*, em fatos notórios reconhecidos pela nação brasileira, quando enfrentaram mazelas de toda ordem. Hoje são protegidos pela Constituição Federal, no seu Art. 230, quando diz ser dever do Estado proteger as pessoas idosas, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

3 – PROCESSO METODOLÓGICO

Trata-se de pesquisa exploratória, descritiva, quali-quantitativa e desenvolvida segundo as seguintes estratégias:

1. Resgate das trajetórias e memórias sobre a saúde dos *Soldados da Borracha*, nos seringais do Acre. O material foi obtido aplicando-se a técnica do DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC – que, segundo os autores Lefèvre e Lefèvre (2003), é compreendido como:

[...] um conjunto harmônico de processos e procedimentos destinados, a partir de depoimentos colhidos, em pesquisas sociais de opinião, a conformar, descritivamente, a opinião de uma dada coletividade, como produto quali-quantitativo, isto é, como um painel de depoimentos discursivos, ou seja, qualidades provenientes de quantitativos de indivíduos socialmente situados” (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003).

A técnica de análise de dados do DSC consiste no preparo ou processamento da matéria-prima dos depoimentos obtidos da coletividade estudada. Esse processo metodológico, embasado na Teoria das Representações Sociais, teve em Moscovici (1976), seu idealizador, que a definiu como um sistema de valores, idéias e práticas com dupla função, que são:

- Estabelecer ordem que possibilita as pessoas orientar-se em seu mundo material e social, e controlá-lo;
- Possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes códigos para nomear e classificar, sem ambigüidades, os vários aspectos de seu mundo e sua história individual e social (DUVEEN, 2003).

Ainda, sobre Representação Social, ABRIC (2000) diz que se trata de uma visão do mundo que, por sua vez, permite ao indivíduo e ao grupo, dar um sentido às

condutas e compreender a realidade, através do seu próprio sistema de referências, fazendo com que o indivíduo se adapte e encontre um lugar nessa realidade. A teoria funciona como sistema de interpretação da realidade, que orienta as reações dos indivíduos com seu meio físico e social, determinando, assim, seus comportamentos e suas práticas.

Assim, trata-se de recurso metodológico que permite a realização de pesquisas de resgate das opiniões coletivas. Nas pesquisas com DSC, o pensamento é coletado por entrevistas individuais, com questões abertas, fazendo com que o pensamento, como comportamento discursivo e fato social individualmente internalizado, possa se expressar e, com isso, deixar a afetividade de representações sociais vir à tona (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003). É usada na primeira pessoa do singular porque assim permite sinalizar que a sociedade se impõe ao indivíduo pela internalização inconsciente de seus discursos.

Para que se produzam os DSCs, são necessários quatro operadores, que são:

- Expressões-chave: trechos literais de partes dos depoimentos que melhor representam o conteúdo dos discursos mais diretamente relacionados ao objetivo da questão;
- Idéia central: fórmulas sintéticas que traduzem o essencial do conteúdo discursivo explicitado pelos sujeitos nos discursos. Deve ser concisa, respeitar o conteúdo e o sentido da resposta emitida pelo sujeito e identificar que idéias, ou idéia, ela expressa;
- Ancoragem: é quando, no discurso, se encontram os traços lingüísticos explícitos de teorias, hipóteses, conceitos, ideologias

existentes na sociedade e na cultura, e que estão internalizadas nos indivíduos;

- Discurso do Sujeito Coletivo: é a reconstrução com partes de discursos individuais, buscando resgatar o discurso como signo de conhecimentos dos próprios discursos. Ou seja, a reunião das Expressões-Chave das Idéias Centrais ou Ancoragens com o mesmo significado de pensamento presente no discurso. É como se fosse uma pessoa real falando, tendo essa fala o pensamento coletivo como conteúdo (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003).

3.1 - Critérios de inclusão

- Após inteirar-se do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1), aceitar participar do estudo;
- Ter sido seringueiro, procedente do Nordeste, com tempo de trabalho mínimo de dois anos na extração da borracha, nas florestas do Acre, e que tenha migrado e fixado residência na cidade de Rio Branco, entre as décadas de 40 e 60 do século passado;
- Mulher que tenha sido companheira do seringueiro migrante do Nordeste e que tenha convivido com ele na extração da borracha nas florestas do Acre, por pelo menos dois anos;
- Foram entrevistados o seringueiro ou sua companheira;
- O critério recomendado pela Organização Mundial da Saúde, para caracterização de “idoso”, em países em desenvolvimento (60 e mais anos) não será considerado, uma vez que “ter sido seringueiro” e “ter

sido companheira de seringueiro” são os critérios de inclusão. Logo, serão entrevistados indivíduos que migraram, nas condições estabelecidas.

Definidos os critérios de inclusão e o local da pesquisa, apresenta-se a descrição das etapas do estudo:

1ª. Etapa:

- Localização da população de estudo, através da técnica “bola de neve” (um indivíduo indicando outro e assim sucessivamente).

2ª. Etapa:

- Agendamento do dia, horário e local mais convenientes, respeitando as preferências de cada caso individualmente para os sujeitos da pesquisa.

3ª. Etapa:

A entrevista é instrumento privilegiado de coleta de informações, pois possibilita a revelação de diferentes situações vividas, além da posição e da compreensão da pessoa diante do fenômeno (SIMIONI, 1997). Já LEFÈVRE (2003), através do DSC, aconselha que a entrevista seja feita ao universo participante, possibilitando a ampliação de sujeitos e respectivos discursos para análise.

Desta forma, a entrevista seguiu roteiro assim descrito:

- Foi aplicado formulário estruturado, que forneceu o perfil socioeconômico, a composição familiar e a percepção sobre a própria saúde pelos entrevistados;
- Foram obtidos dos relatos livres, pelas perguntas abertas (com os devidos direcionamentos pelo entrevistador), os discursos (segundo a técnica do DSC), que possibilitaram resgatar trajetórias e memórias e sobre a saúde de seringueiros, *Soldados da Borracha*;
- Considerando que nas anotações, em campo, é necessário o registro do que os sujeitos relatam e não apenas resumir suas palavras, com a permissão dos participantes, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra, com o propósito de evitar perdas;
- Os relatos dos sujeitos da pesquisa foram armazenados em instrumentos adequados (gravadores digitais), e software para posterior avaliação e propostas.

3.2 - Aspectos Éticos

Atendendo a Resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta investigações envolvendo seres humanos, este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

No caso de reconhecimento, por parte do pesquisador, de evidente sintomatologia clínica ou complicação de co-morbidade, que poderiam resultar em prejuízo à saúde dos participantes, as pessoas com problemas foram imediatamente

encaminhadas para o serviço de clínica médica da FUNDHACRE, para a conduta e cuidados pertinentes.

Na possibilidade de terem sido reconhecidas, na vigência da pesquisa, agressões de qualquer natureza, que atentem quanto à integridade física, emocional e social dos participantes do estudo, não ainda denunciadas, instituições de proteção foram imediatamente informadas para que as medidas necessárias fossem prontamente aplicadas.

4 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Compreende-se, inicialmente, que nem o mais corajoso ou sonhador jovem do Nordeste brasileiro, no início da década de 40, do século passado, poderia imaginar que sua vida tomaria tal destino. Contudo, em 1939, e sem qualquer relação com o fato, a Polônia, país europeu, tão distante quanto desconhecido na Costa Nordeste do Brasil, foi invadida por tropas alemãs de forma impetuosa, avassaladora e rápida, mediante abundante equipamento de guerra (a tática de *Blitz Krieg*). Como consequência, a Inglaterra e a França foram solidárias ao país tomado e declararam guerra à Alemanha, originando a Segunda Guerra Mundial, dantes circunscrita, apenas, à Ásia (AQUINO, 1995).

E assim foi. O fato internacional determinaria o novo rumo na vida desses jovens brasileiros, que já enfrentavam condições precárias de vida decorrente das secas e pela pouca perspectiva econômica que assolava os principais Estados do Nordeste. O conflito, que acontecia na Europa, agravado pelo ataque japonês à base aeronaval americana de *Pearl Harbor*, no Havaí, culminou com um tipo de relação que, gradativamente, se tornaria das mais íntimas entre a Guerra Mundial e a sociedade nordestina naquele início dos anos 40.

Figura 1 - Avião japonês em rota de *kamikaze*. Ato final do conflito iniciado no ataque à *Pearl Harbor*.
Fonte: *University of Washington Libraries*.

O entrave, naquele momento, já contado com a presença dos EUA, formou dois blocos: os Países Aliados (Estados Unidos da América, União Soviética, França e Inglaterra) e os Países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). O Governo Brasileiro, sobre seu posicionamento na guerra, convenceu os ministros e, por unanimidade, resolveu declarar solidariedade aos Aliados (CORSI, 2000).

Obviamente que as relações diplomáticas entre o Brasil e Hitler foram rompidas e bases militares norte-americanas foram instaladas em Fortaleza, Recife, Salvador e Natal. O país passou, então, a sofrer represálias, como ataques constantes aos navios nacionais por submarinos alemães. Ao todo, foram 22 os navios brasileiros abatidos, que vitimaram mais de 600 pessoas (FÁVERI, 2004).

Figura 2 - O submarino alemão U-507, que afundou cinco embarcações brasileiras e vitimou cerca de 600 pessoas.

Fonte: Museu Histórico Nacional.

Em 23 de novembro de 1942, com a entrada oficial do Brasil na Guerra, foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que enviou tropas brasileiras ao campo de batalha na Itália. Entretanto, outro contingente de brasileiros foi mobilizado para atuar na Segunda Guerra Mundial. Contudo o destino nunca foi a Europa, mas a Floresta Amazônica, com a missão de produção de borracha para garantir a vitória das Nações Aliadas, na luta contra a tríplice aliança (Alemanha, Itália e Japão). E essa estratégia inseriu, definitivamente, jovens do Nordeste Brasileiro no projeto de guerra (BENCHIMOL, 1992).

A necessidade da aquisição de borracha se deu porque ela consistia em matéria prima indispensável à guerra. Antes do entrave, os EUA mantinham relações comerciais para a compra desse produto com a Malásia, que 40 anos antes foi o local escolhido para o cultivo de mudas de árvores contrabandeadas da Amazônia. Contudo, o Japão, ao dominar essa região, proibiu a venda do produto aos Países Aliados (MARTINELLO, 2004).

Figura 3 - Ilustração informativa sobre o bloqueio Japonês ao abastecimento da Borracha aos EUA.

Fonte: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.

E essa urgente demanda foi confirmada pela Comissão de *Baruck*, criada pelo Governo Norte-Americano, para analisar as necessidades da indústria de guerra, que concluiu que o produto mais crítico e o problema prioritário a ser resolvido pelos Aliados era o reabastecimento da borracha. O relatório final mostrava que os EUA tinham disponíveis, em janeiro de 1942, pouco mais de 500 mil toneladas de borracha e que, em estimativa, seriam necessárias, no mínimo, cerca de 250 mil toneladas a mais para as exigências militares, e as propagandas norte-americanas deixavam clara a necessidade de aquisição imediata desse produto (MARTINELLO, 2004).

O Brasil, que possuía extensa reserva de árvores de seringueira nativa, diante da conjuntura de guerra, vislumbrou a oportunidade, pelo conflito internacional, de reaquecer a produção de borracha e aumentar suas divisas, iniciando-se as negociações e acordos econômicos com os EUA. Desta forma, o país se comprometeria em fornecer homens e borracha para suprir o estoque de guerra, apesar de não ter bases técnicas e de evidências para o alcance das metas que o

projeto exigia, como afirma Benchimol (1992): “fornecem-se homens como coisas, a quem pedir primeiro, sem saber se os seringais estão preparados para recebê-los, se as ferramentas já chegaram e se há como alimentá-los”.

Assim, para abastecer a indústria de guerra dos aliados, a produção de borracha silvestre da Amazônia foi reativada e, novamente, foi estabelecido o monopólio em terras brasileiras. Em nome do esforço de guerra e acordos econômicos, ocorreu, então, a segunda grande migração de trabalhadores para a produção da borracha, com *status* de “soldado”, em defesa da pátria ameaçada. Esse fato pode ser caracterizado como renascimento do extrativismo, repovoamento dos seringais do Vale Amazônico e a retomada do processo migratório nordestino para fazer esse trabalho (MARTINELLO, 2004).

É importante lembrar que a primeira corrente migratória do Nordeste, em direção ao Norte do Brasil, aconteceu no final do século XIX, e que foi incentivada pelo Governo Imperial. Entretanto, as migrações nordestinas para o Norte e Sudeste do Brasil estiveram, geralmente, ligadas às questões de conflito no campo e coincidindo com os períodos de seca que assolavam, na maioria dos casos, os pequenos agricultores, pois além de ser a maioria da população rural sertaneja, ela não tinha alternativa a não ser migrar (MEDEIROS, 1983).

Em princípio, os EUA não tinham perspectiva de entrar em conflito de guerra, logo não haviam sido feitas reservas prévias de borracha pela *United States Rubber Company*, apesar do aviso de funcionários do governo americano sobre a escassez para situações como a que o país acabara de se envolver. Companhias químicas americanas não tinham idéia clara e objetiva de como produzir a borracha e não tinham tempo a perder, pois os Aliados já estavam testemunhando importantes

vitórias alemãs sobre a Inglaterra e a França. E foi assim que os EUA criaram programas de procura e compra de borracha em países com histórico de extração e produção desse material (DEAN, 1987).

O Governo Americano fundou, então, em junho de 1940, a *Rubber Reserve Company*, que tinha a função de comprar borracha brasileira, com um orçamento de 140 milhões de dólares (DEAN, 1987). O presidente brasileiro, Getúlio Vargas, entendendo a importante dificuldade e adversidade na obtenção do produto, na vigência da guerra, divulgou através de boletins informativos a existência de 300.000.000 árvores de “*Hevea brasiliensis*”, sem plena convicção desse dado (MARTINELLO, 2004).

Figura 4 - Propaganda que ilustrava as características da seringueira.
Fonte: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.

Em virtude do resultado da Comissão de *Baruck*, e da disponibilidade do produto, foi firmado acordo entre os Estados Unidos e o Brasil, os “Acordos de Washington”. Esses acordos estabeleciam um empréstimo de US\$ 100.000.000 (cem

milhões de dólares americanos) ao Brasil para o desenvolvimento, produção de materiais estratégicos e matérias primas indispensáveis à indústria de guerra americana, com importante destaque para a borracha, a aniagem, o babaçu, o cacau, o café, a castanha, dentre outros. Foram também destinadas verbas para o desenvolvimento de ferro em Itabira - MG, e cerca de 10 milhões de dólares americanos para melhorar tanto a qualidade da borracha quanto as condições sanitárias da Região amazônica (CAMPOS, 2006).

Figura 5 - Slogan dos Acordos de Washington.

Fonte: Memorial dos Autonomistas.

O Acordo, em relato de Benchimol (1977), foi estrategicamente armado nos altos escalões ministeriais dos dois governos, que fixaram a sua política e a sua ação mediante a montagem de um dispositivo de grande envergadura para a época. Esse quadro desenvolveu-se, simultânea e sucessivamente, em diversas etapas e esquemas organizacionais. Entre eles destacam-se:

A criação do Banco da Borracha, em meados de 1942, com um capital inicial de cinquenta milhões de cruzeiros e participação acionária de 40% de uma agência

do Governo Americano, com o objetivo de realizar operações de crédito, fomento à produção e financiamentos a empresa seringueira, bem como exercer o monopólio final da compra e venda da borracha. Mais tarde seria transformado em Banco do Crédito da Amazônia, antecessor do atual Banco da Amazônia S/A;

O fortalecimento e expansão do então recém-criado Instituto Agrônômico do Norte, com sede em Belém, que receberia, inicialmente, uma dotação de cinco milhões de dólares do Governo Norte-Americano, para fins de ativar a pesquisa científica e melhoria da produção da goma elástica;

O plano de saneamento com a assistência da Fundação *Rockefeller*, que inicialmente recebeu cinco milhões de dólares do Governo Norte-Americano, fato que colaborou com a criação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP);

A logística de transporte e suprimento, a cargo de uma Agência Norte-Americana, a “*Rubber Reserve Company*”, posteriormente transformada na “*Rubber Development Corporation* (RDC), cuja sede funcionou, na sua fase de implantação, nas dependências do Teatro Amazonas, em Manaus. Essa Agência supria os seringais amazônicos e as casas aviadoras de bens (estabelecimentos comerciais que se constituíram para abastecer os seringais, deles recebendo, em troca, a borracha produzida e, na posse dela, realizar as operações de venda para o exterior), utilidades, alimentos, instrumentos de trabalho para o envio aos seringais, promover o transporte de passageiros para o interior e de borracha para os EUA. Pelo bloqueio marítimo da costa brasileira, essa logística era feita em aviões “Catalina”, que pousavam nas águas dos rios e em aviões S-42, diretamente de Manaus e Belém para Miami;

A construção do aeroporto de Ponta Pelada, em Manaus, e a ampliação do aeroporto de Val-de-Cãs, em Belém, para servirem de bases operacionais e de apoio para os aviões americanos e para as linhas comerciais brasileiras;

A criação do Serviço de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), mais tarde substituído pela Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA), para recrutar, encaminhar e colocar trabalhadores, principalmente jovens do interior dos Estados do Nordeste brasileiro, nos seringais, sob a supervisão do Departamento Nacional de Imigração. Ofereciam-se passagens gratuitas nos navios de Llóide Brasileiro e do Serviço de Navegação e Administração dos Portos do Pará;

A instituição da Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA), com a finalidade de regular os suprimentos nas cidades amazônicas e nos seringais do interior;

A criação dos Territórios Federais do Guaporé (hoje Rondônia), Rio Branco (hoje Roraima) e Amapá, em 1943, iniciando-se, assim, o processo de reorganização do espaço político amazônico, interrompido desde a criação do Acre, em 1903 (CAMPOS, 2006).

Outros itens que se destacavam nos Acordos de Washington eram:

- O Brasil concordava em vender, e a *Rubber Reserve Company* (RDC) em comprar toda a borracha excedente às necessidades do consumo interno;
- O preço básico fixado foi de 39 *cents* por libra – peso para a matéria prima já beneficiada;

- A RDC concedia um prêmio de 2,5 *cents* por libra/peso para toda borracha exportada que excedesse 5.000 toneladas, até o limite de 10.000 toneladas. Caso as 10 mil toneladas fossem ultrapassadas, a importância do prêmio seria elevada para 5 *cents* por libra/peso;
- O Brasil faria todo o esforço para aumentar a produção e, tendo em vista as necessidades dos EUA, lhe venderia, também, a produção de borracha manufaturada excedente ao consumo interno. Nesse sentido se assentaram as bases para a venda de pneus e câmara de ar;
- O prazo do Acordo assinado em Washington seria de cinco anos. Mas após os dois primeiros anos seria realizado um reajustamento periódico de preços, levando-se em conta circunstâncias que pudessem afetar o custo de produção (MARTINELLO, 2004).

Assim, de acordo com AQUINO (1995), milhares de brasileiros, com *status* de soldados, foram recrutados, encaminhados e abandonados nos confins da Selva Amazônica, para, num esforço de Guerra, produzir borracha para suprir a indústria bélica americana, em favor dos Países Aliados na Segunda Grande Guerra. E o esforço do recrutamento aos seringais se dava, também, pelo pouco número de seringueiros presentes no campo, no início da década de 40, que não ultrapassava 34 mil extratores, com uma produção de aproximadamente 17 mil toneladas de borracha por ano. Produção insuficiente para as pretensões do abastecimento de guerra (BENCHIMOL, 1992).

Tais dados deixaram claro que importante problema para os trabalhos era a falta de mão-de-obra no Norte Brasileiro, que foi corroborado pelo CENSO de 1940,

que registrou 1.462.420 pessoas, numa área de 3.336.990 km² (Amazonas, Pará e pelo então Território do Acre). Assim, a impressionante densidade populacional de 0,44 habitantes por quilômetro quadrado compunha um verdadeiro deserto demográfico e grande obstáculo a ser transposto pela campanha de guerra (BRASIL, 1947).

Paralelo aos Acordos de Washington, o Presidente Getúlio Vargas já tinha em sua pasta de governo o Projeto Nacional de Desenvolvimento, e tal projeto intencionava tornar o Brasil grande potência, ocupando espaços “vazios”, propalados na “Marcha para Oeste”. Esta pretensão fica evidente no pronunciamento feito pelo próprio presidente, em Manaus (1940), no famoso discurso do Rio Amazonas, que dizia:

[...] Nada nos deterá nessa arrancada, que é o século XX, a mais alta tarefa do homem civilizado: conquistar, dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua força cega a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada. O Amazonas, sob o impulso fecundo da nossa vontade e do nosso trabalho, deixará de ser afinal um simples capítulo da história da terra, e equiparado aos outros grandes rios retornar-se-á um capítulo da história da civilização (BENCHIMOL, 1992, p.70).

Quanto ao conflito mundial, e antes do assédio dos EUA, Getúlio Vargas não demonstrava posição definida, oscilava ora a favor do Eixo, ora a favor dos Aliados, embora perseguindo um desenvolvimento autônomo e independente. Mesmo assim obteve financiamento norte-americano na criação da Siderurgia Nacional (CSN), como a Companhia do Vale do Rio Doce e a instalação da Fábrica Nacional de Motores (CORSI, 2000).

Com o estado de Guerra Mundial e o patrocínio norte-americano, Getúlio Vargas via cada vez mais perto de se tornar realidade o antigo sonho de estimular o

movimento migratório de brasileiros do litoral para o interior do país, com a ocupação da Amazônia, otimizando, dessa forma, o projeto criado dois anos antes (e sem muito sucesso), pelo Departamento Nacional de Imigração Brasileiro: a “Marcha para o Oeste” (SECRETO, 2007).

Para por em prática o acordo da extração da borracha, em larga escala, foi necessária a formação de um contingente humano, chamado de “exército da borracha”, que recrutaram jovens, principalmente das regiões semi-áridas do Sertão Nordestino, com metáfora de “soldados” para lutar no *front* dos seringais amazônicos. Para o Brasil, também representou uma oportunidade de superar a crise econômica que atravessava, principalmente pelo enfraquecimento do mercado inglês na economia brasileira (SEINTEINFUS, 2000).

A experiência bem sucedida da diáspora nordestina, no primeiro grande ciclo da borracha, no final do século XIX, orientou o Governo brasileiro sobre quem seriam as pessoas escaladas aos seringais nessa nova fase. Além disso, o ano de 1942 também foi marcado por uma das maiores secas já registradas na história do Nordeste Brasileiro e esse episódio claramente facilitou o recrutamento de trabalhadores para a Amazônia (MORALES, 2002).

Logo de início, a mobilização reuniu de cerca de 30 mil pessoas em Fortaleza, ensejando mão-de-obra farta para os Seringais da Amazônia. Portanto, havia, ali, sob os olhos do Governo, uma história viva expressa não apenas logística, mas, também, no conhecimento das práticas que a colocavam em funcionamento (MORALES, 2002).

Figura 6 – Jovens de várias vilas do Nordeste perfilados na capital do Ceará aguardando momento para a viagem que os levaria ao *El Dorado* Amazônico.

Fonte: Museu de Arte da UFC.

Eram homens surrados pela estiagem, já no limite de suas forças e da própria sobrevivência, que se deslocavam para as grandes capitais nordestinas, com destaque para Fortaleza, no intuito de emigrar. Não pelo prazer de aventura, nem pela lenda do novo *El-Dorado* ou por promessas de enriquecimento, desejavam migrar por questão de sobrevivência e porque a seca já não lhes havia deixado nenhuma alternativa (BENCHIMOL, 2002).

Assim, foi proporcionada a montagem de um esquema logístico-institucional do qual participaram, ativamente, o governo brasileiro e americano, abrindo-se muitas frentes operacionais e estratégicas na área. Os objetivos, no entanto, de um e de outro governo, até certo ponto, conflitavam. Os Norte-Americanos tinham o interesse marcado pela urgência e pelo prazo curto na arrecadação de borracha,

enquanto o Governo Brasileiro tinha os seus interesses voltados para o permanente e o duradouro (BENCHIMOL, 2002).

Figura 7 - Notícia de jornal cearense divulgando a ida de jovens aos seringais amazônicos para a ajuda aos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

Fonte: Memorial dos Autonomistas.

Paulo de Assis Ribeiro, chefe do principal organismo estratégico no início da campanha, o SEMTA, determinou regimentos e normas para os departamentos, serviços e superintendências regionais, que obedeciam aos seguintes princípios:

- A necessidade de manter a unidade de orientação por meio de um programa de trabalho que evitasse a dispensa de esforços e facilitasse a ação coordenadora, de modo a manter a força de trabalho permanentemente, no sentido das finalidades fixadas pelo SEMTA;

- A organização devia ter características que permitissem, por vários meios, a ação contínua dos chefes responsáveis pela direção geral, numa permanente atitude de presença direta ou representada;
- A hierarquia administrativa devia ser mantida por meio de normas e comunicações de coordenação das atividades, sempre dirigida numa ordem e escala constante por degraus previamente estabelecidos (MARTINELLO, 2004).
- Fazer propaganda e divulgação dos objetivos da mobilização; divulgar resultados das observações de ordem social e antropológica da massa de trabalhadores;
- Organizar serviços de recrutamento e encaminhamento para o registro e controle dos trabalhadores; organizar serviço especial de comunicação; serviço de assistência médica; serviço de planejamento e execução de obras para a construção dos alojamentos e do sistema próprio de transporte;
- Organizar o sistema de abastecimento e manutenção, rede de cooperativas e núcleos de produção, indústria domésticas, agricultura e criação de aves nos diversos pousos para obtenção de alimentos;
- Acolher mulheres e crianças dos recrutados em pousos na capital cearense, esperando o momento para empreender, também essas, a viagem que as levaria ao encontro de seus maridos, ou aguardando o retorno destes ao termo de dois anos de ingresso no seringal (MORALES, 2002).

Figura 8 - Informativo sobre a organização gerencial do SEMTA.

Fonte: Memorial dos Autonomistas.

Desse modo, com a Batalha da Borracha, assim chamada em alusão à necessidade estratégica e ao Estado de Guerra, oficializado no Brasil, nomeou-se, então, o *Soldado da Borracha* para atuar no Vale Amazônico, como demonstra o Decreto Presidencial n.º 5.225 de 14/02/1943, em seu artigo 1º:

O Presidente da República, usando da sua atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição e considerando que a produção da borracha é essencial ao esforço de guerra e a defesa militar do país decreta:

Art. 1º – os trabalhadores nacionais encaminhados ao Vale amazônico para extração e exploração da borracha, devidamente contratado nessas atividades, são considerados de incorporação adiada até a terminação do contrato de trabalho, ou em quanto se dedicarem àquela atividade (NEVES, 1992).

Com isso, o Presidente da República Getúlio Vargas transformou o trabalhador nacional em “soldado” e, de uma hora para outra, em nome do esforço de guerra, o militarizou, em troca de apoio econômico, para o desenvolvimento da política nacionalista (CAMPOS, 2006).

As formas de recrutamento, logística e manutenção dos trabalhadores sugeridos pelo SEMTA, entretanto, não agradou ao Governo Norte-Americano, instituindo a frase: “Preferimos perder a guerra a continuar a financiar o SEMTA” (MELLO, 1956).

Depois da repercussão negativa aos norte-americanos, e com apenas 12 meses de funcionamento, o SEMTA foi extinto e, em seguida, foi criada a Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA), que tratou, imediatamente, de cortar o pagamento da assistência familiar, como também outros benefícios que o SEMTA, previamente, assegurava, deixando evidente que o descontentamento dos financiadores se dava, em muito, por conta dos gastos adjacentes ao processo de aquisição da borracha (SECRETO, 2007).

Com o fim das atividades do SEMTA uma história paralela, mas não menos dramática, emergiu, pois todo o apoio e pagamento de auxílio aos familiares residentes em núcleos nas principais capitais do Nordeste, por parte da RDC, cessou, deixando milhares de mulheres e crianças literalmente abandonadas nas periferias das capitais nordestinas, situação bem diferente daquelas preconizadas e acordadas no ato da assinatura do Contrato de Encaminhamento pelo pai de família enviado às matas amazônicas (SECRETO, 2007).

Fato é que foram evidentes os inúmeros problemas no cumprimento dos “Acordos de Washington”, contudo nenhum deles se comparou a importante disparidade cultural entre o “ser” nordestino e o amazônico. Era dito que o imigrante já chegava aos seringais com uma ponta de experiência, advinda das conversas nos portos de lenha, nas cidades e vilas ribeirinhas dos rios amazônicos. As barracas mergulhadas, a canoa andando de um lado para o outro como se fosse cavalo, o

silêncio da atividade humana, no meio da mata, de repente fizeram emergir o terror e pânico à água, o medo do rio que piorava a cada virada de curva. O sertão ainda estava no imaginário, vivia em sua memória e fazia parte das lamentações a todo o momento (BENCHIMOL, 1977).

De pronto a diferença entre as paisagens da Amazônia e do Nordeste saltava aos olhos do jovem migrante: o que uma tem de mais, a outra tem de menos. Não há termos de proporção entre esses extremos. Passa-se, brutalmente, de um deserto para um dilúvio, da caatinga cinzenta para a mata verde e sempre viva. Do sertão para o rio, da sede para o afogamento. O paralelo humano é mais expressivo, pois cada tipo conserva suas fronteiras definidas, com fisionomias e atitudes diferentes, e que muitas vezes são decisivas para a própria sobrevivência aos perigos regionais. O homem do rio é a antítese do homem da seca. Para conceituá-los bastaria o regime antropogeográfico do caminho: um em função do pé e da pata e o outro em razão do remo e da canoa (BENCHIMOL, 1992).

Mesmo com experiências prévias e com a necessidade urgente de fuga das secas, o trabalhador, agora *Soldado da Borracha*, precisava transformar-se para viver essa aventura, utilizando os fatores integrantes do seu corpo social, que ajudariam a admitir (ou a rejeitar) a intrusão de hábitos, condutas, técnicas e instituições estranhas a sua herança e cultura. Sociedades dispõem de forças seletivas, que agem em benefício de sua unidade orgânica, preservando-as tanto quanto possível de tudo o que possa transformar essa unidade ou modificando as novas aquisições até ao ponto que integrem na estrutura tradicional (HOLANDA, 1994).

Numa referência aos Bandeirantes, que desbravaram o interior brasileiro, HOLANDA (1994) destaca que, para eles, alimentos que antes eram considerados

repugnantes passaram a ser aceitos e consumidos, pois a fome não dava qualquer trégua na aventura. E assim, o *Soldado da Borracha*, para sobreviver, devia acolher esses e outros hábitos locais, bem como os recursos utilizados para os respectivos fins, como conviver com animais, em ambiente e comportamentos nativos, e mais, aceitando-os como seus. Isso poderia representar, ao imigrante, vencer ou sucumbir à nova realidade que estava por enfrentar.

A propaganda oficial anunciava que os *Soldados da Borracha* seriam heróis de guerra, tão importantes quanto aqueles que iriam para o *front* europeu, pois sua missão seria a de salvar os Aliados da derrota, fornecendo a matéria prima estratégica para a indústria bélica. Para isso, Getúlio Vargas, estrategicamente, utilizou a imprensa para a militarização da sociedade e invocar sentimentos patrióticos (GONÇALVES e COSTA, 2008).

Figura 9 - Propaganda do SEMTA, invocando sentimentos patrióticos para o convencimento de trabalhar nos seringais da Amazônia.

Fonte: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.

A Constituição Federal dos Estados Unidos do Brasil de 1937 orientava os princípios que regiam a imprensa, quais sejam o caráter público e a obrigatoriedade de inserção de comunicados do governo. Amparadas nesta Lei, as mensagens, notas e propagandas, para convocar a população a se unir no “Esforço de Guerra”, eram amplamente divulgadas, assim como apelos similares eram veiculados nos rádios e jornais (JORNAL O ACRE, 1943).

Getúlio Vargas também conclamava as exigências de militarização e autonomia em defesa da pátria, como mostra a mensagem presidencial divulgada em maio de 1943:

Seringueiros! Dediquei todas as energias à batalha de borracha, precisamos de mais borracha, pois é sobre ela que se encontra a guerra moderna. Pois são grandes os equipamentos que necessitam da goma elástica, produzidas sem repouso, (...) Nas guerras modernas não fazem parte somente soldados que estão no campo de batalha, mas, toda a nação: homens, mulheres, velhos e crianças. A vós, desbravadores da Amazônia, sois mais importantes soldados. Unidos veremos sibilar a bandeira do Brasil. (JORNAL O ACRE, 1943).

A mensagem pretendia tocar os corações dos sertanejos, estratégia ideológica de sedução ao chamamento da pátria. Dessa forma, foram atraídos milhares de jovens para o trabalho nos seringais da Amazônia, procedendo-se o alistamento, treinamento e até concessão de uniformes para aqueles que seriam encaminhados ao *front* dos seringais (MORALES, 2002).

Figura 10 - Militarização dos trabalhadores que foram encaminhados aos seringais nortistas.
Fonte: Memorial dos Autonomistas.

A mobilização dos trabalhadores para os seringais teve duas dimensões: uma nacional e outra local. Na dimensão nacional, a Batalha da Borracha se encaixava no programa de ocupação e colonização dos “espaços vazios” e nos esforços de guerra do Brasil. Na esfera local, a emigração nordestina para a Amazônia era questão que contava com uma longa tradição e alguns debates. Um dos destinos mais procurados pelos jovens entusiasmados, na conjuntura de seca, e não apenas nesta, era o Norte do país, especialmente os Estados do Pará e do Amazonas. Essa propaganda para recrutar trabalhadores explorou alguns elementos desse imaginário, dos desejos e das emoções, por meio de símbolos e discurso apelativos (SECRETO, 2007).

A Propaganda Oficial foi estratégia fundamental para incentivar a campanha nacional de produção da borracha. Além do rádio e dos jornais, a imagem foi largamente utilizada para reforçar e tornar rápido o recrutamento de jovens. Para auxílio, nessa estratégia, o artista plástico suíço Jean Pierre Chablotz, que morava no

Rio de Janeiro, desde 1940, foi contratado como chefe de desenhos publicitários do SEMTA e enviado para Fortaleza como o articulador publicitário do projeto (SECRETO, 2007).

Chablotz tinha em seu currículo cursos na Escola de Belas Artes de Genebra (Curso de Belas Artes e Artes Industriais e Artes Gráficas e Publicidade) e no Instituto Jean Jacques Rosseau. Ou seja, ele possuía requisitos e qualidades importantes para servir às pretensões de alavancar grande contingente nordestino para os seringais nortistas (GONÇALVES e COSTA, 2008). Foi com sua orientação que a propaganda oficial dos Acordos de Washington contou com cartazes, cartilhas, opúsculos, brochuras, entre outros. Estudos a lápis, pastel, nanquim, guache, aquarelas e grandes cartazes impressos em litogravura para estimular o maior número possível de pessoas.

Todas as modalidades de propaganda eram veiculadas em vitrines ou carregadas em marchas cívicas no centro da cidade de Fortaleza. Os desenhos davam ares de campanha de guerra e tentavam persuadir os jovens, por meio de conteúdos simbólicos de uma propaganda, para o convencimento e a justificativa do processo migratório, desde o recrutamento até a transferência de um numeroso contingente de trabalhadores para a campanha governista (GONÇALVES e COSTA, 2008).

É presumível, ainda segundo GONÇALVES e COSTA (2008), que seus projetos estivessem alicerçados nas idéias eugênicas, muito freqüente na época da guerra. Chablotz (2008) criou o esboço de um corpo “normal”, como protótipo a ser comparado aos corpos dos jovens em processo de recrutamento, e o biótipo considerado ideal era definido como *Normolínio*, que apresentava pescoço longo, o tórax com a mesma medida do abdômen, os pelos não abundantes e deviam obedecer

a um tipo de implantação masculina. Esse modelo idealizado estava de acordo com o que preconizava o pensamento médico higienista, em sua vertente eugênica, e essa idéia era aceita por intelectuais brasileiros, entre eles Renato Kehl, Rui Barbosa e Fernando Azevedo, defensores do movimento eugenista e membros fundadores da Sociedade Eugênica de São Paulo (SILVA, 2005).

Em seus desenhos, o artista caracterizou os jovens daquela região que estariam classificados em subcategorias, de acordo com o biótipo de seus corpos, e que não corresponderiam aos padrões esperados para um *Soldado da Borracha* (SOARES, 2001). Com essa perspectiva toda a miséria física e social, em que estava inserida a maioria da população brasileira, era, equivocadamente, desconsiderada. O biótipo dos jovens recebia as seguintes classificações: *Mixotipo*, *Brevilínio* e *Disgenopata* (GONÇALVES e COSTA, 2008).

O biótipo *Mixotipo* constituía o tipo intermediário entre o tipo ideal e o *Disgenopata*. Era considerado o mais próximo do normal, por apresentar tronco longo, pouco volumoso e com os membros inferiores relativamente curtos. Já o *Brevilínio* apresentava ventre volumoso e ausência de pelos, que desvalorizaria o tipo, além de panículo adiposo mal distribuído (GONÇALVES e COSTA, 2008).

O *Disgenopata* apresentava traço de inferioridade psíquica, era considerado “débil mental”, apresentava dismorfia, com o joelho varo e sintomas de inferioridade, com pelos semelhantes à implantação feminina (cabeça e púbis).

Figura 11 – Os biótipos do SEMTA.

Fonte: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.

Contudo, independente de seu biótipo, o SEMTA considerava as pessoas do Nordeste inferiores quando comparados a pessoas de outras regiões do país, e para superar essa condição os recrutas eram submetidos a sessões diárias de ginástica para reconstituição física e moral:

[...] a ginástica, além de ser o regime fundamental para a reconstituição de um povo, cuja virilidade se depaupera e desaparece dia a dia a olhos vistos, é ao mesmo tempo, um exercício eminentemente insuperavelmente moralizador, um germe da ordem (...) e prontidão no obedecer (BARBOSA, 1946, p.47).

Na época, as ideias eugênicas de raça, que estavam em vigor, contribuíam para a desqualificação dos corpos que não atingissem o ideal, proposto pela medicina, baseada na abordagem positiva da ciência e estruturada a partir do ideário burguês de civilidade, que de um lado significava saúde física e de outro lado a disciplinarização da vontade. Desse modo, constitui-se um importante instrumento de construção da ordem, uma vez, como afirma Fernando Azevedo (1960), “um organismo sadio e de músculos adestrados é de certa forma mais fácil a moralizar que uma máquina humana enfraquecida e emperrada”.

Figura 12 - Atividade física em regime militar para adequação da “inferioridade” dos nordestinos às atividades de trabalho no corte da seringa.
Fonte: Memorial dos Autonomistas

Sobre a atividade do corte da seringa, os cartazes de Chablotz mostravam seringueiros, em meio a uma vasta floresta, colhendo látex colocado em grandes tambores e sendo transportados em caminhões e *jipes*. Na realidade, esses cartazes representavam, ou foram inspirados, nos seringais da Malásia, bem diferentes daqueles que os migrantes iriam encontrar na Amazônia, onde a coleta, o transporte e a defumação eram feitos de forma rudimentar e o extrator vivia isolado e solitário na imensidão da selva (MORALES, 2002).

Os cartazes e as pinturas feitas em muros das cidades nordestinas mostravam árvores seringueiras produzindo frutos, quando o trabalho do seringueiro consistia em colher esses frutos e, dessa forma, estava também contribuindo para a vitória da guerra travada naquele momento. A propaganda foi exercida, sem limites, para atrair milhares de pessoas para os confins da Amazônia (NEVES, 1992).

Figura 13

Desenhos de Jean Pierre Chablotz, mostrando uma Amazônia bem diferente daquela encontrada pelos Soldados da Borracha.

Fonte: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.

Figura 14

Entretanto o SEMTA não resumia suas ações, apenas, em querer promover alistamentos voluntários, mas em legitimar, sob a lógica do esforço de guerra, a arregimentação e o treinamento dos trabalhadores. Os principais núcleos foram montados no Nordeste e podia-se alegar que, em virtude da logística de transporte e abastecimento, que isso se deu muito por conta dos flagelos da seca e do grande número de trabalhadores ociosos. Quando não conseguia despertar comoções e solidariedades, a propaganda oficial evocava as sanções e penalidades (GONÇALVES e COSTA, 2008).

O Art. 6º do Decreto Nº. 4.750 instituía a pena de reclusão de 1 a 3 anos e pagamento de multa de cem contos de réis a quem se opusesse a execução das ordens

da Coordenação de Mobilização Econômica, acrescentando que competiria ao Tribunal de Segurança Nacional o julgamento dos crimes previstos no referido artigo. Os que não se integrassem ao chamado “esforço de guerra” podiam ser tidos como apátridas, conspiradores, inimigos (FURTADO, 1979).

Outro expediente usado pelos aliciadores foi o de apresentar o engajamento no exército da borracha, como única alternativa de não ter que participar da Força Expedicionária Brasileira, que lutava nos campos da Itália (MARTINELLO, 2004).

Apesar de seu trabalho na campanha, Chablotz estava muito mais interessado no movimento das artes plásticas e musicais, pois era pintor e violinista. Seu prazer não residia em definir o lugar de um pneu numa estratégia de marketing e sim em refletir sobre o lugar de óleos sobre tela. Quando fez sua primeira viagem ao Norte, para conhecer de perto as condições dos trabalhadores para a Batalha da Borracha, em 1943, testemunhou as experiências desastrosas dos seringueiros cearenses, como também a falta de compromisso verdadeiro dos organizadores da campanha, pedindo demissão (GONÇALVES e COSTA, 2008).

Mesmo com a saída de Chablotz, o processo precisava continuar e o tema que preocupava os coordenadores do projeto era o de como prevenir agravos à saúde, principalmente das doenças infecciosas e parasitárias, peculiares quando há ocupação desordenada da floresta tropical. Afinal, os trabalhadores deveriam estar bem de saúde para cumprir extensa carga de trabalho, mantendo nível excelente de produção de matéria prima (CAMPOS, 2006).

Para esse fim, foi criado, em convênio firmado com o governo brasileiro, na Terceira Reunião de Consulta aos Ministérios das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), como política

externa norte-americana para planejamento e execução de estratégias públicas de saúde internacionais (CAMPOS, 2006).

O SESP pretendia -- como uma das mais importantes atribuições -- sanear a Amazônia, maior fonte de borracha da América do Sul. Para tanto, prestaria assistência médica aos trabalhadores recrutados, enviados aos seringais, através do Programa de Migração, como também nas hospedarias e pousos de Fortaleza, Belém e Manaus, tendo em vista os altos índices de malária, febre amarela e doenças entéricas, dentre outras, que atingiam os trabalhadores nessa região (CAMPOS, 2006).

Figura 15 – Funcionários do SESP. Fonte: Museu dos Autonomistas.

Em princípio, o contrato internacional foi feito para durar um ano e meio, mas foi prorrogado até 1948, quando então o SESP foi assumido, plenamente, pelo Governo Brasileiro (BARRETO, 1944).

Antes da criação desse serviço de assistência em saúde, existiam alguns outros oferecidos pelo Governo Federal e Estadual. Contudo eram serviços específicos e especializados, estando direcionados para as populações que habitavam em cidades mais desenvolvidas na Região Norte. Eram programas para a tuberculose, hanseníase e febre amarela, mas nada em nível de saúde pública e visando a prevenção (CONGRESSO INTERAMERICANO DE MEDICINA, 1946).

O SESP pretendia distribuir, em pelo menos 30 localidades do Vale Amazônico, unidades e distritos sanitários dispersos de forma estratégica, mas que no final informa que trataram-se de 34 serviços de saúde, com 3 modalidades de resolutividade, denominados: Postos de Saúde; Enfermarias ou Postos do Programa de Imigração e Centros de Pesquisa. Nas grandes capitais, como Manaus e Belém (que juntas não tinham nem 300 mil habitantes à época), foram instaladas todas as modalidades. Nas demais cidades ou vilas apenas Postos de Saúde foram disponibilizados pela campanha (CAMPOS, 2006).

Esses Distritos de Saúde foram construídos especialmente pela Divisão de Engenharia do SESP. Suas atividades incluíam: controle das doenças transmissíveis, higiene da criança (incluindo o pré-natal, natal, infantil, pré-escolar, e os cuidados da escola), educação sanitária, saneamento, inspeção de alimentos, avaliação física, assistência médica, administração e bioestatística (CAMPOS, 2006).

Mapa 1 - Distribuição dos serviços de saúde no Vale Amazônico, e complexidade do cuidado, divulgados pelo SESP.

Fonte: Instituto Evandro Chagas.

Também foi do SESP, durante o processo de migração de trabalhadores, a responsabilidade de acompanhar a seleção e o traslado dos *Soldados da Borracha* até os seringais nortistas (DEANE, 1947).

Como parte da preparação para as instalações de saúde no Vale Amazônico, os governos norte-americano e brasileiro realizaram treinamentos para médicos e enfermeiros, em saúde pública, no Rio de Janeiro, São Paulo e nos EUA e encaminhados para os trabalhos na Floresta Amazônica (DEANE, 1947).

O relatório sobre as doenças da Região Amazônica, encomendado pela *Fundação Rockefeller*, para que fosse conhecido o real potencial de agravos à saúde e às condições sanitárias, dizia que de cada 50 *Soldados da Borracha* levados para trabalhar nos seringais das terras baixas do vale, 20 morreriam e outros 20 teriam baixa produtividade por causa de tais doenças. Ele apontava, juntamente com a Comissão Mista de Inquérito Sanitário, que a malária, a tuberculose, a mortalidade

infantil, as doenças entéricas, a filariose, a boubá, o vitiligo, o beribéri e a leishmaniose eram as principais doenças do Vale Amazônico (CAMPOS, 2006).

Apesar da extensa relação de moléstias prevalentes ou incidentes, somente aquelas com capacidade de matar ou incapacitar pessoas tiveram a devida atenção. Dessas doenças, o relatório enfatizava que a malária representava a principal delas, uma vez que era altamente endêmica em toda a região e as epidemias ocorriam sistematicamente, principalmente acometendo aqueles recém-chegados do Nordeste do Brasil (CONGRESSO INTERAMERICANO DE MEDICINA, 1946).

Ainda segundo o relatório, a menor incidência da doença era devido à melhor assistência médica e grande distribuição de drogas anti-maláricas. Tal procedimento pareceu ter conferido certo grau de imunidade na população de importados (BARRETO, 1944).

Sobre os parasitas, a *Fundação Rockefeller* publicou que, dos quatro plasmódios humanos conhecidos, o *Plasmodium vivax* era o mais comum na região, mas o *P. falciparum* era o que assumia pior prognóstico da doença (BARRETO, 1944).

Na mesma época, Maria e Leônidas Deane, indicados pelo pesquisador Evandro Chagas, lideraram o Serviço de Malária do Nordeste – iniciativa promovida, também, pelos governos brasileiro e norte-americano para erradicação do mosquito africano *Anopheles gambiae*, vetor da malária que invadiu Brasil provocando grave epidemia. Nesta época, enquanto Leonidas dedicava-se ao trabalho de campo para mapear a distribuição do mosquito, Maria concentrava-se no laboratório. Percebe-se

a importância da malária no país, uma vez que assolava, também, outras regiões do país (FIOCRUZ, 2008)

Desta forma, natural que os pesquisadores se juntassem à SESP, dedicando-se ao estudo de outros mosquitos transmissores da malária, quando foi possível descrever novas espécies e investigaram o ciclo de vida de anofelinos, gerando conhecimentos sobre a epidemiologia e a transmissão da doença em toda a Amazônia e no Nordeste do país. Cabe ressaltar que o trabalho de Maria e Leônidas não se resumiu a estudos sobre malária, pois também investigaram, com excelência e percorrendo o interior do país, a ocorrência de moléstias como a Leishmaniose e a Doença de Chagas (FIOCRUZ, 2008).

Os estudos evidenciaram, por exemplo, que nas áreas indígenas, o principal vetor da malária era o *Anopheles darlingi*, um mosquito altamente doméstico, que busca sangue humano dentro das casas, principalmente durante a madrugada, quando os moradores estão dormindo (CONGRESSO INTERAMERICANO DE MEDICINA, 1946).

Ficava clara a intenção do SESP em investimentos com ênfase no combate ao mosquito transmissor, e não somente no tratamento e na profilaxia medicamentosa. No entanto, a urgência em manter os seringueiros em condições de trabalho levou a uma liberação indiscriminada de drogas anti-maláricas. Como o quinino não estava disponível durante a guerra, cerca de 18 milhões de comprimidos de atebrina foram utilizados em quatro anos (CAMPOS, 2006).

Algumas informações tão importantes quanto os diagnósticos de doenças da Amazônia também foram prestadas no relatório. Foi dito, por exemplo, que eram os rios de água doce que forneciam as principais vias de transporte das capitais para o interior amazônico. Dizia, também, que, embora a maioria dos rios fossem navegáveis durante o ano inteiro, algumas áreas, as mais remotas da Bacia Amazônica, eram acessíveis, por barco, apenas durante a estação de chuvas, pois na seca ficavam tão rasos que até a menor das embarcações encalhava (CONGRESSO INTERAMERICANO DE MEDICINA, 1946).

Sobre o perfil epidemiológico feito pelo relatório da Fundação *Rockefeller*, as moléstias amazônicas encontradas não eram nenhuma novidade, uma vez que, em 1913, outro relatório já informava que tais doenças estavam presentes na região. A pesquisa e publicação, no início do século XX, (encomendado pelo Superintendente da Defesa da Borracha, senhor Raymundo Pereira da Silva) foi feita pelo pesquisador Oswaldo Gonçalves Cruz em 1912 (REIS, 1972).

Em suas notas sobre a epidemiologia no Vale do Amazonas, Cruz afirmou que:

Certo é que naquelas regiões, no ponto de vista sanitário, encontram-se as mais precárias condições de vida humana, talvez sem paralelo no mundo. De tais condições, porém, a razão única é constituída principalmente pelas endemias que lá existem e cujos processos profiláticos, hoje estabelecidos em fórmulas definitivas, não têm sido aproveitados em benefício daqueles milhares de brasileiros que se extinguem ou se inutilizam no vale do grande rio (REIS, 1972).

Sobre os “Males da Amazônia”, Oswaldo Cruz foi enfático em afirmar que, dentre as doenças mais frequentes (impaludismo, polinevrite palustre, beribéri, disenteria, leishmaniose, puru-purú, feridas, boubá, sífilis, lepra e ancilostomíase), a

malária era a maior causadora de mortalidade da região, corroborando com a conclusão do relatório *Rockefeller*.

Ainda segundo Oswaldo Cruz, a malária era problema tanto pela gravidade da doença quanto pelo tratamento realizado muitas vezes tardiamente, tanto pelas grandes distâncias (da mata aos barracões) quanto pela falta de informação das pessoas que muitas vezes relutavam e atrasavam o tratamento específico (REIS, 1972).

Nos registros, sobre o atual Estado do Acre, Cruz concluiu que “a região está de tal modo infectada (pela malária) que a sua população não tem noção do que seja o estado hígido e para ela a condição de ser enfermo constitui a normalidade” e, numa avaliação mais complexa vem aquela de que o Rio Acre constituía um dos maiores focos mórbidos da Amazônia, ganhando a fama de “campeão da morte” (REIS, 1972).

Figura 16 - Oswaldo Cruz, à beira do Rio Negro: expedição à Amazônia, em 1913 (o cientista está de gravata). Fonte: Fundação Oswaldo Cruz.

Independente das condições de saneamento nas florestas da Amazônia, o processo de mobilização de trabalhadores continuava e, assim, foi formada uma comissão para conduzir os *Soldados da Borracha* para as margens do Rio Amazonas e seus afluentes. O recruta, após ser adestrado e submetido ao treinamento militar, era embarcado em “modernos Navios Negreiros”. Nessa odisséia, rumo ao inferno verde, amontoados como animais, sofrendo fome e humilhações e com o risco de adoecer (NEVES, 1992).

Na data do embarque, os soldados recebiam enxoval improvisado que consistia numa calça de mescla azul, uma blusa de morim branco, um chapéu de palha, um par de alparcatas de rabicho, uma caneca de flandres, um prato fundo, um talher, uma rede e um saco de estopa no lugar da mala. Como presente do presidente Getúlio Vargas, uma carteira de cigarros *Colomy* (BENCHIMOL, 1992).

Para o enfrentamento de tantos problemas e doenças, presentes em todas as etapas da jornada, a necessidade de cuidar do trabalhador recrutado começava já na chegada aos pousos e hospedarias, nas principais capitais nordestinas. A viagem do Nordeste aos seringais acreanos era longa (ANEXO 6). Meses de terra e água percorridos. Começava na carroceria de caminhões na cidade de Fortaleza (CE), que os levavam até a capital do Piauí (SECRETO, 2007).

Figura 17 – Soldados recrutados, transportados em caminhões.

Fonte: Museu da Borracha.

De lá, seguiam por ferrovia até São Luís, no Maranhão, para, enfim, embarcar nas longas jornadas fluviais nos navios da Marinha Brasileira. Os navios gaiola -- embarcações movidas à lenha e abastecidas nos portos de lenha, dispersos em pontos estratégicos da imensidão das águas amazônicas -- assumiam os trabalhadores oriundos do Nordeste nas cidades de Belém, Manaus e Porto Velho, para, então, distribuir os trabalhadores nos seringais. Após essa longa jornada (2 ou 3 meses de intensa expectativa), transpondo as principais cidades da Amazônia, o “soldado” chegava debilitado ao local de desembarque (FURTADO, 1979).

O médico norte-americano Mortimer Rosendeelf testemunhou alguns desses fatos e denunciou ao interventor do Estado do Amazonas, definindo que: [...] ” vi *Soldados da Borracha* debilitados, remexendo latas de lixo para saciar a fome” (MARTINELLO, 2004).

Uma das grandes angústias do trabalhador, na viagem, além das incertezas que emergiam a cada *virada de curva nos rios*, era a ausência da unidade familiar e, mais especificamente, da companheira. O *Soldado da Borracha* daquele tempo, e ainda hoje, entendia sua esposa como elemento fixador por excelência no ato migratório, dando sentido de estabilização e permanência na nova casa (BENCHIMOL, 1977).

Figura 18 – Desenho dos meios de transporte do trabalhadores seringueiros.
Fonte: Museu de Fortaleza.

Logo, é compreensível que o trabalhador solteiro tivesse liberdade para ir e vir, fazer e desfazer, levando vida boêmia e nômade, pois nada o fazia vincular-se, em definitivo, ao meio. Esse perfil conferia ao jovem característica agressiva e, portanto, frequentemente era vítima ou autor de agressões, acidentes e homicídios. Já

para o trabalhador que se acompanhava de mulher e filhos, essa falta de compromisso não acontecia. Dessa forma, deixava de ser um elemento solto, independente, passava a ter obrigação e responsabilidades, perdendo, com isso, muito de sua coragem e de inconstância, exercendo, com presteza e dignidade, as suas atividades profissionais, tornando-se, muitas vezes, submisso aos mandos do *patrão* (BENCHIMOL, 1977).

SECRETO (2007) relata que, para atenuar os abusos de força, na relação trabalhista, testemunhados no primeiro ciclo da borracha, foi elaborado um contrato de *Encaminhamento*, que trazia cláusulas gerais do contrato-padrão de trabalho nos seringais. Assim, de acordo com o documento, o Estado era o encarregado de encaminhar, prestar assistência médica, vesti-los e alimentá-los até seu destino final, nos seringais, e suas famílias, que ficariam alojadas nas hospedarias nordestinas, ainda continuariam recebendo assistência e, em momento pertinente, os familiares seriam encaminhados para o seringal para se juntarem ao *Soldado da Borracha*.

Figura 19 – Notícias que circulavam sobre o recrutamento dos soldados.
Fonte: Museu de Fortaleza.

O contrato também assegurava que o seringalista estava obrigado a entregar ao trabalhador as estradas arrendadas, em condições que permitissem a sua exploração imediata, fornecer adiantamento de gêneros alimentícios, peças de roupas, medicamentos de uso comum, utensílios e ferramentas necessárias ao serviço de extração de látex. Tudo isso com o mínimo de custos ao seringueiro (SECRETO, 2007). O *Encaminhamento*, então, declarava que todas as despesas de transporte e de proteção ao trabalhador e de sua família seriam pagas pelo Governo. Entretanto o processo de endividamento era certo e essa prática se repetiria como ilustra Euclides da Cunha em sua obra “*À margem da História*”:

[...] O seringueiro é um homem que trabalha para escravizar-se... No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até o Pará (35 mil reis), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150 mil reis). Depois vem a importância do transporte, numa gaiola qualquer de Belém ao barracão longínquo que se destina, e que é na média de 150 mil réis. Aditem-se cerca de 800 mil réis para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois cartéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no barracão senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um brabo, isto é, não aprendeu o corte de madeira e já deve 1.135 mil réis. Segue para o posto, solitário, encalçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 paneiros de farinha d'água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750 mil réis. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é brabo canhestro, de quem chasqueia o manso experimentado, e já tem o compromisso sério de 2.090.000 réis (*In*: CUNHA, 2003).

As condições de trabalho, a técnica de coleta e as árvores seringueira eram bem diferentes daquelas mostradas nos desenhos de Pierre Chablotz. Conforme o testemunho de um dos soldados entrevistados por MARTINELLO (2004):

Em Recife, tinha retrato de seringueiro em todas as esquinas com a tigela embutida em um pote como se fosse uma mangueira d'água. Mas deixa que quando a gente vai cortar a seringa o leite sai devagarzinho. É tanto que a gente sai às 3 horas da manhã, às vezes às 2 horas, corta a estrada todinha no período de 4 ou 5 horas de corte e depois de terminar a derradeira madeira a gente retorna à primeira para colher o leite. Às vezes tem madeira que tem um dedal de leite no fundo a tigela.

Chegando ao Acre, os emigrantes eram apresentados aos *patrões*, donos de grande extensão de floresta, para o início das atividades. Começava, então, a formação de uma comunidade trabalhista e familiar integrada, que seguia regras e normas próprias de gerenciamento e de produção. Assim, a relação de trabalho apresentou dois momentos e denominações distintos: no Nordeste é o de recrutamento do *Soldado da Borracha* que irá servir a pátria; nos seringais, o de empregado do patrão seringalista (RANCY, 1986).

O seringal, muito antes do início da Segunda Guerra Mundial, já representava, na Amazônia, a unidade econômico-social mais expressiva e o agente determinante de profundas modificações no modo de vida da população nativa. O Barracão, como a Casa Grande no Nordeste, representava as relações comerciais na floresta (RANCY, 1986).

Esta unidade era composta pelo *seringalista-comerciante* e pelos *fregueses-seringueiros*, espalhados em suas *colocações*, no interior da floresta. A comunicação desses com o Barracão acontecia periodicamente, principalmente pelas necessidades de sobrevivência. O elo de dependência do sistema econômico que caracterizava o seringal constituiu interdependência permanente. Tudo deveria ser comprado e vendido no Barracão. Este, por sua vez, estava ligado, por compromissos idênticos, ao seu aviador, que representava a garantia e o equilíbrio do empreendimento, sendo o valor econômico do seringal calculado pelo número de estradas ou madeiras em condições de produção (RANCY, 1986).

Para orientar esse sistema de trabalho e de comércio, um importante documento foi elaborado pelo seringalista - Otávio Reis - natural de Carataízes (ES), e morador por 50 anos em seringais dos rios Abunã, Guaporé e Acre. Esse documento, mesmo não tendo força de decreto governamental e de direito, se tornou, na prática, aceito e respeitado como manual gerencial dessa unidade de produção (RANCY, 1986).

Suas normas e regulamentos mostravam a opressão e controle presentes no empreendimento gumífero. Vale destacar as seguintes normas: “Obedecendo fielmente a este regulamento, viverão bem e felizes”; “não aceitar *freguês* de outro depósito”; “trabalhar em borracha agrada a *casa* estabelecida para produzir

borracha”; “o extrator deve ter em consideração que quando vem para os seringais e se coloca como extrator é para produzir borracha” e “fazer as transações somente com o depósito onde trabalha, para engrandecimento deste e não o fazer com o outro depósito” (RANCY, 1986).

A Batalha da Borracha, que representava o reaquecimento comercial, após 20 anos de recessão econômica na região, funcionava de maneira ainda mais cruel: o seringueiro estava proibido de vender a borracha para outros comerciantes e o patrão (ou seringalista), muitas vezes, mantinha capangas armados para intimidar os trabalhadores (DEAN, 1987).

Em média, cada *patrão* tinha em seu latifúndio de 6 a 8 *colocações*, que eram aberturas no meio da mata, e onde eram assentados os *Soldados da Borracha*. Assim, cada um habitava e se responsabilizava por uma *colocação* e, a partir dela, eram criadas, na floresta adjacente, as *estradas*, que são áreas percorridas na mata, em forma de círculo, com 2 a 3 quilômetros de extensão, de onde eram *sangradas* as seringueiras para a retirada do leite (SOUZA, 2002).

As *colocações* se distanciavam, consideravelmente, uma das outras para que, assim, um seringueiro não adentrasse na *estrada* do outro (SOUZA, 2002). Nesse sistema comunitário, o fornecedor de suprimentos para a caça e pesca, para as necessidades da casa, utensílios pessoais bem como para medicamentos e paliativos aos trabalhadores eram de exclusividade do *patrão*. Destarte, o latifundiário atingia padrões de lucro expressivos na economia da época (SOUZA, 2002).

Como as atividades da retirada da seringa começavam por volta das 2 horas da manhã, e se estendiam até o início da noite, cada *colocação* tinha, em sua área, de 3 a 9 *estradas*. Muitas vezes o seringueiro recorria a um ator importante para, assim,

poder cumprir com as metas preconizadas pelo patrão (que era, em média, a retirada anual de cerca de 1000 quilos de borracha): o *meieiro*. Esse era o nome dado ao trabalhador autônomo que colaborava com o chefe da família na extração de seringa e, em troca, recebia metade da borracha que retirava, sem qualquer ônus da moradia e alimentação na *colocação*, prestada pelo seringueiro que o subempregava (BENCHIMOL, 1977).

O *Soldado da Borracha* sofria auguras contra o tédio, a solidão e o enclausuramento. Passava, às vezes, até cinco meses sem ver uma pessoa, sem rádio, sem notícias. Anos após a guerra ter terminado muitos soldados acreditavam estar, ainda, servindo a Pátria, em prol dos Países Aliados. Não sabiam, inclusive, que Getúlio Vargas não era mais presidente (BENCHIMOL, 1977).

O custo social desse enclausuramento e exploração e subordinação, segundo Nelson Pinto foi, sem dúvida, proibitivo:

[...] se repetiu o drama dos migrantes do final do século XIX, reforçaram-se os elos de subordinação (...). A Segunda Guerra Mundial e a intervenção governamental nada mais fizeram que injetar um novo alento à atividade, que agonizava. Mais grave do que isso, no entanto, foi o caráter reacionário que essa interferência assumiu, ao financiar seringalistas, assegurar a continuidade da exploração dos seringais em débito junto ao BCB (Banco de Crédito da Borracha), subsidiar o transporte de mão-de-obra para garantir a compra do produto, o Governo Federal recriou uma situação de iniquidade social que já havia causado indignação nos círculos mais conservadores do Congresso Nacional, durante os primeiros anos deste século.[...] O soldado seringueiro continuou como antes: isolado de tudo e de todos totalmente à mercê das vontades de seu patrão, do seringalista e do seu preposto (In: CORSI, 2000, p.214).

Outras adversidades eram as doenças tropicais, principalmente a malária. Segundo dados estatísticos da RDC, para o tratamento dessa doença, somente no

período de 1943-1945, foram vendidos vinte e cinco milhões de comprimidos de atebрина. Além da malária, havia grande frequência de febre tifóide, hepatites virais, meningite, beribéri, verminose, hanseníase, avitaminose, a febre amarela e uma infinidade de mosquitos transmissores das mais desconhecidas enfermidades, que dificultavam o repouso e o sono. Não bastassem esses problemas, muitos *Soldados da Borracha* perderam a visão ocasionada pela fumaça oriunda da defumação do látex. Segundo a professora aposentada Maria do Socorro Menezes, seu marido era natural do Estado da Paraíba, serviu o Brasil como *Soldado da Borracha* e foi acometido de cegueira muito jovem. Ela afirmou, ainda, ter conhecido dois companheiros de seu marido que também eram *Soldados da Borracha*, que ficaram cegos. Afirmou que só veio saber que a fumaça da defumação da borracha produz cegueira muitos anos após seu marido ter sido acometido desse mal (MARTINELLO, 2004).

Figura 20 – Imagem do processo de defumação.

Fonte: Museu dos Autonomistas, Acre.

Não bastasse tanta desventura na luta contra a natureza inóspita, as variações climáticas, chuvas torrenciais, altas umidade, muitas vezes o trabalho do corte era perdido pela chuva inesperada. Esse tipo de chuva misturava água ao látex

impedindo a coagulação. Os *Soldados da Borracha* também temiam os ataques de índios com flechas venenosas e traiçoeiras nas estradas de corte e, muitas vezes, na própria cabana onde residiam. Temiam, também, o envenenamento dos córregos pela raiz de timbó (cipó tóxico), ficando receosos de se alimentarem de peixes. Outro temor era o ataque de animais selvagens, como onças e cobras. Há relatos de que muitos deles tiveram que lutar corpo a corpo com onças e o estrangulamento da cobra *sucuri*, ainda abundante nas regiões ribeirinhas (MARTINELLO, 2004).

E neste *Front* tão ou mais terrível que o Front Europeu, o *Soldado da Borracha* enfrentava a solidão, o controle e a supremacia do patrão, cujos interesses estavam voltados, exclusivamente, para o extrativismo. Tudo que não se referisse a esta atividade era proibido ao seringueiro, desde o cultivo de uma pequena roça no entorno de seu barraco, até a visita a outro seringal (NEVES, 1992).

Esses esforços e transtornos jamais foram reconhecidos pelo Governo Brasileiro. O *Soldado da Borracha* se diferencia enquanto as concepções jurídicas, no que diz respeito à aposentadoria. A designação de soldados recrutados para servir à Pátria, em nome do “Esforço de Guerra”, foi institucionalizada por Decreto Presidencial, o que deveria garantir-lhes dignidade no pós-guerra (FERREIRA, 1991).

Dos direitos garantidos, muito pouco foi cumprido, pois restou a esses homens somente o descaso do Governo Federal, bem como o esquecimento histórico. De aproximadamente setenta e cinco mil recrutas enviados ao *Front Amazônico*, apenas 10% deles retornaram às suas origens, sendo que cerca de 30.000 desapareceram na selva, perderam suas vidas nos seringais ou nas brenhas da floresta (MARTINELLO, 2004).

Os soldados enviados ao *Front Amazônico* correspondiam ao dobro dos soldados enviados ao Continente Europeu. Na Selva Amazônica, 50% dos soldados pereceram motivados pelo abandono, fome, doença e outros incidentes. Pelo final contratual trabalhista -- que era de no mínimo dois anos -- (ANEXO 8), depois pelas chuvas no Nordeste do país -- fato que estimulava o retorno de pequena parcela de seringueiros para as cidades de procedência -- mas principalmente com a crise econômica relacionada ao comércio da borracha e consequente perda da subsistência, milhares de seringueiros saíram das *colocações*, emigrando para Rio Branco. Esses não voltaram para o Nordeste pela vergonha de regressar mais pobres do que quando saíram de lá.

Na Itália, 2% dos Soldados pereceram em combate, já sobre os *Soldados da Borracha*, somente 10% deles retornaram à sua terra de origem no pós-guerra, já os 98% dos soldados da Força Expedicionária Brasileira retornaram ao Brasil, após o conflito. Os Soldados da Borracha foram responsáveis pela produção de milhões de toneladas de borracha para apoiar as nações amigas em beligerância. Os que não conseguiram chegar ao final da batalha, por invalidez ou outro infortúnio, nada receberam como prêmio ou indenização, sendo que o mesmo aconteceu com os seus familiares, contrapondo ao que aconteceu com os Expedicionários da Força Expedicionária Brasileira, que lutaram na Itália que foram amparados pela Constituição Federal de 1946, no seu artigo 178, regulamentado pela Lei nº 5315, de 12 de setembro de 1967, no seu artigo 53, com direitos como:

- Aproveitamento em serviço público;
- Pensão especial;
- Pensão em caso de morte;

- Assistência médica, aposentadoria com proventos integrais;
- Prioridade na aquisição de casa própria entre outros.

Somente após 44 anos de espera é que foram concedidos, através da Lei nº 7986, de 28 de setembro de 1989, os seguintes direitos aos *Soldados da Borracha*:

Art. 1º- É assegurado aos seringueiros recrutados nos termos do Decreto nº 5813, de 14 de setembro de 1943, que tinham trabalhado durante a segunda Guerra Mundial, nos seringais da Região Amazônica, amparados pelo Decreto Lei nº 9882 de 16 de setembro de 1946, e que não possuam meios de subsistência e da sua família, o pagamento da pensão mensal vitalícia correspondente ao valor de 2 (dois) salários mínimos vigentes no País.

Parágrafo único – O benefício a que se refere este artigo estende-se aos seringueiros que, atendendo ao chamamento do Governo Brasileiro, trabalharam na produção da borracha, na região amazônica, contribuindo para o esforço de guerra.

Art.2º O benefício que trata esta lei é transferível aos dependentes que comprovem estado de carência.

A Constituição Federal de 1988 garantiu a aposentadoria de dois salários mínimos ao *Soldado da Borracha* como benefício pelos trabalhos prestados à Pátria. Atualmente, calcula-se que a quase totalidade daqueles jovens sonhadores, transformados em *Soldados da Borracha*, que se deslocaram para a vasta região, já desapareceram. Restam alguns poucos, para os quais a Batalha da Borracha ainda não terminou, não tiveram vitória nem reconhecimento, e os que pereceram não tiveram sequer um túmulo. Sobrou pouco: apenas o anônimo e desconhecido “*Soldado da Borracha*”, sem visibilidade, até na própria historiografia brasileira (SOUZA, 2002).

No final dessa operação, os sobreviventes foram mesmo relegados ao esquecimento e ao abandono. Não lhe foram dadas condições nem mesmo de retornar às origens e, como se sabe, grande maioria nem soube quando a guerra terminou. Muitos deles permaneceram por anos na condição de soldados, acreditando estar servindo a pátria, em favor dos países Aliados. Tais homens não foram, sequer, reconhecidos como heróis nacionais, como apregoava o discurso do Presidente Getulio Vargas e nem enriqueceram como mostrava a propaganda de Chablotz. Foram assim, desqualificados, rotulados de incapazes, tiveram seus corpos esquadrinhados e seus desejos mutilados (SECRETO, 2007).

Apesar dos registros oficiais mostrarem que cerca de nove mil *Soldados da Borracha* recebem, atualmente, os benefícios de aposentadoria, MARTINELLO (2004) é emblemático ao dizer, ainda na década de 80, que um enorme viés acontecia diuturnamente sobre os critérios de como as pessoas que recorriam ao benefício eram contempladas. Isso se deu pela necessidade política da região em formar os “currais eleitorais” para arrecadar votos, em épocas de eleição. E, dessa forma, houve verdadeira diluição do contingente dos Soldados da Borracha, originais com outros agricultores e nativos que trabalhavam no corte da seringa. Muitos, ainda de acordo com Martinello, sem a menor noção de como era a vida e a atividade nas Matas Amazônicas.

Em comparação com aqueles que fizeram parte da força expedicionária na 2ª Guerra Mundial, os *Soldados da Borracha* recebem bem menos reconhecimento do Governo Brasileiro, ilustrado pelos poucos dois salários mínimos pagos. Contudo, em 2002, tentando restituir a valorização histórica dos jovens do Nordeste, na jornada amazônica, a Deputada Federal Vanessa Graziotin foi autora de uma Proposta de

Emenda Constitucional (a PEC 556/2002) que preconizava o aumento do antigo para um vencimento de sete salários mínimos (R\$ 3.535,00) aos aposentados nessa categoria profissional. Dizia ela em sua justificativa: “Após relevantes serviços prestados ao país, na defesa da Pátria e da Segurança Nacional, os seringueiros recrutados para trabalhar na Amazônia, no período que durou a Segunda Guerra Mundial, estão vivendo de forma quase miserável, sem terem reconhecidos, de forma realmente merecedora, os seus atos de heroísmo. Hoje lutam para ter garantido os mesmos direitos que os ex-combatentes de guerra conseguiram na Constituição Federal de 1988. É com esse objetivo que propomos a mudança no texto do Artigo 54, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para que seja feita justiça a esses homens que se embrenharam na Selva Amazônica, num momento tão adverso e contribuíram, efetivamente, para a vitória das tropas aliadas, mesmo sem estar no front de batalha”

A relatora do PEC, Deputada Perpétua Almeida¹, já em 2009, resumiu assim seu parecer:

O destino desses trabalhadores... foi lamentável: metade pereceu na selva amazônica; muitos que lá ficaram nem sequer foram avisados do término da guerra; os sobreviventes não tiveram qualquer apoio governamental para retorno à sua cidade de origem; esses trabalhadores viveram em condições miseráveis durante muitos anos; e, quando, finalmente, o legislador decidiu ampará-los, manteve uma distinção substancial em relação aos que lutaram no front de batalha, com menor risco de vida. Aos ex-combatentes foi assegurada incorporação ao serviço público sem concurso, pensão especial, aposentadoria aos 25 anos de serviço, prioridade na aquisição da casa própria, assistência médica, hospitalar e educacional gratuita. Em especial, o que gera maior desvantagem para os ‘soldados da borracha’ é o fato de receberem uma pensão no valor correspondente a dois salários mínimos - hoje R\$ 930,00 - enquanto os ex-combatentes têm assegurado pensão equivalente à de segundo-tenente, valor atual de R\$ 4.143,00. Ademais, esses últimos recebem o abono anual, ou seja, décimo terceiro salário, enquanto os soldados da borracha não têm esse direito. Pelo alto índice de mortalidade que se verificou entre esses trabalhadores, reportado em cerca da metade do contingente

que foi enviado à selva para extração da borracha, é inegável que o risco a que se submeteram é semelhante ao do soldado que foi para o front de batalha na Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, como medida de justiça e reconhecimento dos importantes serviços prestados por esses trabalhadores, devemos assegurar aos que ainda sobrevivem, melhores condições de vida, mediante aumento no valor da pensão que recebem para o valor correspondente a sete salários mínimos, com direito a abono anual. Em relação às demais garantias, cabe registrar que, ainda que sejam estendidos o aproveitamento no serviço público, sem concurso e aposentadoria aos 25 anos de serviço, tais direitos não poderão mais ser exercidos pelos ‘soldados da borracha’, pois certamente, os que sobreviveram têm hoje mais de 70 anos de idade. Diante da ineficácia nos dias atuais da equiparação do ‘soldado da borracha’ com o ex-combatente, sugerimos que seja preservado grande parte do texto original do art. 54 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, mantendo a vinculação do benefício em números de salário mínimos, mas aumentando o valor da pensão com garantia de abono anual. A vinculação ao salário mínimo justifica-se pelo fato da referida pensão ser paga pelo Instituto Nacional do Seguro Social, do Ministério da Previdência Social, e não pelo Ministério da Defesa, como é o caso da pensão especial de ex-combatente.

Esse ato derradeiro não resgata, de todo, a dignidade plena das almas que escreveram esse importante trecho da história brasileira. Entretanto, mais do que o simples aumento salarial, ter a identidade similar daqueles que combateram, na Itália, pelo país faz justiça ao legítimo valor social daqueles que não só ajudaram a derrubar os países do Eixo na Segunda Guerra Mundial, mas também construíram a sociedade do Norte Brasileiro.

Lamentar as baixas nesse projeto de guerra é comum e redundante, mas exaltar e saber como sobreviveram os demais se faz mandatário. Não por qualquer razão, mas pela finitude do grupo que, pela última vez, tem a oportunidade de relatar os fatos que talvez tenham sido fundamentais para trazê-lo vivo até os dias de hoje.

Julga-se que parte dessa resposta é viável por meio da escuta atenta dos discursos – e respectiva análise de conteúdo – dos migrantes egressos dos seringais acreanos e que envelheceram, buscando reencontrar, ou até recriar, suas

representações sobre o espaço, território, lugar, identidade e ainda suas concepções sobre a saúde e doença.

Em vez de um problema, Getúlio resolveu três: a produção de borracha, o povoamento da Amazônia e a crise do campesinato provocada por uma seca devastadora no Nordeste. A Batalha da Borracha combina o alinhamento do Brasil com os interesses americanos e o projeto de nação do governo Vargas, que previa a constituição da soberania pela ocupação dos vazios territoriais.

Da boca do presidente Vargas, em discurso inflamado, o povo do Nordeste ouviu que eram tão importantes no esforço de guerra quanto os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que iam para Monte Castello. Ouviram também que o seringueiro mais produtivo do ano seria premiado com a bolada de 35 mil cruzeiros. Iludidos, jovens e até mesmo famílias inteiras se alistavam. Conta um Soldado da Borracha que não havia muito interesse por dinheiro. Eles queriam um lugar onde tivesse água, onde a plantação vingasse.

Figura 21 – Instrumentos e apetrechos dos seringueiros - Quadro do artista plástico Hélio Melo.
Fonte: Museu dos Autonomistas.

4. RESULTADOS

Cabe ressaltar a dificuldade de acesso às pessoas que se dispuseram a participar da pesquisa, pelo fato de não se ter registro organizado, por procedência ou por ano, de migração dos *Soldados da Borracha*, disponível nas Instituições, associativas ou não. O Instituto Nacional de Seguridade Social dispõe de banco de dados para fins previdenciários, contudo sem nenhuma possibilidade de diferenciar aqueles que foram contemplados com a referida modalidade de aposentadoria, por terem ido aos seringais nos anos de Guerra, daqueles oriundos do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural – FUNRURAL, o que, em termos de soldo mensal, representam o dobro de dinheiro.

Essa mistura de trabalhadores *Soldados da Borracha*, entre trabalhadores recrutados das vilas e pequenas cidades do Nordeste nos anos 40 do século passado e aqueles que migraram no pós-guerra, ou mesmo acreanos e de outras regiões do país, fez com que o trabalho em busca dos atores participantes se desse através da técnica da “bola de neve” que, em resumo, fez com que os seringueiros, que contemplavam os critérios de inclusão, apresentassem outros trabalhadores que migraram por conta da Segunda Guerra Mundial para os trabalhos nos seringais e assim por diante.

Com essa metodologia foi possível que 33 pessoas participassem da pesquisa, dos quais 32 homens e 1 mulher, todos procedentes da capital do Acre, mas naturais de cidades do Nordeste Brasileiro. A média de idade dos entrevistados foi de 87/54 anos, onde as 2 pessoas mais jovens tinham, em janeiro de 2010, 83 anos e o mais velho, também em janeiro do referido ano, 92 anos.

Apesar de o estudo tratar da história da saúde pública no episódio da Batalha da Borracha, as pessoas entrevistadas apresentavam-se dispostas, participativas, mas com particularidades do estado de saúde atual de relevância para reflexões futuras.

Dos hoje octogenários, por exemplo, 25 deles (75,7%) fumaram ou fumam tabaco, com o tempo de uso médio de 52,16 anos. O Soldado da Borracha que menos fez uso da prática do tabagismo utilizou o tabaco por 20 anos, já o mais comprometido o fez por 80 anos.

Sobre o histórico de uso de bebidas alcoólicas, 18 trabalhadores entrevistados foram praticantes de seu uso, como a cachaça e o álcool doméstico (88%), os mais preferidos pelos seringueiros, seguidos de fermentados e chá do daime. Vale ressaltar que 51% das pessoas tanto fumavam quanto bebiam por um período não inferior a 20 anos.

Corroborando com o que é esperado pela Organização Mundial da Saúde, as doenças e agravos não transmissíveis, após importante redução das doenças infecto-contagiosas que assumiam a maioria da mortalidade geral brasileira. 20 entrevistados estavam em tratamento para Hipertensão Arterial Sistêmica, dos quais 6 já tinham complicações cardiológicas hipertensivas (cardiomiopatia hipertensiva) e seqüelas de Acidente Vascular Cerebral pregresso. Problemas de saúde também frequentes são os problemas respiratórios, com a Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica, ocupando lugar de destaque, acometendo 48% da população estudada, seguida de perto pelo Diabetes mellitus, que assolava 14 *Soldados da Borracha*, daqueles selecionados na presente pesquisa. Outros agravos referidos foram: dislipidemia, síndrome dispéptica, depressão e dores osteo-musculares. Esses achados não foram pontuais e

nem particularizados, uma vez que as pessoas poderiam ter um ou mais agravos simultaneamente. Surpreendente foi o registro de que 3 seringueiros, e apesar de representarem apenas 9% do total presente no trabalho, referiram não estarem tratando ou sentindo qualquer problema de saúde.

A migração para a **Terra da Fartura**, foi sempre estimulada com o aval dos Governos de todos os Estados do Nordeste brasileiro, porém com os Acordos de Washington assinados por Getúlio Vargas em 1943, esta passou a ser estimulada e organizada pelo Governo Federal. O órgão reponsável por este movimento migratório foi Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia ou mais conhecido como SEMTA. Calcula-se que mais de 60.000 pessoas migraram para a região amazônica para trabalharem como *Soldados da Borracha*.

4.1 - DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO

Serão apresentados, a seguir, os discursos obtidos, ilustrados pelas idéias centrais, devidamente representadas pelas categorias, encontradas nas respostas e comentários pertinentes para melhor compreensão desses resultados.

Questão 1. *O senhor morava no Nordeste e decidiu vir morar nos seringais do Acre por quê?*

(O objetivo foi o de resgatar a motivação que fez o jovem sair de seu ambiente de origem e migrar para outro com características opostas a sua realidade).

Nessa primeira questão foram encontradas 06 categorias/representações nos discursos (Gráfico 1) que são:

A - Situações precárias de vida (seca e falta de dinheiro).

B - Foi junto com a família.

C - Aventura, novas experiências e fazer a América.

D – Trabalhar nos Seringais.

E – Escolher entre a guerra e o seringal/promessas do governo.

F – Não respondeu.

Gráfico 1: Distribuição das categorias/representações frente à questão *O senhor morava no Nordeste e decidiu vir morar nos Seringais do Acre por quê?*

CATEGORIA 1 - A

DSC1 A – Situações precárias de vida (seca e falta de dinheiro).

Eu vim cortar seringa por causa da guerra e também porque a situação estava ruim pra nós, aí eu vim. Lá no nordeste não tinha emprego e o salário era de miséria, não dava pra comprar nada. Mesmo com tantos filhos era só o papai que trabalhava e a gente tava passando necessidade. Tinha um escritório que estava alistando as pessoas pra virem pro Amazonas, aí a gente ia lá e dava o nome. Nessa época foi aquele revanche de gente vindo por conta do governo. Mas antes disso já vinha gente por própria conta, como imigrante, porque a seca estava muito forte e nos aperreando muito. Então o pessoal vinham mesmo por conta da necessidade. Todos os anos eles ia lá trazendo gente. Isso foi no início da guerra. (DSC elaborado com os depoimentos sd24; sd27; sd35; sd40; sd47; sd48 e sd54).

O que se nota, nesse discurso, é que havia grande precariedade nas condições de sobrevivência no Nordeste, na época, mas que a decisão das pessoas em migrarem para os seringais da Amazônia foi facilitada pela chamada da pátria ao alistamento de guerra.

CATEGORIA 1- B

DSC1 B – Foi junto com a família.

Eu morava no Nordeste e nessa época o pessoal dizia que no Amazonas a gente juntava dinheiro como folha seca. Ai o papai veio cortar seringa no Acre pensando que ia ganhar dinheiro. Eu vim com os meus pais e mais meus irmãos tudo por conta do governo. Tinha a SEMTA que mandava jovens pra cá, mas antes dele tinha a IMIGRAÇÃO. Pela imigração as pessoa trazia a família toda. Meu tio veio também. Achei que nós vínhamos pra cidade, mas nós viemos mesmo foi pro seringal. Vinham famílias e mais famílias. Hoje eu me considero acriano. Eu acabei a minha mocidade no trabalho da seringa e quebrando castanha. Aliás, eu fazia todo tipo de trabalho pesado. Hoje estou sem forças, estou com 82 anos de idade não sirvo mais pra nada. Sirvo só pra comer e conversar. (DSC elaborado com os depoimentos sd23; sd34; sd46; sd57; sd58; sd60; sd63; sd54).

O conteúdo presente ressalta o mito de que as condições de trabalho, bem remunerado e de fácil execução na Amazônia, eram bem divulgadas em caráter informal e, principalmente, por pessoas que já conheciam a região, mobilizando famílias para a busca de melhores condições de sobrevivência nos cortes de seringa.

Para essa migração, o pretenso seringueiro tinha disponível duas modalidades de encaminhamento prestadas pelo Governo Brasileiro: o projeto do Departamento Nacional de Imigração, idealizado antes do início da guerra, e que mobilizava famílias inteiras para habitar o Norte do país (*a Marcha para o Oeste* de Getúlio Vargas); o Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), criado a partir dos Acordos de Washington, e que se dava pelo recrutamento e seleção de jovens para produzir borracha, matéria prima indispensável para a produção bélica.

CATEGORIA 1 – C

DSC1 C – Aventura, novas experiências e “fazer a América”.

Eu vim porque me disseram que aqui é que se ganhava dinheiro e que logo eu voltava pro Ceará de avião. A mamãe também sempre dizia que sentia vontade de vir, mas uma coisa é que ela queria que eu casasse com quem ela queria, então decidi ir pra um lugar onde eu não tivesse parente para dar pitaco. Mas antes de vir mesmo eu perdi meu pai e minha mãe e então fui morar com minha tia. Na idade de quinze anos eu fiquei com o juízo encasquetado de tanto ouvir o pessoal falar “benção mamãe!” “benção papai!”. Inventei de namorar pra me casar mas, como era de menor, não pude. Fiquei com raiva e nessa época tinha um negócio dos americanos que estavam trazendo gente pra cá pro Acre. O governo estava alistando rapazes pra guerra de 1942 e eu fugi de casa para me alistar e vir pra cá. Como era novo, também queria conhecer outras terras, tinha vontade de conhecer as matas e procurar melhora porque diziam que aqui juntava dinheiro a rodo e que a gente ia fazer a América. Eu vim também pra cá pela folia. O trabalho e a vida lá no nordeste era difícil muito por conta da seca. No nordeste a gente passava o dia trabalhando no pesado pra ganhar quatro cruzeiros e eles diziam que no Amazonas a gente ia ganhar cem, principalmente por conta do preço alto da borracha. Diziam que aqui a vida era bem melhor do que lá. Eu era jovem mas não me arrependo de ter vindo. (DSC elaborado com os depoimentos sd32; sd36; sd42; sd43; sd49; sd50; sd55; sd59; sd64; sd86; sd87; sd23).

O presente discurso destaca que existia o comportamento de rebeldia no jovem e isso colaborou com a vontade de explorar o mundo sem amarras familiares. Fora isso, muito ajudou a necessidade de migração para outros lugares a grande seca que assolava o Nordeste Brasileiro.

A informação trazida pelos *paruaras*, jovens que já tinham voltado da Amazônia, trazendo notícias de prosperidade econômica, também motivou a ida de grande contingente de imigrantes do Nordeste para trabalhar nos seringais Nortistas. Isso fica bem explícito quando o sujeito diz que [...]” *se ganhava dinheiro e que logo eu voltava pro Ceará de avião!*”.

CATEGORIA 1 - D

DSC1 D – Trabalhar nos seringais.

Eu saí de lá na minha juventude com o destino de cortar seringa. Eu achei emprego em Manaus pra ganhar setenta e cinco mil reis por dia, mas eu não quis não. Meu caso era cortar seringa. Aí eu vim para o Acre cortar seringa. Aqui eu casei e tivemos nossos filhos. Eu cortei seringa trinta e oito anos, construí minha família e estou satisfeito, graças a Deus. (DSC elaborado com o depoimento sd45).

Nesse discurso, o sujeito justificou a sua ida para a Amazônia para trabalhar em seringais e cortar seringa, e foram fiéis a esse objetivo, mesmo tendo outras opções de trabalho oferecidas. Não desistiu da atividade extrativista da borracha e nela permaneceu a vida inteira.

CATEGORIA 1 - E

DSC1 E – Escolher entre a guerra e o seringal/promessas do governo.

Foi assim, seu moço, quem fosse convocado tinha apenas duas escolhas: ou vinha pra Amazônia ou ia pra guerra no Monte Casteli. Eu morava no Nordeste e dei preferência para vir para a Amazônia. Era a Segunda Guerra e precisaram de nós aqui como seringueiros para a produção de borracha. Era feito um contrato por dois anos, com a garantia da passagem de volta e da indenização pelos dois anos de trabalho. Fora isso tinha gente que chegava dizendo que passou seis meses no seringal da Amazônia e tirou trinta mil, então vem à ganância e isso facilitava ainda mais a gente escolher vir pra cá. O papai também não queria que eu fosse de jeito nenhum pra guerra. Ele achou melhor eu vim pra Amazônia do que ir pra a guerra. (DSC elaborado com os depoimentos sd25; sd41; sd52; sd61; sd85; sd40).

Fica evidente, nesse discurso que, para um grupo de entrevistados, só existiam duas opções: ou iria trabalhar nos seringais da Amazônia, para produzir a borracha, que era fundamental para a estrutura e para a logística da guerra; ou teria que ir aos campos de guerra italianos. Por orientação familiar, majoritariamente feita

pelo pai, que não aceitava encaminhar seu filho para o campo de guerra, o jovem escolhia trabalhar no corte de seringa.

Se no recrutamento o jovem escolhesse ir trabalhar na produção de borracha, o Governo Brasileiro providenciaria contrato de trabalho de dois anos que, dentre outras coisas, oferecia garantias do retorno e indenização pelo tempo trabalhado.

Uma vez mais o sujeito fala que os rumores de ganho fácil de dinheiro na Amazônia o motivou a aceitar esse trabalho.

CATEGORIA 1- F

DSC1 F – Não respondeu.

Eu morava no Ceará e vim pra cá por conta do governo. (DSC elaborado com o depoimento sd40).

Na resposta desse sujeito não foram encontradas motivações efetivas para a escolha de ir trabalhar no Norte Brasileiro. Depreende-se que houve uma oferta econômica, de ganho econômico por parte do Governo Brasileiro.

Questão 2. Lá no nordeste o senhor não conhecia nada da Amazônia?

(A motivação da pergunta foi de saber se foram prestadas informações de como eram as condições de vida e de trabalho na Amazônia e se sabiam quem as prestou).

A questão gerou 07 categorias/representações nos discursos (Gráfico 2):

A – Falavam que a vida era boa e fácil (dinheiro, trabalho, moradia, etc.)

B – Falavam que a vida era boa e fácil, mas se decepcionou quando chegou lá.

C – Achava que era o fim do mundo, que tinha floresta, índio, cobra e onça.

D – Sabia que tinha doenças e algumas pessoas morriam.

E – Conhecía só o assunto de seringa.

F – Não conhecia.

G – Não respondeu.

Gráfico 2: Distribuição das categorias/representações frente a questão: *Lá no nordeste o senhor não conhecia nada da Amazônia?*

CATEGORIA 2-A

DSC2 A – Falavam que a vida era boa e fácil (dinheiro, trabalho, moradia etc.).

O pessoal que conhecia falava que era bom e que ganhava muito dinheiro. Que tinha muita caça, que os lugares eram bons e a gente podia trabalhar a vontade, como de fato a gente podia trabalhar a vontade mesmo. Falavam também que banana, aqui, era na mata que a gente encontrava, como de fato era mesmo, mas só que era da braba! Diziam que aqui era muito bom e o senhor sabe que o nordestino é um povo de muita coragem! A gente gosta de trabalhar e pela situação do Nordeste, a necessidade, a privação de dinheiro e a gente já passando necessidade, passando até fome, o cabra vai mesmo! Aí nós viemos. Eu e mais umas

peessoas, pra cortar seringa e fazer todo e qualquer serviço que aparecesse. Era o seguinte: quando chegava os brabos eles já pegavam aqueles homens pra cortar de meia. Eles davam casa, comida e ferramenta pro seringueiro trabalhar daí o cabra ia trabalhar. Cortava uma estrada pro patrão e cortava uma pra ele. Aí nós entramos pros seringais, mas naquela época não existia estrada! Não existia nada! Era tudo longe. O sujeito, pra ir pro barracão, levava um dia de viagem no lombo de um burro. Uma viagem que hoje você faz em meia hora de carro a gente só fazia de ano em ano para fazer compra por conta da distância. Tirava aquele saldo no seringal aí vinha, passava uns dois, três dias e comprava as coisas, se bem que no seringal não faltava nada. (DSC elaborado com os depoimentos sd24; sd27; sd42; sd47; sd51; sd52; sd63; sd85; sd86).

Novamente é encontrado, no discurso, de que a Amazônia representava a redenção para um povo que não temia o trabalho, e que ainda teria retorno financeiro grandioso, mesmo não tendo que trabalhar tanto para que isso acontecesse.

A perspectiva de que estava indo para uma região com fauna e flora favoráveis, bem diferentes das que encontrava no Nordeste, trazia a idéia de que a sobrevivência nesse novo ambiente, com frutas e caças, em abundância, melhoraria de forma importante a sua qualidade de vida.

CATEGORIA 2 B

DSC2 B – Falavam que a vida era boa e fácil, mas se decepcionou quando chegou lá.

Olha, a Companhia dizia que aqui no Acre não tinha ninguém e a gente tinha que vir porque era para o auxílio da guerra. Mas diziam que era bom, que vinha pra trabalhar e ganhar dinheiro também, Lá no Nordeste a gente não ouvia falar que aqui morria muita gente mas eu lá sabia como que era a Amazônia! Eles falavam o seguinte: que quando chegasse aqui tinha estrada roçada, casa feita e tudo. Que só era chegar e cortar. Lá no Nordeste diziam que aqui era um Deus novo e que a gente ganhava a vida sem trabalhar e sem dar duro. Mas não tinha nada! Era uma porqueira. O tio da minha mulher, que já morava aqui e já tinha vindo na frente, que me disse: vamos pra lá que dentro de um ano você vem embora pro Ceará de avião, porque lá é bom e você ganha muito dinheiro cortando seringa! Que tirava dinheiro com cambito! Até um homem que realizou meu casamento civil lá no Nordeste disse pra mim: olha tu vai pro Acre e se achar um seringal grande lá que tu vê que é bom manda uma carta pra mim que eu vou comprar um seringal lá pra te empregar. Chegando aqui eu não achei foi nada, tudo diferente, tudo feio, era uma época muito ruim, ninguém conhecia nada e o pessoal chamava a gente de arigó. Eu nunca chorei nem quando meu pai faleceu mas nesse dia eu chorei. Pensava que ia ficar na cidade, não imaginava que o seringal era dentro da mata, daí quando eu cheguei nas matas, num barraco velho de palha eu fiquei com uma tristeza tão grande que se eu pudesse ter criado asa eu teria voado de volta pro meu nordeste! Fiquei triste mesmo, mas não tinha mais jeito. Eu escrevi uma carta para esse homem que fez meu casamento dizendo que ele nem sonhasse em comprar seringal aqui, que não tinha nada de

bom. Quando eu cheguei aqui o cambito era a malária, a onça, a pico de jaca. Morria muita gente. A gente era que nem índio brabo. A gente comeu o pão que o diabo amassou. (DSC elaborado com os depoimentos sd25; sd32; sd36; sd43; sd54; sd58; sd61; sd54).

O discurso faz emergir promessas de que não tinha muita gente morando no Acre e, por isso, tudo era bem mais fácil. Ganhava-se muito dinheiro, com estrutura física do campo já preparada para o migrante trabalhar e que não existiam muitas doenças e nem morriam muitas pessoas.

Entretanto, na chegada ao seringal, o sujeito responde que encontrou realidade oposta à prometida, ressaltando os agravos a saúde, tipo: a malária; os ataques de onças e cobras; as matas fechadas e inadequadas para o trabalho imediato, o que fazia ele próprio aprender e executar atividades de criassem estrutura adequada para o corte da seringa. Tudo isso o fez, tão logo chegou e reconheceu a disparidade entre o prometido e o obtido, desejar criar asas para voltar ao seu Nordeste.

CATEGORIA 2 - C

DSC2 C – Acha que era o fim do mundo, que tinha floresta, índio, cobra e onça.

O pessoal falava da Amazônia lá no Nordeste e a gente achava que era no fim do mundo. Que a Amazônia era um inferno em vida e difícil de chegar. Além do mais tinha floresta e nós tinha que andar na mata, com onça e as cobra. Tinha também as história das aldeia de índio. Mas no Nordeste eu morava em um lugar muito atrasado, sem instrução e não sabia das coisas. (DSC elaborado com os depoimentos sd48; sd55; sd60; sd61, sd86).

A idéia, no discurso, é de que a Amazônia se apresentava ao migrante como um ambiente muito ruim, com dificuldades geográficas e de acesso importantes, bem diferente daquelas encontradas no Nordeste. Das disparidades ambientais, com as quais deveria aprender a conviver, destacam-se os perigos das matas e de seus

animais selvagens, como as onças e as cobras, sem falar nos povos da floresta: os índios.

Para o seringueiro, não conhecer a Amazônia foi atribuído ao fato de, no Nordeste, viver em cidades ou vilarejos sem qualquer estrutura de educação formal básica adequada.

CATEGORIA 2 - D

DSC2 D – Sabia que tinha doenças e algumas pessoas morriam.

No nordeste diziam que aqui era muito doentio e que muitos morriam, e foi assim que eu tinha aquela imaginação do que seria a Amazônia. Depois foi que eu fui ler alguma coisa a respeito. Soldado da Borracha vivo, hoje, tem muito pouco. Eu fiz um poema do seringueiro vou recitar pro senhor "Seringueiro é um homem forte seja do sul ou do norte, é desprovido da sorte, mas não tem medo da morte, ele embrenha-se na mata virgem onde não há reflexo do sol, repleto de inseto, da onça a muriçoca, por isso eu digo e repito, seringueiro é homem forte seja do sul ou do norte". (DSC elaborado com os depoimentos sd41; sd52).

O relato diz que a informação que o jovem tinha, no Nordeste, sobre a Região Amazônica, dava conta de que lá seria propício ao contágio de doenças e que muitos morriam por conta disso. E sobre as principais doenças que tinham conhecimento, destacavam-se aquelas transmitidas por insetos, o ataque das onças bem como a própria inóspita floresta.

CATEGORIA 2-E

DSC2 E – Conhecia só o assunto da seringa.

Eu não conhecia nada daqui. Não tinha propaganda que não fosse os comentários das pessoas. Diziam que era bom pra quem mexesse com seringa e também porque a gente iria contribuir para o benefício do Brasil produzindo borracha. Por isso que nós viemos. (DSC elaborado com os depoimentos sd23; sd41; sd50).

O discurso evidencia a falta de propaganda e de informação oficial sobre a Amazônia, como também dos detalhes de como seriam os trabalhos nos seringais nortistas, restando, apenas, os relatos de quem já havia estado por lá.

Contudo para o sujeito ir aos seringais nortistas significaria ajudar o Brasil a produzir borracha, que naquela época significava também ajudar na guerra.

CATEGORIA 2 - F

DSC2 F – Não conhecia.

Não conhecia nada. Dificilmente se tinha uma pequena notícia da Amazônia. Eu vim saber alguma coisa quando eu já estava em Belém. Eles falavam que aqui era bom de dinheiro e o patrão trazia de tudo pra nós, mas também tinha dificuldade. O seringueiro tinha que tomar cuidado pra não cair na malha fina do patrão, se não ele entrava na bala. Eu ouvi uma história daqui, dizendo que aqui era muito bom de trabalhar, que era muito bom de leite, tinha muito patrão rico e que aqui era favorável. Com a produção de borracha dando dinheiro, aquilo foi inculindo na minha cabeça, eu ainda menino! Aí eu fiquei adulto e disse: você sabe, eu vou lá pro Amazonas ganhar dinheiro também porque todo mundo sonha em ganhar dinheiro. (DSC elaborado com os depoimentos sd35; sd44; sd49; sd57; sd59; sd64, sd87).

O discurso, uma vez mais, ressalta a total falta de conhecimento formal sobre a região que o jovem recrutado iria trabalhar cortando seringa e que ele só ficou conhecendo, à medida que a viagem para os seringais ia acontecendo.

E com a Floresta Amazônica se mostrando a ele, histórias de dinheiro e de riqueza iam cada vez mais tomando conta do imaginário do migrante.

CATEGORIA 2 - G

DSC2 G – Não respondeu.

Não respondeu. (DSC elaborado com os depoimentos sd34; sd40; sd45; sd46).

A pergunta norteadora foi feita mais de uma vez em todas as entrevistas, contudo a resposta não prestou, efetivamente, qualquer idéia que a contemplasse.

Questão 3. Comente como era o local que o senhor ficou hospedado antes de embarcar para o seringal?

(O objetivo foi de saber onde e quais as condições de moradia temporária oferecidas nas capitais do Nordeste pelos Acordos de Washington aos jovens recrutados).

A questão gerou 8 categorias/representações nos discursos (Gráfico 3):

A – Hospedagem em Fortaleza.

B – Hospedagem em Belém.

C – Hospedagem em Macapá.

D – Hospedagem em Manaus e arredores.

E – Hospedagem em Rio Branco e arredores.

F – Hospedagem sem identificação do local.

G – Foi direto para o navio/ não ficou em hospedagem.

H - Não respondeu.

Gráfico 3: Distribuição das categorias/representações frente à questão: *Comente como era o local que o senhor ficou hospedado antes de embarcar para o seringal?*

CATEGORIA 3 - A

DSC3 A – Hospedagem em Fortaleza.

Nós primeiro ficamos em Chorãozinho antes de embarcar pra Fortaleza. A comida lá era boa, a mesma coisa que da serra, porque lá era perto de Fortaleza. Viemos pra Fortaleza de caminhão. Quando nós saímos de Fortaleza ficamos hospedados em um lugar chamado Raúl Soares. De lá pegamos um navio e fomos pra um tal de pouso, que eu não lembro o nome e só depois embarcamos pra cá. A gente ficava em hospedarias antes de embarcar no navio. Tinha esses cantos reservados em Fortaleza pra gente ficar, tinha muita comida, era bom o pouso. (DSC elaborado com os depoimentos sd36; sd42; sd44; sd50; sd60).

O conteúdo da fala nesse discurso destaca que existiram estâncias no interior do estados Nordestinos que abrigavam jovens convocados para os trabalhos na Amazônia e não somente nas capitais.

O grupo definiu que tanto a comida quanto as condições de estadia eram boas nos vários pousos que ficaram.

CATEGORIA 3 - B

DSC3 B – Hospedagem em Belém.

Quando nós chegamos em Belém fomos para uma hospedaria, aí passamos 15 dias comendo por conta do governo. Ninguém pode por defeito, porque eles trataram de nós com todo rigor sobre saúde e alimentação. Tudo nós tinha na mão. Até quem fumava tinha uma carteira de cigarros e uma caixa de fósforos que eles davam. Era assim, a alimentação era examinada pelos médicos americanos, era o maior cuidado, nós não podia sofrer nada que no outro dia a gente estava na enfermaria. Isso perdurou por seis meses. (DSC elaborado com os depoimentos sd43; sd45; sd52; sd57; sd64; sd86; sd42; sd44; sd60).

Apesar dos pousos serem nas grandes capitais nordestinas, no traslado até os diversos destinos na Amazônia também existiam cidades que abrigavam os migrantes. Uma das capitais de trânsito, por exemplo, foi Belém e, mesmo nesses pousos de trânsito, o migrante era bem tratado, com tudo pago pelo governo, serviços de saúde e alimentação de boa qualidade.

A prestação de serviços foi tão boa que o migrante refere que até cigarros, quando queriam fumar, eram oferecidos.

CATEGORIA 3 - C

DSC3 C – Hospedagem em Macapá.

Fomos convocado pra trabalhar em uma base em Macapá e eu fui um dos que foi convocado. Essa foi à primeira vez que eu andei de avião e tive um medo que quase me lasco! Quando nós íamos passando por cima da Bahia de Marajó, onde tem uma pororoca, o avião deu uma queda de quinhentos metros! Nesses quinhentos metros nós estava em trinta e cinco pessoas e a gente olhava uns para os outros e todos estavam da cor de flor de algodão. Ficamos em Macapá trabalhando um mês. (DSC elaborado com o depoimento sd41).

O discurso trás importante informação de que, enquanto não tinha definido o seringal de destino, o migrante poderia trabalhar em outras cidades nortistas que serviam de base para o SEMTA, ou nas que estava habitando provisoriamente, como foi o caso de Macapá.

CATEGORIA 3 - D

DSC3 D – Hospedagem em Manaus e arredores.

Primeiro nós chegamos em Manaus e passamos seis meses no Aleixo, que era uma vilazinha de Manaus. De lá pra cá já era coisa do governo brasileiro. Tinha um almoço bom mas não tinha a janta. Era assim até chegar a Manaus. Quando chegamos a coisa começou a relaxar, coisa de brasileiro mesmo, hoje não chegou, amanhã não tem, fomos indo a vara e o remo. Mas a alimentação era boa. (DSC elaborado com os depoimentos sd35; sd51; sd41; sd44; sd50; sd52; sd57).

Novamente fica explicito, no discurso, que nas capitais de trânsito, quando não estava definido o seringal que iria trabalhar, o migrante exercia outras atividades.

Contudo reclama sobre a alimentação que, diferente das servidas no Nordeste e nos navios, em Manaus, por exemplo, apenas era oferecido o almoço.

CATEGORIA 3 - E

DSC3 E – Hospedagem em Rio Branco e arredores.

Quando chegamos em Rio Branco nos hospedamos em uma usina de castanha que tinha aqui. A gente era bem tratado e a comida era boa. Em Sena Madureira passei alguns dias, depois viemos direto pro seringal. Mas aí, olha, a comida era ruim e havia até confusão por causa dessa comida. Era café com pão. (DSC elaborado com os depoimentos sd49; sd35; sd44; sd57).

Notadamente o migrante, à medida que vai chegando ao seu destino final, diz que houve diminuição importante na qualidade dos alimentos servidos nos pousos por onde habitou, como também nos cuidados gerais.

CATEGORIA 3 - F

DSC3 F – Hospedagem sem identificação do local.

A gente ficava hospedados em hospedarias próprias pra gente. Nesses locais tinha de tudo, comida, bebida o que você quisesse. A comida era boa. Quando a gente foi chamado não levamos nada, só a roupa do corpo e a coragem de andar. Era um galpão grande e todo mundo atava a sua rede, era aquele monte de gente. A gente falava naquele tempo que era a migração, por isso vinha esse monte de gente, vinha de famílias inteiras pra cá e era tudo misturado, eu achava muito divertido. A gente comia e bebia sem trabalhar. Era bom demais! Nós viemos por conta do governo. Nesse local que nos ficamos tinha banheiro em cada pavilhão, nessa hospedaria estavam três mil pessoas e pra mim era divertido demais eu ligava só pra brincadeira. Eu era adolescente. (DSC elaborado com os depoimentos sd25; sd54; sd55; sd58; sd61).

O grupo dessa categoria não identificou o nome e nem o local onde ficava hospedado, mas o compara a galpões, com redes atadas, superlotadas, e um banheiro disponível por cada pavilhão. Apesar disso gostava muito, pois achava o ambiente

divertido, tinha boa comida e bebida. Tudo isso sem precisar trabalhar porque entendia que tudo era oferecido pelo Governo.

CATEGORIA 3 - G

DSC3 G – Foi direto para o navio/ não ficou em hospedagem.

Não, eu não me hospedei em lugar nenhum. De Fortaleza até Belém e de Belém até Manaus pegamos o navio e viemos direto. A nossa comida era um pedaço de pão, aquele mingau velho, aquelas comida velha que davam até dor de barriga no povo. (DSC elaborado com os depoimentos sd23; sd27; sd32; sd40; sd46; sd47).

O discurso presente é de grupo que não ficou em pousos ou hospedarias no traslado do Nordeste até a Região Amazônica. O processo de ida para os seringais se deu de forma muito dinâmica, tanto que o sujeito, quando discorre sobre o traslado, recorda da alimentação de baixa qualidade que consumia nos navios.

CATEGORIA 3 - H

DSC3 H – Não respondeu.

Não respondeu. (DSC elaborado com os depoimentos sd22; sd34; sd48; sd59; sd63; sd85; sd87).

No discurso obtido não foi encontrado qualquer conteúdo que respondesse a pergunta feita.

Questão 4. *A viagem para a Amazônia, como foi?*

(O objetivo foi conhecer os tipos de transporte utilizados para levar os trabalhadores até os seringais amazônicos e refletir sobre as condições que os *Soldados da Borracha* foram submetidos nesse processo).

A questão gerou 10 categorias/representações nos discursos (Gráfico 4):

A – Navios.

B – Outras embarcações.

C – Ônibus.

D – Navios + Outras embarcações (ou vice e versa).

E – Avião + Navio.

F – Caminhão + Navio.

G – Ônibus + Navios + Outras embarcações.

H - Carros + Navios + Outras embarcações.

I - Caminhões + Trem + Navio + Outras embarcações.

J – Não respondeu.

Gráfico 4: Distribuição das categorias/representações frente a questão: A viagem para a Amazônia, como foi?

CATEGORIA 4 - A

DSC4 A – Navios.

A viagem foi de navio. Viemos no navio e de navio fomos até o seringal que nós íamos trabalhar. Passamos seis dias num navio a vapor aí viemos pra Rio Branco e daqui pro seringal. O navio era muito vagaroso, ele queimava a lenha. (DSC elaborado com os depoimentos sd42; sd43; sd46; sd50; sd51; sd57; sd60; sd63; sd87).

1. As condições do navio eram boas

A viagem foi boa. Era o Loide. Tinha enfermeiros dentro do navio e quem adoecia era atendido lá mesmo. Nossa viagem foi tranqüila, era todo mundo junto: homens e mulheres. Também a comida no navio era boa.

2. As condições do navio não eram boas

No navio a alimentação não era boa e nós só não passamos fome porque Deus é bom! Foi uma viagem muita sofrida, passamos muita necessidade. Tinha muita gente e tinha muita avacalhação. Tinha um pessoal no navio que tinha era medo dos arigós! Além disso, antes de entrar no Amazonas, ainda viajando no Loide, a gente vinha todo tempo no escuro e era muito perigoso por causa do submarino. O povo diz que os americanos é que fizeram o Brasil entrar na guerra porque era eles que afundavam os navios do Brasil e botavam a culpa nos alemães. À noite, no navio, a gente nem falava! Era tudo no escuro! Quem fumava não podia fumar porque podia fazer clareza e daí chamava atenção dos submarinos que botava nós a pique.

Pelo relato obtido, nas viagens, havia expressiva variação na qualidade e na prestação de serviços, com direta relação ao do tipo de embarcação que estava, principalmente quando se tratava da qualidade da alimentação, que não era boa.

Nos navios de guerra da Marinha Brasileira (os navios do Lloyd Brasileiro), que faziam o transporte dos *Soldados da Borracha* das cidades nordestinas até Belém, o discurso destaca que cuidados médicos, de enfermagem e a alimentação eram bem satisfatórios. Contudo a viagem era estressante pela permanente possibilidade de ataque de submarinos alemães.

Sobre o torpedeamento de navios brasileiros, na costa norte do país, por submarinos nazistas, há grupo de Soldados da Borracha que é categórico em afirmar que eles não foram abatidos por alemães, mas pelos próprios norte-americanos, com o intuito de gerar comoção popular e, portanto, de adesão mais fácil do Brasil à guerra.

Já sobre as embarcações que navegavam em rios de água doce, entrando no interior brasileiro, o seringueiro disse que a viagem não era boa, pois, por usarem lenha como combustível, o trajeto se tornava lento, além do mais as pessoas responsáveis pelos barcos não gerenciavam as necessidades do passageiro de forma organizada.

CATEGORIA 4 - B

DSC4 B - Outras embarcações.

Eu morava em beira mar aí embarquei num navio, o navio era um Chatão. Era todo aberto. Agora aqueles que eram maior e fechados eram os gaiolas, elas eram de madeira e as condições eram naquele imprensado. Passei muito tempo viajando, quase que eu não chego mais aqui. Nós trocamos várias vezes de embarcação até chegar a Manaus mas graças a Deus chegamos. A gente atava a rede uns por cima dos outros e entrando água no barco. Os porões

eram lacrados, e de um lado e do outro aquela maré d'água. Os coronéis iam lá em cima porque era dividido por classe. Durante a viagem havia até briga. Mas a nossa alimentação no navio era boa, nós fomos muito bem tratados. O rio não estava dando condições e pegamos as chatinhas, daí o rio vazou e pegamos um batelão. Chegamos aqui e fomos pra onde hoje é o mercado municipal. Nessa nossa viagem nós perdemos um cabra que vinha conosco. Nós vimos o jacaré com ele atravessado na boca! (DSC elaborado com os depoimentos sd23; sd35; sd40; sd44; sd86).

Nessa resposta, o discurso descreve o tipo de embarcação e suas características distintas: a Chata, embarcação de pessoas, movidas a lenha, e com distinção de classes (primeira, segunda e terceira classes); o Gaiola, que era embarcação popular e sua maior função era o transporte de animais para a população ribeirinha dos Estados de Belém, Amazonas e Acre. Havia, ainda, o batelão que fazia transporte de forma similar.

Problemas relacionados com as condições de saúde também são destacados, que vão desde superlotação e brigas, até acidentes com afogamentos e ataques de jacarés.

CATEGORIA 4 - C

DSC4 C – Ônibus.

Eu vim de ônibus direto pro Acre. Gastei oito dias pra chegar aqui. (DSC elaborado com o depoimento sd49).

Nessa resposta, o jovem informa que também havia a possibilidade de chegar ao Acre de ônibus, por estrada. Uma possibilidade bastante remota, talvez uma utopia presente no relato.

CATEGORIA 4 - D

DSC4 D - Navios + Outras embarcações (ou vice e versa).

Nós estávamos em nossa casa quando nos chamaram. Pegamos uma lancha e fomos até o navio, subimos em uma escada de cabo até o convés, o pessoal tinha medo porque nesse tempo os submarinos colocavam muitos navios a pique. O navio que nós viemos era grande e de ferro, tinha uns sessenta metros de comprimento e tinha três repartições. Lá em cima era o lugar dos barões e nós dormíamos lá no porão. Era cheio de cama de beliche. Gastamos oito dias do Ceará até Belém, a gente só via água e céu e de lá até aqui a gente vinha fazendo baldeação, trocando de embarcação até chegar. Um dos navios era a óleo e menor um pouco, outros navios eram menor ainda e de madeira que era o batelão. Tinha ainda o navio gaiola e a chata. Depois de uns vinte e poucos dias encostamos no seringal pra desembarcar mercadoria, porque naquela época não existia estrada, então toda mercadoria vinha naqueles navios. Apesar de estranhar muito, comendo aquelas carnes de guerra, comendo farinha d'água que lá no Nordeste a gente não tinha costume de comer, a alimentação era muito boa e ninguém passou fome de jeito nenhum até chegar, porque tinha fartura. O tratamento era especial: nós dormíamos na rede, tinha remédio e o tratamento era bom, a viagem no navio foi boa demais. Mas tinha algumas embarcações que a comida não era boa e nós vínhamos jogados na terceira classe, mas deu pra nós chegarmos aqui, graças a Deus! (DSC elaborado com os depoimentos sd24; sd27; sd32; sd36; sd45; sd47; sd48; sd54; sd55; sd61).

O sujeito descreve, na cronologia do uso, os tipos de embarcação que o levaram até os seringais. Diz que a qualidade dos navios era proporcional a qualidade do cuidado e da alimentação: embarcava no navio do Lloyd Brasileiro no Nordeste e ia até Belém. Da capital paraense, o jovem partia para os seringais navegando em chatas, em gaiolas e em batelões.

Sobre a alimentação, apesar de não estar acostumado com os tipos de alimentos servido nos barcos, bem diferentes dos que consumia no Nordeste, o jovem migrante a considerava muito boa porque tinha em fartura, ou seja, a quantidade para ele, que vinha de uma realidade de extrema escassez tanto de comida como de outros itens de sobrevivência, representava qualidade.

Já sobre as condições de acomodação e cuidados à saúde, fica o destaque que o seringueiro os considerava muito bons, uma vez que havia remédio e dormiam em redes e beliches.

CATEGORIA 4 - E

DSC4 E – Avião + Navio.

Em Belém, um bocado foi convocado pra trabalhar em uma base em Macapá e eu fui um dos que foi convocado. Essa foi à primeira vez que eu andei de avião. Tive um medo que quase me lasco! Quando nós íamos passando por cima da Bahia de Marajó, onde tem uma pororoca, o avião deu uma queda de quinhentos metros. Nesses quinhentos metros nós estávamos em trinta e cinco pessoas, a gente olhava uns para os outros todos estavam da cor de flor de algodão! Ficamos em Macapá trabalhando um mês e de lá viemos trabalhar em Manaus, em outra base chamada Ponta Pelada, que estava em construção. De lá pegamos um navio americano, nessa viagem eu achei um cabra que bebia e que quis até me bater. Mas vinha um rapaz do exército e achou que aquilo era injusto esse cabra era paraibano, telegrafista, mas vinha nesse meio, ignorante, aí o soldado e o tenente que eram passageiros e vinha de lá também pra Manaus disseram a mim que o camarada ia querer me bater. A nossas alpercatas passavam dos dedos da gente mais ou menos um palmo. Eles disseram se ele vim faça o que você puder fazer que o resto nós tomamos conta. Aí aconteceu de ele vir trazendo um negócio na mão, não sei se era um cinturão ou era uma corda, ele achou que ia me bater. Aí eu encruzei as pernas, na hora que ele levantou, eu levantei os pés e ele caiu e eu o peguei, quando eu peguei só fiz pegar, aí o capitão e o sargento tomaram conta dele. Eles bateram muito nesse camarada por lá e jogaram ele no porão. Nessas viagem morria gente! Um que eu vi caiu n'água. Mas de doença morria não. (DSC elaborado com o depoimento sd41).

Em situações especiais, geralmente quando o *Soldado da Borracha* não ia imediatamente para o seringal, ele podia ter sua mão-de-obra aproveitada, principalmente em cidades ou capitais próximas de Belém e Manaus, como foi o caso de Macapá. O trabalhador geralmente ia de avião para que a viagem não demorasse e nem tardasse o início de seu trabalho. Após o retorno à sede, seguia caminho para os seringais.

CATEGORIA 4 - F

DSC4 F – Caminhão + Navio.

Eu vim pra capital Fortaleza de caminhão e fiquei num pouso chamado SEMTA, passei lá maio, junho, julho, quando foi no dia 14 de agosto eu embarquei pra cá, viemos pra São Luiz, depois pra Belém e depois pra Manaus, no navio a gente vinha tudo misturado. Vinha oitocentas pessoas. (DSC elaborado com o depoimento sd59).

O sujeito referiu que os jovens que não moravam perto da sede do SEMTA utilizavam caminhões para serem alistados. Após um período de estada em pousos,

aguardando o seguimento da ida até a Amazônia, faziam o trajeto de São Luís até Manaus por via fluvial. E de Manaus para os seringais, o discurso destaca que as embarcações geralmente navegavam superlotadas.

CATEGORIA 4 - G

DSC4 G – Ônibus + Navios + Outras embarcações.

Nós viemos de navio do Ceará pra Manaus e de Manaus é que pegamos um navio chata. Mas antes nós viemos de ônibus. No navio tinha até padaria, farmácia. Nesse tempo que nós viemos tinha aquele navio que andava de baixo d'água que se chamava submarino. A gente viajava só via água e céu. Quando eles sentiam que o submarino estava perto eles apagavam a luz do navio pra eles não achar a gente. Quando a sereia cantava a gente fazia barulho para os homens que comandavam o navio não escutarem e não perderem o rumo. Tinha farra dentro do navio, era festa todo dia, quando nós chegamos aqui nós fomos trabalhar no seringal. (DSC elaborado com o depoimento sd58).

Já para o sujeito dessa categoria, para chegar à sede onde eram feitos os recrutamentos, ele viajou de ônibus e, para o trajeto no mar, embarcou no Navio Lloid Brasileiro. Refere que lá foi bem tratado, pois tinha até farmácia à disposição dos passageiros. Cita também o medo geral dos migrantes pela ameaça constante de ataque pelos submarinos alemães e que por isso, nas noites, até apagavam as luzes com o objetivo de não se tornarem alvo fácil das tropas alemãs.

Ainda, sobre a manutenção da segurança e de uma boa viagem, o discurso faz emergir o imaginário do Soldado da Borracha, quando este diz que protegia os homens que comandavam o navio do canto da sereia com muito barulho, fazendo com que os marujos não o escutassem e que dessa forma não perderiam o rumo.

Entretanto a viagem não era apenas de medo e de ansiedade pelos riscos que se apresentavam. Festas e descontração durante o trajeto também eram frequentes.

CATEGORIA 4 - H

DSC4 H – Carros + Navios + Outras embarcações.

Nós viemos pra Fortaleza de carro porque eu morava trezentos e setenta e dois quilômetros de Fortaleza e de lá pegamos o navio para Belém, e de Belém pra Manaus. De Manaus para Rio Branco pegamos um navio gaiola e de Rio Branco pra cá viemos de chata. (DSC elaborado com o depoimento sd64).

Ao dizer que foi de carro para Fortaleza, sede do recrutamento para mobilização de trabalhadores para a Amazônia, fica o testemunho de que também havia disparidade social entre os jovens que migraram, mesmo que em pequena monta. Entretanto, a partir da sede do SEMTA, o grupo seguia junto e nos transportes referidos anteriormente: navios da marinha; chatas; gaiolas e batelões.

CATEGORIA 4 - I

DSC4 I – Caminhões + Trem + Navio + Outras embarcações.

Vimos de caminhão, eu e dois rapazes até Piauí. As estradas eram ruins porque naquele tempo ninguém se ouvia falar em asfalto. Nós passamos mais oito dias em acampamento, esperando pra viajar de trem. Foi aí que embarcamos no navio e foi a primeira vez que eu vi a água doce do Amazonas. Nós viemos primeiro em um navio gaiola, depois nós pegamos uma chata e por ultimo nós viemos de batelão. Foi quando o rio secou e o batelão encalhava aqui e acolá, era ruim demais e eu não lembro nem quantos dias a gente gastou. Além disso, a gente não passava muito bem nos barcos não, mas com especialidade nos batelões. Não morria gente não, eles tinham o maior cuidado com a nossa saúde. Em todos esses estados que nós chegávamos, fazíamos exames pra ver se estava bem. Tinha carne conserva, a gente vinha em rede, mas tinha delas que não dava pra gente se esticar e as cobertas eram pequenas. (DSC elaborado com os depoimentos sd25; sd52).

Nesse caso, o *Soldado da Borracha* lembra que existiam outras capitais nordestinas que abrigavam os jovens em trânsito para os trabalhos nos seringais e não somente a capital do Ceará. Nesses casos, eram utilizados, além de caminhões,

trens para deslocamento dos recrutas até cidade litorânea para, assim, pegar os navios e embarcações, de regra, para a chegada ao seringal.

Para o migrante desse discurso, as condições não eram boas nesses barcos, com especial destaque para o batelão (costumava encalhar com facilidade quando trafegava em águas mais rasas. Apesar disso, ressalta que não morriam pessoas porque os comandantes dos barcos os tratavam bem, com assistência médica e oferta de carne em conserva. Dormiam em rede, mas que essas eram pequenas e causavam certo desconforto.

CATEGORIA 4 - J

DSC4 J – Não respondeu.

Não respondeu. (DSC elaborado com os depoimentos sd34; sd85).

O discurso coletivo não contemplou, em qualquer trecho da resposta, a pergunta feita.

Questão 5. *Fale um pouco da pessoa que mandava no seringal e como ela era com o senhor?*

(O objetivo foi de entender a relação do *Soldado da Borracha* com o seringalista, tanto na questão trabalhista como nas mais gerais).

A questão gerou 03 categorias/representações nos discursos (Gráfico 5):

A – Era bem tratado.

B - Não era bem tratado.

C - Era bem tratado quando não tinha saldo e quando tinha era mal tratado.

Gráfico 5: Distribuição das categorias/representações frente a questão 5 encontrada nos discursos dentro dos resultados.

CATEGORIA 5 - A

DSC5 A – Era bem tratado.

Tratava bem! Eu não falo de patrão porque pra mim foi um tempo bom! O pessoal diz que era um tempo ruim, mas era mentira. Era ruim pra malandro que não queria trabalhar! Se e a gente passasse oito dias na mata e não aparecesse ele mandava alguém ir lá pra ver o que estava acontecendo. Era assim! O patrão vendia as mercadorias caras porque tinha muitas despesas, mas ele tratava bem. O seringueiro, se adoecia, ele mandava remédio do barracão, mandava comida e se fosse preciso baixar pra ir ao hospital, ele mandava. Morria porque você sabe, morre gente em qualquer lugar. Os patrões, pra mim, não foram maus não, nunca encontrei patrão ruim. Tinha o noteiro pra fazer a nota, e ele mandava o comboieiro deixar lá pra gente. A gente trazia a borracha do centro pra beira do rio e ele embarcava. Ele reconhecia os seringueiros. (DSC elaborado com os depoimentos sd23; sd24; sd25; sd27; sd32; sd36; sd41; sd42; sd43; sd44; sd45; sd46; sd47; sd48; sd49; sd50; sd51; sd52; sd54; sd55; sd57; sd58; sd59; sd60; sd61; sd63; sd64; sd86; sd87).

O conteúdo do discurso mostra idéia oposta, a fama de que o seringalista era uma pessoa ruim e com históricos de maus tratos dispensados ao seringueiro. O sujeito diz que se tratava de uma pessoa amiga e que se preocupava com os trabalhadores.

Apesar disso, fica claro que o patrão era quem fornecia os produtos necessários para o consumo da família do seringueiro, como comida, mantimentos e medicamentos, vendidos com preços bem acima do mercado formal das cidades pequenas e médias da região norte. Em situações especiais ou de problemas graves de saúde, era o seringalista que encaminhava o seringueiro para um recurso médico adequado.

O comportamento cordial e cuidadoso do patrão, referido pelo seringueiro, não acontecia apenas com aqueles que trabalhavam pouco ou que não alcançavam as metas de produção esperada.

CATEGORIA 5 - B

DSC5 B – Não era bem tratado.

O patrão era um ditador! Quem mandava no Acre era os seringalistas. Era um verdadeiro império. Os coronéis do Nordeste eram os seringalistas da Amazônia! Então você ia trabalhar ou como empregado braçal ou como seringueiro e tinha também o guarda livros e naquela época o guarda livros fazia todo serviço desses seringais todos. Os comboieiro anotavam tudo da compra da borracha: nesse ano deve x, no outro ano deve x. O patrão tratava a gente como se fosse um rebanho de burro! Chantageava, me sacaneava! Chegava dizia assim: você e fulano e mais dez ou quinze vai para o seringal tal. Eles roubava tudo da gente e deixava a gente sem nada. (DSC elaborado com os depoimentos sd40; sd85; sd24; sd41).

Observa-se que o grupo dessa categoria definiu o patrão como um verdadeiro ditador, chegando a compará-lo com os coronéis do Nordeste.

Para a manutenção do controle sobre os seringueiros, o patrão tinha ao seu dispor gerentes no processo de trabalho que fiscalizavam as atitudes e a produção do *Soldado da Borracha*, sendo eles os responsáveis pelo registro de débitos junto ao seringalista.

Criada a relação de conflito, o seringueiro diz que foi tratado como rebanho de burro, sofrendo desde chantagens morais e psicológicas até disparidades entre o salário esperado e o que recebia do seringalista.

CATEGORIA 5 - C

DSC5 C – Era bem tratado quando não tinha saldo e quando tinha era mal tratado.

Enquanto nós devíamos pra ele fomos muito bem tratados, agora depois que começamos a tirar saldo à coisa ficou ruim e o foi assim que meu pai não se deu bem. Discutiu com o patrão e esse desentendimento não foi nem lá em casa. Não sei nem por qual motivo eles se desentenderam. (DSC elaborado com o depoimento sd35).

A essência presente na fala do seringueiro apresenta a variação na relação com o seringalista, entre boa e ruim, que acontecia mediante o nível de dependência econômica do seringueiro para o seringalista: caso o seringueiro estivesse devendo dinheiro (que era o mais comum), o patrão o tratava bem; já nos casos em que o seringueiro, após o mês de trabalho na produção de borracha não obtinha lucro, o seringalista passava a tratá-lo mal. Nesses casos, brigas e desentendimentos eram frequentes entre eles.

Questão 6. *Quais os problemas de saúde que mais aconteciam com o senhor e sua família no seringal?*

(A intenção foi conhecer os tipos de doenças que os *Soldados da Borracha* enfrentaram e a representatividade que elas tinham sobre suas vidas).

A questão gerou 06 categorias/representações nos discursos (Gráfico 6):

A – Doenças infecciosas e parasitárias.

B – Doenças não infecciosas.

C – Acidentes no trabalho na floresta.

D – Acidentes domésticos com armas de fogo.

E – Sem doenças ou agravos a saúde.

F – Não respondeu.

Gráfico 6: Distribuição das categorias/representações frente a questão: *Fale um pouco da pessoa que mandava no seringal e como ela era com o senhor?*

CATEGORIA 6 - A

DSC6 A – Doenças infecciosas e parasitárias.

Bem aí eram vários! Era lombriga, aquele catarão, apareceu um tal de sarampo, uma tal de catapora, uma tal de bexiga, era a febre, era malária, era a sezão, era o paludismo, tinha ferida braba, barriga d'água, tinha doença no útero. Era tão ruim que às vezes a gente saía pra trabalhar ameaçado pela doença e no meio do caminho caía. As vezes no meio da estrada a pessoa piorava e caía lá. Tirando isso, à gente era muito resistente, muito forte e passava por cima daquilo. A doença mesmo que atrapalhava um pouco a gente no trabalho. Naquele tempo as pessoas tinham mais humildade e se adoecia um, a gente colocava na rede e, com vinte ou trinta horas de viagem, trazendo nos ombro, a gente baixava para a cidade. Quando morria a gente atravessava o rio numa embarcação e enterrava o sujeito.

O que eu tive logo de princípio foi Sezão. Eu ia cortar seringa e me deitava lá no mato. Isso era no tempo em que eu estava brabo ainda, aí de lá muitas vezes eu acordava com o balde de leite encostado, uma febre danada, aí eu vinha pelo um pique. Uma coisa que aconteceu comigo senhor, parece uma novela, eu deitado na estrada quando me atacou aquela febre, porque a febre da Sezão quando chega é de uma vez! Dá uma tremedeira danada! Daí eu me deitei na folha, isso talvez fosse umas duas horas, aí me deu aquilo, aí eu peguei no sono, quando eu acordei era escuro e eu perdi o rumo da barraca e da onde eu estava pra barraca era uns quinze minutos. Quando eu acordei tirei no rumo da casa, andei um pedaço e tinha um vaga-lume que ia clareando na frente porque eu não tinha rumo de nada e se não fosse o vagalume eu não tinha saído do lugar. Andei até chegar numa clareira de um roçado que um homem tinha feito, porque quando eu comprei a colocação esse roçado já tinha sido aberto, daí andei até chegar na capoeira, uns quinze minutos, aquela luz por cima de mim clareava

como uma lanterna, deu mais trabalho quando eu cheguei na capoeira pra chegar na barraca do que de vir do mato, porque quando eu cheguei na capoeira aquilo, aquele reflexo, acabou-se. Daí eu andei como daqui ali do outro lado da rua e aquele vaga-lume desapareceu, foi aí qual eu pensei que era um vagalume! Eu cheguei na barraca era só eu e outro companheiro, ele disse: rapaz eu tava pra ir lhe encontrar! E eu disse é mais: Deus me ajudou e não falei nem nada, depois foi que eu disse que todos nós temos uma luz! Eu acho que foi Deus que colocou aquilo ali pra eu não dormir no mato. . (DSC elaborado com os depoimentos sd23; sd24; sd25; sd27; sd32; sd 34; sd35; sd36; sd40; sd42; sd43; sd44; sd46; sd48; sd51; sd52; sd54; sd55; sd57; sd59; sd60; sd63; sd85; sd86; sd87; sd50; sd61).

Das doenças citadas pelo sujeito, nessa categoria, as que se destacam são: a malária: as enteroparasitoses e a tuberculose. Fica claro que os problemas eram enfrentados ou resolvidos quase que por conta própria ou com a solidariedade de outros companheiros seringueiros.

O relato menciona intervenção de médicos ou serviços de saúde nos problemas de saúde referidos. O sujeito sabia que esses profissionais existiam, mas jamais tiveram contato pela falta de acessibilidade a eles.

Apesar de haver referências a diversas doenças, a malária foi a mais freqüente pelos inúmeros sinônimos regionais que possui: sezão, paludismo, febre, tesã, maleita.

CATEGORIA 6 - B

DSC6 B – Doenças não infecciosas.

Os problemas que mais aconteciam no seringal é porque os seringueiro se levantava de madrugada e daí ele faz aquele rancho, rancho de bóia fria. Deixa aquele alimento na boca da estrada e vai cortar, quando chega e volta, lá pelas onze horas, ele vai comer de novo. Aí dá o rodo de novo pra colher, porque se ele não der duas voltas no dia ele não fez nada, se ele só cortar e não colher, não fez nada! Depois disso quando chega na casa ele vai defumar e pega muita quentura e ele às vezes está com o corpo quente e vai tomar banho, aí dava uma febre chamada Beribéri. Dava muito Beribéri. Quando acontecia de dar essa doença o camarada morria logo. Era uma doença que dava nas pernas e tratava de subir pro corpo . O Beribéri é uma febre galopante. O cara saía que nem uma criação. Saía tremendo como se estivesse embriagado, uma dor de cabeça! . (DSC elaborado com os depoimentos sd45; sd50; sd61; sd64; sd25; sd36; sd41; sd54).

O relato responsabilizou a carga de trabalho diária, cerca de 15 horas por dia, como um dos motivo de adoecimento dos seringueiros. Também o ato de defumar o

leite da borracha, que obrigatoriamente deveria ser feito no mesmo dia, é tido como precursor de problemas respiratórios.

O discurso cita o beribéri como doença muito frequente da época. Mas chama a atenção que esse grupo também não faz qualquer alusão a serviços médicos ou de saúde disponíveis para o tratamento dos agravos a saúde citados.

CATEGORIA 6 - C

DSC6 C - Acidentes no trabalho na floresta.

Era estrepada com taboca, essas coisas assim! Porque a gente usava era um sapato de seringa, não era sandália que nem isso existia naquela época. Sapato de seringa qualquer espinho furava. Acontecia também da pessoa se cortar por lá sozinho na mata, às vezes era picado por cobra. Também tinha acidente de espingarda, acidente de armadilha. Quem está dentro da mata está sujeito a qualquer coisa, até um ouriço de castanha mata ele, um pedaço de pau essas coisas assim. Às vezes a pessoa em uma broca de mato, numa queda de pau, ela se batia, às vezes chegava até morrer se o pau caía e batia em cima. Tudo isso é um risco. (DSC elaborado com os depoimentos sd25; sd27; sd32; sd36; sd43; sd52; sd60).

O seringueiro cita os acidentes fatais ocorridos no meio ambiente, tais quais: furadas nos pés, por queda de árvores e picadas de cobras. Mas também eram comuns acidentes com mortes por espingarda e por armadilhas de caça.

Uma novidade para o trabalhador recém-chegado era uso de botas feitas de borracha de seringa. Elas eram usadas por quase todos os seringueiros, contudo eram frágeis e não impediam picadas de cobra e nem furadas de pontas de pau e similares.

Para o *Soldado da Borracha*, viver na mata já representava vulnerabilidade por se tratar de ambiente selvagem, distante e sem recursos médicos disponíveis para o tratamento mais adequado dos problemas de saúde que enfrentou.

CATEGORIA 6 - D

DSC6 D – Acidentes domésticos com armas de fogo.

Agora a pessoa não podia facilitar com a arma! Isso aí acontecia! Era raro acontecer, mas acontecia e está aqui à prova: eu entrando pra defumar, no meio do fumaceiro, podendo ter tirado a arma logo, não! Ai a mamãe me chama com um bule de café na mão e, quando eu fui passando na porta, o gatilho encostou na fechadura, não deu pra armar, nós criávamos porcos e no mesmo tempo os porcos vinham chegando e eu fui levantar a ripa pra fechar com uma mão só, a outra lutando com a espingarda. Rapaz!! Disparou e eu escapei por um milagre. Porque era pra levar a banda mesmo porque eu carregava o cartucho com vontade mesmo, porque na mata tinha muita caça, tinha anta, tinha veado, aí eu agüentei com a mão, minha mãe disse: o que foi isso? Eu disse pra ela ter calma porque numa distância daquela a gente sonhava com um médico, mas só fazia sonhar. A minha mãe costurou o rombo com uma agulha e foram três pedaços, a gente via que tava entre uma junta e outra. Agora ouça bem, ela costurou eu aqui sentado no assoalho de patioba, aquele seringueiro, a agulha ensebada com sebo de veado. Passado muito tempo, eu chegando aqui, fui trabalhar num posto de gasolina e um doutor viu o meu dedo e disse: o que foi isso? Eu disse: Foi um tiro acidental que eu mesmo casualmente provoquei. Eu contei a história como foi, disse que a minha mãe costurou com agulha! Pois ele foi lá em casa no carro dele trouxe um aparelho chegou puxou a minha mão e disse: é verdade! Diz ele que a linha ainda estava ali dentro, boazinha! (DSC elaborado com o depoimento sd23).

Nessa categoria, o sujeito cita as armas de fogo como causa frequente de agravos a saúde do seringueiro no próprio ambiente domiciliar. Como vivia na floresta, era comum ter em casa uma ou mais armas para caça e para proteção contra animais selvagens. Quando esse tipo de acidente acontecia, cuidava do ferimento sozinho ou com ajuda de familiares. Não foi referido o uso de serviços médicos e de saúde para o tratamento dessa modalidade de problema.

CATEGORIA 6 - E

DSC6 E – Sem doenças ou agravos a saúde.

Quase não tinha médico e nem medicamento. O lugar era pequeno, era pouca gente também e não tinha tantos problemas em comparação com hoje em dia. As pessoas naquele tempo eram até sadias demais. (DSC elaborado com os depoimentos sd47; sd49).

Esse sujeito coletivo faz um discurso afirmando que, naquele tempo, as pessoas eram muito saudáveis e que não adoeciam e isso significava sorte, uma vez que não tinham nem médicos ou medicamento disponíveis.

CATEGORIA 6 - F

DSC6 F – DSC F – Não respondeu

Não respondeu. (DSC elaborado com o depoimento sd58).

O discurso desse grupo não respondeu a pergunta.

Questão 7. *Como o senhor curava esses problemas?*

(A intenção foi resgatar as estratégias de cuidado aos agravos a saúde do seringueiro e de sua família, ante dificuldades de acesso a medicamentos e a serviços de saúde).

A questão gerou 04 categorias/representações nos discursos (Gráfico 7):

A – Chás, ervas e remédios caseiros.

B – Barracões: Pílulas e injeções.

C – Rezas.

D - Não respondeu / Não se tratava.

Gráfico 7: Distribuição das categorias/representações frente a questão: *Como o senhor curava esses problemas.*

CATEGORIA 7 - A

DSC7 A - Chás, ervas e remédios caseiros.

A gente usava os chás caseiros. Tinha o chá da carnaúba, o chá de manjirioba, o chá de quinaquina, que é bom pra febre. Tinha um mato que eu não lembro o nome que a gente fazia chá. Tem uma árvore na floresta chamada Quinino, a gente corta a casca dela e faz o chá pra tomar e cortar a febre. Tinha chá de alfazema, tinha chá de mastruz, ele serve pra muita coisa e pra sarar ferimento também. Tinha o chá da semente da melancia, o do dente do porco queimado. E pra sinusite a gente bate a cabacinha como se bate um ovo, depois despeja no nariz. Moço, sai tanta da coisa! Tinha chá de rinchão que seve para o fígado. Já curei até ferida braba com mel e limão, a gente pega e derrama em cima e cura mesmo. O chá da folha do assa-peixe e da folha da capeba é bom pra apenísíte. Pra coluna, o sujeito pega uma cabeça de alho das pequenas, tira os dentes todos, tira a palha e coloca dentro de uma garrafinha de uma buchudinha, pode ser de cachaça ou de álcool, aí deixa passar quarenta dias, quando chega os quarenta dias você pega um conta gotas e coloca vinte gotas de água com vinte gotas daquele álcool e daquele alho que está curtido há quarenta dias aí começa: toma uma pela manhã, toma outra a tarde. Vai até quarenta dias, quando chegar a quarenta volta novamente, do trinta e nove até chegar ao um de novo, aí não sente mais o problema na coluna. Para a próstata tem um remédio muito bom que é o vinho branco com o leite de gaia e aqui na beira do Acre tem muito. Pra reumatismo a butazona. Pra malária você pega um limão, corta, tira o caldo e põe em um copo e toma o caldo, no segundo dia você faz a mesma coisa, no terceiro a mesma coisa, até chegar a nove e quando você chegar nos nove você volta pra oito até chegar no um novamente e nunca mais você vai ter Malária. Tinha a batata da mata, que a gente arrancava umas batatonas que tem na mata aí a gente ralava e tirava aquela água e tomava. Tem uma árvore na mata que se chama Pau Alho e se você cortar um pedaço grande desse pau lhe dá até febre. Quando pegavam os brabos, os arigós que não conheciam e mandavam cortar um pau chamado Taxi, diziam: corta esse pau aí Arigó! O cabra ia lá cortar quando dava a primeira pancada se enchia de formiga. Mas nós ficávamos bom mesmo era como tempo e com a ajuda de Deus, porque a nossa situação era precária, mas Deus é nosso pai e nos ajudava a subir a ladeira. (DSC elaborado com os depoimentos sd23; sd32; sd34; sd45; sd46; sd87; sd25; sd27; sd36).

O relato evidencia que o cuidado aos diversos tipos de agravos à saúde dos seringueiros e de seus familiares se dava por conta própria e que utilizavam remédios caseiros, que eram chás feitos a base de ervas, sementes, cascas de árvores, folhas e raízes. Interessante é que, para o consumo desses medicamentos naturais, a maioria continha água ardente ou álcool doméstico na sua composição.

Os principais problemas tratados com esses remédios naturais eram: malária, feridas, leishmaniose cutânea, lombociatalgias, reumatopatias, renites ou sinusites e dores de estomago ou abdominais.

Em último caso, a fé em Deus e o tempo também curavam os problemas, uma vez que as condições de tratamento eram precárias. Não foram feitas quaisquer referências a serviços de saúde como alternativa de tratamento.

CATEGORIA 7 - B

DSC7 B – Barracões: Pílulas e injeções.

O patrão tinha remédio no barracão e a gente comprava e tomava. Vinha tudo que era de medicamento para o barracão. Se acontecesse alguma coisa grave, a gente corria pro barracão. As medicações que tinha no barracão era: Refodol, Tártaro, Afundam, Glucantime, Camuquim, Ararem, Metoquina, Tebrina, Caboquinha, Melhorol, Quinaquina, tinha Injeção Azul, Penicilina, Tiro Seguro, Bristo, Paludon, Esplena, Soro Antiofídico. Esses eram os nossos remédios pra tratar de tudo. Aqui não tinha médico não senhor! Às vezes curava com o tempo mesmo, ou o camarada ficava bom ou camarada morria. (DSC elaborado com os depoimentos sd24; sd25; sd27; sd36; sd40; sd41; sd42; sd48; sd51; sd55; sd57; sd59; sd61; sd63; sd64; sd86; sd60).

O seringueiro diz que o tratamento para doenças graves estava nas mãos do seringalista. Na verdade, era ele que detinha todos os tipos de remédios que tratavam os problemas mais comuns do seringal, incluindo os da malária, da leishmaniose e de acidente ofídico. Contudo o seringueiro só tinha acesso a esses medicamentos

mediante compra e não era prática comum o fornecimento gratuito por parte do seringalista. Logo, nessa relação social, o Barracão representava o hospital e o seringalista o médico, tendo em vista a inexistência desse tipo de serviço no seringal.

Caso os remédios não fizessem efeito, o seringueiro aguardava a cura em sua fé. O tempo era o responsável pelo prognóstico, que evoluía, inevitavelmente, para duas condições: a morte ou a vida.

CATEGORIA 7 - C

DSC7 C- Rezas.

Tinha as rezadeiras que rezava na gente e curava a doença. (DSC elaborado com o depoimento sd60).

Outra prática de cura e prevenção de males no seringal era a reza, feita exclusivamente pelo rezador, que geralmente eram homens ou mulheres mais velhos da comunidade. Para o *Soldado da Borracha*, após uma forte reza, as doenças eram curadas.

CATEGORIA 7 - D

DSC7 D – Não respondeu / Não se tratava.

A gente curava os nossos problemas de saúde de qualquer jeito. Nem chá a gente sabia fazer porque a gente era brabo. Olha vou dizer uma coisa pro senhor, até mulher lá era difícil. Quando tinha uma festa à gente dançava era homem com homem. Nessas festas dava sempre briga porque o pessoal bebia e brigava. A gente se tratava como Deus dará. (DSC elaborado com os depoimentos sd35; sd43; sd44; sd47; sd49; sd50; sd52; sd54; sd58; sd85).

Para os relatos fincados nessa categoria, o seringueiro tratava dos problemas de saúde ao *Deus dará!* Dando a noção de que ficavam a mercê da sorte, pois nem chás ou coisa parecida sabiam fazer, uma vez que não eram familiarizados com tais

práticas, peculiares da Região Amazônica, e não entendiam nada a respeito dessa alternativa de cuidado.

Questão 8. *Diga quais desses problemas mais matavam os seringueiros?*

(A intenção foi saber quais problemas, entre doenças infecciosas e agravos não transmissíveis, mais evoluíam com a morte de seringueiros).

A questão gerou 07 categorias/representações nos discursos (Gráfico 8):

A – Doenças.

B – Brigas.

C – Ataque por animal selvagem.

D – Acidentes.

E – Ataque por índios.

F – Quase não morria.

G – Não lembra/não respondeu.

Gráfico 8: Distribuição das categorias/representações frente à questão: *Diga quais desses problemas mais matavam os seringueiros?*

CATEGORIA 8 - A

DSC8 A – Doenças.

Olha, a doença que mais matava os seringueiros era a febre, o paludismo, a malária, o sezão e o Beribéri. Tinha seringal que parece que dava praga quando começava a morrer gente dessas doenças! Morria muitos nesse seringal que nós estávamos! Morreu bem uns dez e só escapou nós! Não sei como nós não morremos também. Tratamento não tinha. (DSC elaborado com os depoimentos sd25; sd32; sd35; sd36; sd40; sd41; sd42; sd43; sd46; sd48; sd49; sd54; sd55; sd57; sd59; sd61; sd63; sd64; sd85; sd86; sd87; sd51).

Sobre as doenças que mais matavam o seringueiro, o relato é determinante em afirmar que a malária era a maior de todas, citada no discurso, em seus inúmeros sinônimos, reiterando o fato.

Importante informe, presente na fala do seringueiro, é de que muitos morriam pela completa falta de tratamento médico ou de qualquer outro recurso de cuidado a

saúde no seringal. E quando ele diz, após ter passado por determinada doença ou agravo, não saber como não morreu, fica bem ilustrado tal fato.

CATEGORIA 8 - B

DSC8 B – Brigas.

Na abertura dos seringais mataram muita gente e nunca teve punição pra isso não porque naquele tempo o governo apoiava esse tipo de coisa. Tinha gente que morria porque roubava a mulher do outro, mas isso era a coisa mais antiga, porque antigamente não tinha mulheres nos seringais, só vinham os homens. Nas festas dançava homem com homem, então depois os seringalistas estudaram um jeito de trazer da Praça de Belém, de Manaus, pessoas com famílias e também mulheres sozinhas. O patrão chegava e destinava: isso aqui é mulher pro fulano de tal, isso aqui é pro outro fulano! Chamava: fulano leva essa mulher. No nosso tempo já existia muita mulher, já existiam salões de escolas nos seringais, festas, tinham muita garota, muita menina, muitas mulheres casadas. Mas em tempos atrás não era assim, não tinha mulher, dançava homem com homem aí era quando aconteciam esses desastres de um roubar a mulher do outro. E também tinha brigas por causa de cachaçada. (DSC elaborado com os depoimentos sd23; sd27; sd55; sd87).

No relato, o *Soldado da Borracha* diz que havia muitos assassinatos de seringueiros e que esses homicídios ficavam impunes. Diz que eles aconteciam tanto pela falta de mulheres nos ambientes rurais. Daí havia a prática de seringueiros “roubarem” a mulher de outros seringueiros gerando o conflito, como também pela ingestão excessiva de água-ardente nas festas.

CATEGORIA 8 - C

DSC8 C – Ataque por animal.

Era muito difícil morrer gente lá, mas tinha alguns casos de picada de cobra e de vez em quando a onça atacava o seringueiro. Porque naquele tempo o seringueiro cortava muito de noite, mas era caso raro. (DSC elaborado com os depoimentos sd50; sd51; sd42; sd55; sd87).

O presente discurso do sujeito coletivo destaca que muitos *Soldados da Borracha* morreram por causa de ataques de onças e por picadas de cobras, muito provavelmente porque desconheciam as características de ataque desses animais selvagens. Desta forma, ele atribui esse tipo de ocorrência ao fato dos jovens do sertão e do agreste não estarem ambientados nas florestas e cita, como exemplo dessa inexperiência, o fato de cortarem a seringa no período da noite, expondo-os ainda mais a ataques e acidentes na floresta.

CATEGORIA 8 - D

DSC8 D – Acidentes.

Tinha acidente, mas era pouco. Teve seringueiro que morreu de queda de cima de uma árvore, ele foi derrubar uma castanheira e a outra árvore bateu nele e ele morreu. O coronel estava cansado de dizer que não queria que a gente derrubasse castanheira, porque pra lá, castanheira já era pouca. Castanha mesmo tinha no Amazonas. (DSC elaborado com os depoimentos sd23; sd61).

O relato diz que o seringueiro era vítima de acidentes, mas não com tanta frequência. Um exemplo de acidente fatal foi a de um seringueiro ter testemunhado um colega ser esmagado por queda de tronco de árvore (a castanheira).

CATEGORIA 8 - E

DSC8 E – Ataque por índio.

O índio matou muita gente também, eu mesmo fui atacado por índio na região do Rio Machado em Rondônia. Eu saí de Santarém, no Estado do Pará, com oito companheiros e um deles já tinha ido a um tal lugar e contou muita vantagem! Disse que a gente ganhava muito dinheiro. E eu toda vida gostei de ganhar dinheiro, aí eu disse: eu vou com você. Aí fomos pro Rio Machado. Subimos para um afluente dele no rio Murici e de lá nós viajamos vinte e tantos dias. Quando chegamos lá começamos a trabalhar, não demorou o índio começou a atacar. Nós chegamos no mês de abril e em setembro o índio começou a atacar a gente. Eu não tinha mais confiança de trabalhar no mato. Mas naquele tempo tinha gente que também caçava índio, e o meu patrão mandou chamar dois Tuxaua e dois mateiros, desses que caçavam índio, pra socorrer a gente porque o caso estava sério. Os índios já tinham parado ali ao redor do barracão, seis dias com seis noites, então quando nós estávamos todos reunidos no barracão e quando dava três horas, três e meia, a gente já escutava os índios cantando e nós ficamos guardando o barracão. Mas na chegada deles, antes dos seis dias, eles mataram um seringueiro na flecha, depois que eles mataram esse rapaz, eles passaram seis dias ao redor do barracão, quando completou seis dias eles saíram, mas deixaram muita água intinguzada, aí foi uma desgraça! (DSC elaborado com o depoimento sd87).

O discurso mostra que havia efetivo conflito entre seringueiros e índios àquela época. Apesar da pergunta estar direcionada ao seringueiro, que freqüentemente era morto por ataque de índios, ele também os caçava e matava.

Uma das estratégias que os índios utilizavam para matar os seringueiros era envenenando ou entorpecendo a água dos igarapés, utilizando o cipó do tingui, mergulhado em grande quantidade no trecho do igarapé que, previamente, haviam represado.

CATEGORIA 8 - F

DSC8 F – Quase não morria.

Quase não morria pessoas. (DSC elaborado com o depoimento sd45).

Nesse discurso o sujeito informou que pessoas não morriam com tanta freqüência.

CATEGORIA 8 - G

DSC8 G – Não lembra / Não respondeu.

Eu não lembro. (DSC elaborado com os depoimentos sd24; sd34; sd44; sd47; sd52; sd58; sd60).

Houve grupo de sujeitos que simplesmente não se lembravam de eventos de morte no seringal.

Questão 9. *Como as mulheres pariam no seringal?*

(O objetivo foi o de saber como eram feitos os partos das mulheres dos seringueiros, se havia muitos problemas relacionados a essa prática, no seringal, e se havia serviço de saúde público que prestava esse atendimento).

A questão gerou 06 categorias/representações nos discursos (Gráfico 9):

A – Parteira.

B – Outras mulheres.

C – Sozinhas.

D – Com ajuda dos maridos.

E – Do jeito que Deus dava.

F – Não respondeu.

Gráfico 9: Distribuição das categorias/representações frente a questão: *Como as mulheres pariam no seringal?*

CATEGORIA 9 - A

DSC9 A – Parteira.

Era muito melhor as mulheres ganharem menino nos seringais do que no hospital, porque no seringal existia as parteira, uma velha especializada naquilo. Tinha parteira que era muito melhor do que muitos médicos. O que dava trabalho é porque as vezes tinha parteira que morava com uma hora de viagem outras com duas. Quando as mulheres estavam perto de ter menino, os homem mandavam chamar as parteira pra assistir a prenha e dificilmente acontecia de não dar certo porque as elas tinha muita experiência. Ajeitava as criancinhas e ficava tudo direitinho. Parece que era milagre, porque parto de parteira não morria criança e nem mulher não. Não tinha problema como tem hoje que sempre é preciso o doutor meter a faca. Pariam melhor do que na capital. Ninguém vinha da mata para ter criança na cidade. Quando a mulher sentiu mal pra ter o bebê à parteira vinha dizia: deita aí! Pegava arruda e outros processos na hora certa do parto, via se a criança estava em posição certa, quando a criança estava em posição errada ela colocava a mulher deitada de cabeça pra baixo até normalizar a situação da criança e fazia o parto normal. Meus filhos mesmo todos nasceram no seringal e não morriam crianças de jeito nenhum. Se por um acaso não dava certo a mulher baixava pra cidade de canoa, porque já tinha médico e lá no seringal não. Se morria criança, morria por causa da medicina que faltava mas antigamente as pessoas tinham mais saúde do que agora. Agora morre muito mais do que naquele tempo. (DSC elaborado com os depoimentos sd27; sd32; sd34; sd35; sd40; sd43; sd44; sd46; sd47; sd48; sd49; sd50; sd51; sd55; sd59; sd60; sd61; sd63; sd87; sd23; sd52; sd86).

O relato nessa categoria versa sobre a figura da parteira. Descrita como senhora, geralmente idosa, moradora da região, que atendia várias colocações e que tinha total confiança por parte do seringueiro para fazer o parto da esposa, uma vez que ela era detentora de muita qualidade nessa função, não importando se, muitas vezes, tinha que esperar horas por sua chegada, pois ela podia morar longe de sua casa. Por isso a maioria dos seus filhos nasceu no seringal e nenhum deles morreu.

Numa comparação entre a parteira e o médico, o seringueiro preferia a parteira pela confiança que depositava nela, até porque não tinha médico e nem medicina no local onde morava. Assim, sua referência de partos feitos por médicos se deu após sua saída do seringal, mas, pelo que ouvi falar, muitas crianças morrem nos partos feitos em maternidades e, portanto, prefere o trabalho da parteira ao do médico.

CATEGORIA 9 - B

DSC9 B – Outras mulheres.

Olha tem as pessoas que já nascem pra isso, pra entender as coisas, aí quando chegava o tempo chamava uma vizinha. Tinham outras mulheres que ajudavam, uma ajudava a outra. Muitas vezes o seringueiro saía pra cortar seringa, quando chegava em casa a mulher já estava de menino novo. Mas as mulheres, era muito difícil morrer de parto Deus colocava a mão. (DSC elaborado com os depoimentos sd45; sd57; sd58; sd87; sd24; sd54).

O seringueiro considerava sua comunidade como solidária e, nos casos em que não se tinha a parteira disponível e a gravidez estava em evolução avançada para o nascimento da criança, vizinhas experientes se reuniam e colaboravam com a parturiente, no sentido de promover um parto tranqüilo e com boa sorte. Afinal, segundo ele, as mulheres dificilmente morriam no parto porque *Deus colocava a mão*.

CATEGORIA 9 - C

DSC9 C – Sozinhas.

Era lá mesmo, ela teve menino normal, porque eu toda vida fui uma pessoa muito experiente, desde pequeno, aí anoiteceu e ela andando dentro de casa, a casa era de paxiúba e eu a vi passar a noite andando dentro de casa, ela disse, compadre tu vai buscar uma parteira, mas a parteira estava distante nove horas de viagem, aí eu disse, rapaz eu não vou buscar parteira, eu vou mandar o José, que era o filho dela, eu disse: Zé tu não vai cortar, tu vai buscar a parteira, tu pega o cavalo e vai, tu leva a espingarda e a lanterna tem muita onça, mas ninguém via as onças, tinha muita caça, aí ele foi. Eu disse, eu não vou cortar, quando deu umas horas ela começou a gemer lá pela madrugada aí eu me levantei e fui lá perguntei comadre a senhora quer tomar um chá? Um caldo de caridade? Dizem que é bom, aí fiz um caldo levei, aí ela olhou e disse, Queiroz é o seguinte, o Chico viajou pra comprar mantimento pra o nascimento da criança, então vai ser você mesmo, aí eu fiquei meio cabreiro aí ela pegou uma rede uma coberta e forrou lá no chão. Ela ficou sozinha, até que a criança nasceu, ela me chamou e disse compadre não fique com cerimônia não, e me pediu pra cortar o umbigo da criança. E ela foi dizendo como é que cortava o umbigo. (DSC elaborado com os depoimentos sd24; sd85).

O *Soldado da Borracha* lembra que havia parto que era feito pela própria gestante e que este fato não era raro. Num discurso impressionante, o seringueiro descreve como testemunhou um parto feito pela própria parturiente.

CATEGORIA 9 - D

DSC9 D – Com ajuda dos maridos.

Nos seringais os homens também faziam partos. Sempre eram os maridos porque muitas vezes as parteiras moravam longe e daí eram os maridos quem pegava os meninos do jeito que desse. Nós virava parteira mesmo. Eu mesmo peguei meus filhos. Antes do parto a gente fazia uma oração pra Nossa Senhora. Uma vez minha mulher se aperreou pra ganhar menino e quem foi a parteira dela fui eu. Mas graças a Deus dava tudo certo e as crianças tinha saúde. Só depois chamei a parteira pra cortar o umbigo. Olha moço, as mulheres que tinham os filhos no seringal eram mais sadia do que as que parem aqui na cidade. Deus olha pra mulher de seringueiro. Mulher é bicho de sorte mesmo. (DSC elaborado com os depoimentos sd23; sd25; sd36; sd41; sd54; sd86; sd87; sd35; sd58; sd60).

O relato diz que muitas vezes o parto era feito pelo próprio marido, homem de escolha para o ato, pois não havia tempo para a chegada da parteira ou quando a gestante, inesperadamente, entrava em trabalho de parto.

Numa comparação com os dias de hoje, o seringueiro diz que mulheres que pariam no seringal, pariam com maior segurança das que parem em hospitais. Afinal, diz ele: *Deus olha para mulher de seringueiro!*

CATEGORIA 9 - E

DSC9 E – Do jeito que Deus dava.

Deus dava o jeito, ou paria, ou morria, porque lá não tinha recurso, e também não morria muita criança não. Agora era um lugar que se a pessoa adoecesse, ou ficava bom ou morria. (DSC elaborado com os depoimentos sd42; sd52).

Para essa categoria de resposta, o seringueiro atribuía o bom parto a Deus, e Ele decidia se as mulheres pariam ou morriam porque lá no seringal não existiam recursos (para o parto). Apesar disso, informa também que não havia complicações e nem tantas mortes de recém-nascidos.

CATEGORIA 9 - F

DSC9 F – Não respondeu.

Nessa época já tinha as coisas, já tinha recursos. (DSC elaborado com o depoimento sd64).

A resposta dada pelo seringueiro não foi considerada, uma vez que para o grupo dessa categoria os partos já aconteciam em ambientes hospitalares ou ambulatoriais, e ter os partos feitos nos seringais era critério de inclusão para a questão.

Questão 10. *Vamos voltar no tempo. O senhor vai ter uma segunda chance de escrever a sua vida. O senhor tem 17 anos está lá no nordeste e o governo começou a chamar os garotos para vir trabalhar na Amazônia por conta da guerra. Conte que rumo o senhor gostaria que sua vida tomasse?*

(A intenção foi reconhecer no sentimento dos Soldados da Borracha arrependimentos, vontades, retomadas e de como gostaria que fosse sua vida se tivesse uma segunda chance para vivê-la).

A questão gerou 06 categorias/representações nos discursos (Gráfico 10):

A – Voltava para o seringal.

B – Não voltava.

C – Ia para Manaus.

D – Não saberia o que fazer.

E – Faria tudo de novo mais voltava para o Nordeste.

F – Voltava, mais não para o seringal.

Gráfico 10: Distribuição das categorias/representações frente a questão: *Vamos voltar no tempo... Conte que rumo o senhor gostaria que sua vida tomasse?*

CATEGORIA 10 - A

DSC10 A – Voltava para o seringal.

Faria tudo de novo com todo o prazer. A gente veio enganados porque nós achávamos que era muito bom, que tinha muito dinheiro, mas não era do jeito que falaram não, mas se eu fosse novo de novo e estivesse lá e me chamassem eu vinha novamente cortar seringa. Outra que não tenho vontade de voltar porque acho que não tem mais ninguém da minha família vivo e os conhecidos não me conhecem mais e nem eu a eles. Faz tanto tempo que eu saí da minha cidade! E se eu quisesse ter voltado depois da Segunda Guerra eu voltava, mas lá no nordeste tem muita pobreza, muita dificuldade, pobre lá no Nordeste, meu amigo, passa fome. É claro que aqui também existiam certas dificuldades mas é bom demais! Tem fartura! O que você plantar aqui você colhe, então aqui no Amazonas ninguém passa fome, aqui uma pessoa pra passar fome é uma mão de obra grande. No nordeste não tinha como ganhar dinheiro, nem trabalhando muito nós conseguia. Por conta dessa dificuldade que nem todo mundo que vinha era os reservistas, que vinha obrigado, mas tinha outros que vieram por causa da necessidade mesmo. Minha terra hoje é o Acre e estou satisfeito com minha vida! Fora dizer que é aqui que todos da minha família estão enterrados e eu vou morrer no Acre porque o paraíso do Brasil é o Acre. Pra dizer que não, eu poderia voltar lá só pra passear. Até hoje eu não me arrependi de ter vindo pra cá e eu até gostaria de ser mais novo pra trabalhar mais. (DSC elaborado com os depoimentos sd24; sd27; sd32; sd35; sd36; sd40; sd42; sd48; sd49; sd50; sd52; sd57; sd59; sd60; sd67; sd85; sd87).

Para esse grupo de sujeitos, apesar de reconhecer que foram enganados com promessas de dinheiro e outros benefícios, voltava e fazia tudo novamente, com todo o prazer. Voltaria, cortaria seringa e estabeleceria residência no Acre, pois, para o ele, na Amazônia não se passa fome e o Acre é seu paraíso. Além do mais foi lá que constituiu família e, no caso de voltar hoje em dia, não conheceria mais muita gente e que muitos deles já estão mortos.

Voltaria, também, porque quando deixou o Nordeste a situação era insustentável, com escassez de emprego e uma das maiores secas registradas na história da região.

CATEGORIA 10 - B

DSC10 B - Não voltava.

Eu já conhecendo aqui, não vinha não! Não vinha mesmo! Ficava no meu Nordeste trabalhando com o meu pessoal ou procurava outra coisa pra fazer, embora que me desse mau! Lá eu brincava de vaquejada e era uma animação! Aqui não tinha animação nenhuma e a vida era muito solitária. Naquela época só era trabalho e trabalho, doença e dificuldade. A gente veio pro Amazonas porque a conversa era que aqui ganhava muito dinheiro e todo mundo tem interesse de ganhar dinheiro. Como eu era jovem e não sabia de nada, eu vim. Meu desejo era passar cinco anos no Acre e voltar, mas já estou aqui esse tempo todo. A gente veio pra morar no mato! Sozinho! Eu sofri muito. Uma noite eu acordei assustado com aquele grito no meu pé do ouvido, não sei se era nervoso porque a gente tinha enterrado um rapaz sergipano naquele mesmo dia, como se fosse uma pessoa, daí eu me levantei de dentro do mosquitoireiro, carapanã tinha demais e pensei: eu sozinho e Deus! Isso é vida? Morar numa mata distante de gente, adoecer e não ter por quem chamar? Bem, Deus dava o meio de eu estar vivo como estou até hoje, mas eu não voltava pra cá mais não. (DSC elaborado com os depoimentos sd25; sd34; sd43; sd46; sd47; sd54; sd55; sd58; sd61; sd64; sd86).

Já para este grupo, não voltaria! O fato se justifica porque lá existiam os seus amigos e parentes queridos. Era lá que se divertia nas vaquejadas e nas festividades. Mesmo que não conseguisse emprego, não se arrependeria de continuar no nordeste.

Diz, também, que a experiência da vida na Amazônia foi extremamente negativa. A solidão, o descaso dos patrões e do governo, a mentira de que se ganhava muito dinheiro, a ausência de serviços de saúde, os carapanãs e as doenças, tudo isso conta para que ele não deseje passar por essa história novamente. Agradece a Deus por estar vivo!

CATEGORIA 10 - C

DSC10 C - Ia para Manaus.

Rapaz o Ceará era muito bom, o problema era a falta de chuva. Mas dos lugares que se pudesse voltar eu ia era pra Manaus, eu só vou dar um passeio no Ceará, mas só passear mesmo. (DSC elaborado com o depoimento sd51).

Havia o seringueiro não voltaria para o Nordeste, mas também não iria para os seringais do Acre. O contato prévio às jornadas nos seringais acreanos, com cidades maiores da Região Norte, parece ser bem mais atrativo do que outro destino. Assim, faria de novo, mas ficaria em Manaus.

CATEGORIA 10 - D

DSC10 D - Não saberia o que fazer.

Eu não sei nem o que eu faria, porque naquele tempo não tinha escolha: ou ia pra guerra, ou vinha pro Acre. E ainda tinha os submarinos que estavam atacando e o nosso comandante estava com medo de partir, mas graças a Deus não aconteceu nada. (DSC elaborado com o depoimento sd44).

O grupo presente nessa categoria diz não saber o que fazer. Expõe motivos para temer refazer o trajeto, mas não sabe definir o que faria efetivamente.

CATEGORIA 10 - E

DSC10 E - Faria tudo de novo, mas voltava para o Nordeste.

Rapaz agora eu não tenho mais aquela influência, porque a idade chegou. Ah, meu Deus, quando eu me lembro eu com 17 anos na beira mar tomando aquele banho na Vila Formosa! Comendo! Eu não gosto nem de lembrar. Rapaz, o papai não tinha necessidade de vir pra cá. De momento deu aquela vontade e aqueles coronéis naquela época eram ricos. Hoje não, acabou. (DSC elaborado com o depoimento sd23).

Nessa fala, o sujeito expressa o respeito e a obediência ao comando do pai, que foi determinante para sua ida aos trabalhos de corte de seringa no Norte do País, contudo, suas lembranças agradáveis e pitorescas do Nordeste o fariam voltar após ter cumprido a etapa de trabalho na Amazônia, junto com a família.

CATEGORIA 10 - F

DSC10 F - Voltava, mas não para o seringal.

É o seguinte, se voltasse eu não ia pro seringal não, até porque o seringal hoje está muito desgastado, não tem mais patrão, eles caíram tudo fora. A maior parte das seringueiras do Acre foram devastadas, acabaram com tudo! Onde ainda tem uma seringazinha é no Iaco, nesses outros rios não, o Antimari também tem um pouco ainda. Eu queria que Deus me desse dez anos a mais de resistência do que essa aposentadoria, porque eu ganhava mais, mas eu vinha pro Acre mesmo, porque eu gosto daqui. (DSC elaborado com o depoimento sd45).

Nesse discurso, o *Soldado da Borracha* declara que gosta do Acre e até gostaria de ser mais jovem para poder trabalhar. Assim ele voltaria, mas não para trabalhar em seringais.

5. DISCUSSÃO

O número de pessoas que participaram desta autêntica diáspora nordestina, do sertão até a Floresta Tropical da Amazônia Brasileira, talvez, jamais, seja dado como exato, em números expressivos. Os registros oficiais não são capazes de refletir a realidade social dessa saga brasileira, pois nunca existiram estatísticas de emigração no Nordeste e nem de imigração na Amazônia. Tudo quanto registram os livros de história é o apontamento de um flagelo de retirantes que se amontoavam nas hospedarias no Nordeste, nos porões dos navios e nos centros de recepção e hospedarias em Belém e Manaus. Foram homens que largaram lares e costumes, apostando na salvação financeira pela reativação dos seringais silvestres, incentivados pelos Acordos de Washington (BENCHIMOL, 1992).

Morales (2002) afirma que não seria possível registrar tamanho contingente humano, uma vez que inúmeros seringueiros foram abandonados, perdidos, extraviados ou mortos no movimento da campanha de guerra, sem a divulgação adequada de tais dados, que ficaram sem memória histórica. É como afiança o seringueiro:

"Seringueiro é um homem forte seja do sul ou do norte, é desprovido da sorte, mas não tem medo da morte, ele embrenha-se na mata virgem onde não há reflexo do sol, repleto de insetos, da onça a muriçoca, por isso eu digo e repito, seringueiro é homem forte seja do sul ou do norte"

No cenário das questões teóricas e práticas, da realidade dos livros, em relação à realidade dos relatos, aqui colhidos, postos em fragmentos de discursos coletivos, fez-se um roteiro que ensejou elencar problemas testemunhais desde a

saída dos *Soldados da Borracha* do Nordeste até sua chegada à Amazônia, conseqüente, árduo e hostil trabalho na extração do látex.

Com o propósito de preencher lacunas da história, o estudo procura fazer o resgate dos sentimentos, físico e emocional, desse processo migratório, em pleno Estado Novo do Presidente Getúlio Vargas, colocando em prática a ambição presidencial perseverante de exploração do interior brasileiro, com o patrocínio monetário norte-americano, para o projeto da Marcha para o Oeste do Brasil, cujo interesse econômico era lucrar com fatores da guerra.

Foi assim que a mobilização de jovens, para os trabalhos na extração da goma elástica, na *Batalha da Borracha*, se deu por várias razões e não somente pelo apelo oficial de defesa a pátria. Antes disso o processo de migração interna, no Brasil, segundo Graham e Holanda (1984) tinha sua fonte no Nordeste, que apresentou, historicamente, as maiores taxas de migração do país. O jovem procedente de lá optava pela migração, mas ela era mediada pelo Estado, para uma determinada região e para certas tarefas. Os estímulos que recebia, em termos de promessas e facilidades, estavam circunscritos à Região Amazônica.

A literatura sobre o Ciclo da Borracha e a chegada de trabalhadores do Nordeste na Amazônia apontam que os índices de pessoas vindo para a Região Norte, após o final do primeiro grande ciclo econômico da borracha, caíram, acentuadamente, enquanto, ao mesmo tempo, se elevou a porcentagem dos que migraram para fora dela. No período compreendido entre 1930 e 1940, nenhum movimento significativo de indivíduos, no sentido Nordeste-Amazônia, foi testemunhado (GRAHAM & HOLANDA, 1984).

Para estabelecer associação positiva entre a Amazônia e o Soldado da Borracha recrutado, em particular o cearense, o Presidente Getúlio Vargas exaltou, publicamente, o povo do Nordeste como audaz e corajoso povoador da Amazônia (Vargas, 1941) – *os problemas do nordeste e a ação do governo provisório, discurso proferido em Fortaleza no dia 18 de setembro de 1933*. [In: Vargas, A nova política do Brasil. 1941, volume II].

Nos anos seguintes, Vargas fez inúmeras viagens aos confins da Amazônia para refletir melhor sobre as mais importantes dificuldades de fixação do trabalhador nos campos de corte da seringa. Pelo transporte lento e precário, que o próprio mandatário foi submetido, nessa inspeção do Vale, o Estado permitiu a administração do Lloyd Brasileiro a conceder passagens gratuitas a trabalhadores recrutados, que decidissem ir para os seringais (MORALES, 2002).

Essa atitude fez emergir, claramente, um novo estímulo que não mais a fuga do flagelo que, forçosamente, obrigava os jovens a deixar os sertões, mas sim o simples sabor da aventura, estimulada pela passagem de graça de navios tipo do Llóide. A facilidade fez com que o imaginário do jovem retomasse a vontade de migrar, como testemunha em seu DSC o Soldado da Borracha:

“A viagem foi boa. Era o Llóide. Tinha enfermeiros dentro do navio e quem adoecia era atendido lá mesmo. Nossa viagem foi tranqüila, era todo mundo junto: homens e mulheres. Também a comida no navio era boa”.

Antes mesmo da entrada oficial do Brasil, na Segunda Guerra Mundial, ainda na década de trinta, uma importante reativação na coleta de borracha, em decorrência das relações com a Alemanha ocorrera. Curiosamente, e contando com a simpatia

pessoal do Presidente do Brasil, pelos acordos comerciais com o país, nesse período pré-guerra, os alemães se tornaram os maiores compradores da produção gomífera da Amazônia (DEAN, 1989).

O Brasil, coadjuvante no projeto de guerra norte-americano, contra os países do Eixo, iniciou, então, o processo de recrutamento de pessoas para a produção de borracha. A militarização das ações, colocadas em prática, inserindo termos como “alistamento” e “mobilização” (MORALES, 2002), foi prontamente entendida pelo Soldado da Borracha que diz:

Foi assim, seu moço, quem fosse convocado tinha apenas duas escolhas: ou vinha pra Amazônia ou ia pra guerra no Monte Casteli [...] O papai também não queria que eu fosse de jeito nenhum pra guerra. Ele achou melhor eu vim pra Amazônia.

O conteúdo discursivo, presente na fala do *Soldado da Borracha*, lembra que, para ele, a recusa de ir para Amazônia implicaria em escolher os campos de batalha, mas, esse fato, não se fundamentava no estado das relações entre o Governo Vargas e os Aliados. Ou seja, a obrigatoriedade e restrição das opções de trabalho, no Estado de Guerra, aos jovens serviam a outros propósitos e operava com o princípio da justaposição: colocava dois eventos simultâneos, numa relação de pertinência, e o Governo não fazia qualquer esforço para orientar melhor a sociedade sobre esse equívoco de interpretação. Não ficava claro, de fato, que se o jovem não quisesse vir para os seringais teria que ir, obrigatoriamente, para o confronto a bala, em solo italiano (CAVALHO, 1952).

O discurso coletivo traz à tona, também, outro grande elemento colaborador dos deslocamentos de jovens para a Amazônia: o pai. Nesses casos, predominava o

plano de ganhar dinheiro, voltar, comprar terra, gado ou montar uma mercearia, como demonstra o relato a seguir:

[...] Eles despertam o interesse dos filhos pela Amazônia acenando-lhes com a possibilidade de riqueza e chegam, inclusive, a determinar que se preparem para seguir viagem (MORALES, 2002).

Assim, muitos rapazes deixaram sua terra para buscar no novo meio, em especial no Acre, uma oportunidade de desenvolvimento que o preço alcançado pela borracha propiciava. Buscavam a sobrevivência, mas, em especial, a ampliação ou a melhoria de seus negócios na volta para casa, como acreditavam conseguir, com a preconizada riqueza rápida e fácil da matéria prima gomífera. (RANCY, 1986).

O pessoal que conhecia falava que era bom e que ganhava muito dinheiro.... no Amazonas a gente juntava dinheiro como folha seca[...] Que tinha muita caça, que os lugares eram bons e a gente podia trabalhar a vontade...e que logo eu voltava pro Ceará de avião[...] então vem à ganância e isso facilitava ainda mais a gente escolher vir pra cá... Eu vim com os meus pais e mais meus irmãos tudo por conta do governo.

No trabalho de pesquisa, que envolvia entrevistas com *Soldados da Borracha*, em Manaus, Benchimol (1992) destaca trecho do Sr. Alfredo Constantino, sobre o porque de sua vinda. Diz ele:

Vim por influência [...] Parece que o diabo me tentou. No Crato (CE), mais de mil queriam vir. A gente tava passando necessidade lá. A seca tava braba.

Somado às precárias condições econômicas, na sociedade nordestina, à época, como se percebe, o estado climático desolador também teve sua parcela de colaboração na decisão de aventurar, confirmado no seguinte discurso:

[...] “a situação estava ruim pra nós [...] no Nordeste não tinha emprego e o salário era de miséria, não dava pra comprar nada [...] a seca estava muito forte e nos aperreando muito [...] pela situação [...] pela privação de dinheiro [...] o cabra vai mesmo”.

Sentimento corroborado em depoimentos colhidos por Benchimol (1992), um deles assim se justificava: *“A seca me cutucou: ou corre, ou morre”*.

Com essa frase o Soldado diz muito, em poucas palavras. Migrar, portanto, tem sempre um sentido ambíguo – como uma imposição das condições econômicas e sociais ou ambientais – e, nesse caso, ela aparece, no mais das vezes, como um dos mais fortes elementos que explicariam uma destinação do ser “nordestino”, mas também como uma escolha contra a miséria e a pobreza da vida no sertão. Migrar é, em última instância, dizer não à situação em que se vive, é pegar o destino com as próprias mãos, resgatar sonhos e esperanças de vida melhor ou mesmo diferente. O problema está no fato de que numa vasta produção discursiva, retirou-se do migrante a sua condição de sujeito, como se migrar não fosse uma escolha, como se ele não tivesse vontade própria. Migrar pode ser entendido como estratégia não só para minimizar as penúrias do cotidiano, mas também para buscar um lugar social onde se possa driblar a exclusão pretendida pelas elites brasileiras, através de seus projetos modernizantes.

Em verdade, muitas foram às promessas feitas aos seringueiros para que migrassem, de contratos trabalhistas à segurança de retorno seguro e proteção à família que ficava. Mas o principal incentivo da vinda e ida de trabalhadores para o corte da seringa, no início da década de 40, do século passado, foi o acesso ao transporte gratuito (TOTA, 2000.)

Isso demonstra que o público-alvo do SEMTA possuía alguma percepção do que estava acontecendo, ou seja, essa gente tinha consciência daquilo que lhes era prometido, todos seriam salvadores da pátria, pelo empenho de guerra, pela produção de matéria prima bélica, não era aquela que estava em seus planos que, com se viu, tem inúmeras motivações. Talvez até não acreditassem em sua viabilidade. Portanto, esta conduta pode ser vista como a margem de manobra que os indivíduos encontravam e da qual lançavam mão para resolverem suas vidas, e não de outros. Grande parte das falhas no encaminhamento parece ter como principal responsável o fato de não se levar em conta que os migrantes eram indivíduos dotados de uma racionalidade, fato que os habilitava a calcular suas possibilidades de êxito ou fracasso. Isso lhes permitia jogar com as oportunidades que lhes apareciam. Logo, não eram, na totalidade, “aliciados” (MORALES, 2002).

Eu saí de lá na minha juventude com o destino de cortar seringa... Meu caso era cortar seringa. Aí eu vim para o Acre cortar seringa. Era feito um contrato por dois anos, com a garantia da passagem de volta e da indenização pelos dois anos de trabalho... por conta do governo.

Observa-se, tanto na literatura quanto nos discursos coletivos, que quando se trata de migração nordestina, tudo se passa como se fosse uma decorrência

econômica e social natural, levando-se em conta a construção imaginária do tripé Nordeste/seca/ migração. Essa construção imaginária "destina" ao homem do Nordeste a condição e migrante, pobre e flagelado. De certo modo, essa representação social contribui para criar a invisibilidade histórica em torno do migrante, deslocando as questões para outros campos que não favoreciam o surgimento de uma história social que os incluísse.

Percebe-se, em quase todos os textos, que a prática desse movimento não foi, em qualquer momento, das mais fáceis. Aqueles que conseguiram livrar-se das secas no sertão desértico e da morte da imigração, aguardavam a normalidade para, assim, retornar a suas casas, ao seu trabalho e, quem sabe, reunir a família outra vez. A terra produziria, novamente, e o equilíbrio e o trabalhador retornariam ao sertão (RANCY, 1986).

Como se nota, após o primeiro grande ciclo econômico da extração da borracha, na Amazônia, o trânsito de pessoas, mesmo que insuficiente para o aquecimento da economia da região, continuava a ocorrer. As notícias já não davam mais conta de que os “paroaras” seriam vistos com a mesma frequência de antes. Logo, os contos de enriquecimento, com pouco trabalho, já não faziam o mesmo efeito no sentimento dos trabalhadores (COSTA, 1974).

Embasados nessa premissa, um novo tipo de imigrante surgia: a dos aventureiros, cujo objetivo maior era transpor as fronteiras do Nordeste em busca de diversão, possibilidades e, porque não, de melhoria de sua saúde econômica (BENCHIMOL, 1992).

Dois discursos, um do presente trabalho e outro colhido em pesquisa de história de vida realizado por Martinello (2004) retratam a vida dos seringueiros e apontam similaridades, naquilo que diz respeito ao desejo de aventura:

[...] “também queria conhecer outras terras, tinha vontade de conhecer as matas e procurar melhora... a gente ia “fazer a América”.

“Meu deu appetite de conhecer a Amazônia. Sou um cabra de pé solto. Meu destino é andar. Não sei ficar parado em canto nenhum. Vim mesmo por safadeza e animação” (MARTINELLO, 2004).

Então, quando se pensa sobre a trajetória das pessoas na região do semi-árido, há uma quase paralisia da história: nada muda, é sempre a mesma coisa, as mesmas propostas recorrentes, as mesmas medidas. Nesse sentido, quando afirmam que a pobreza e a migração são históricas, fica a parecer que se lhes dispensa o mesmo tratamento dado às secas, ou seja, busca-se naturalizar um dado que é social. Ser histórico não é ser natural, nem sequer remete ao fim dos tempos e, principalmente, não que dizer que sempre foi assim. Acima de tudo, que não há a obrigação, por ser histórico, de ser sempre assim.

Isto porque a história é entendida, do ponto de vista governamental, ou das políticas públicas, (que estas, sim, continuam quase que as mesmas ou utilizando os mesmos mecanismos), pois, se se pensar nos sujeitos que viveram esses problemas, pode-se perceber que não há essa paralisia, mas, ao contrário, a história dos sertões é de eterna mudança – provocada pelas constantes migrações, entendidas muitas vezes como uma saída viável para a pobreza. Ou, como dizem os sertanejos, uma saída para a sujeição.

Assim, apesar de toda a diversidade de motivações para o ingresso no trabalho oferecido, é claro que havia, também, o processo de mobilização oficial do projeto de guerra, executado pelo SEMTA, que seguia o protocolo de alistamento militar e estava sediado em Fortaleza (MARTINELLO, 2004). Logo, referendando DSC dessa pergunta, se tem:

[...]“*vim cortar seringa por causa da guerra e também... o governo estava alistando rapazes pra guerra de 1942 e eu fugi de casa para me alistar e vir pra cá*”.

Outro discurso, colhido por Benchimol (1992), que justifica a ida do jovem, por conta da seca, e pela necessidade econômica, é assim proferido:

“Vim por influência [...] Parece que o diabo me tentou. No Crato (CE), mais de mil queriam vir. A gente tava passando necessidade lá. A seca tava braba”.

Efetivamente, aquilo que aparece como imutável - "o" Nordeste, "a" seca - é perpassado por mudanças cotidianas, das próprias pessoas que se mudam todos os dias, seja porque estão em migração, seja porque vivem em precariedade. No entanto, também à migração, como fenômeno social, cola-se a imagem da imutabilidade (é sempre assim: seca lembra migração que lembra Nordeste). Cumpre aos historiadores mostrar como essas mudanças introduzidas pelas migrações são significativas no jogo das "permanências" ou das mudanças, no jogo político da dominação social.

O conteúdo observado no relato de Benchimol (1992), que versa sobre o clima, parece ser o grande tomador de decisões entre o vir e o não vir, pois a essência permanece em outra fala encontrada, agora, na presente pesquisa:

[...] “ a situação estava ruim pra nós [...] no Nordeste não tinha emprego e o salário era de miséria, não dava pra comprar nada (...) a seca estava muito forte e nos aperreando muito [...] pela situação.... pela privação de dinheiro... o cabra vai mesmo”.

Percebe-se que as maiores razões para o alistamento não são as questões bélicas ou de conflitos internacionais, assuntos veiculados nas colunas sociais das maiores cidades brasileiras, mas sim econômicas e de exploração de espaços. Nesse contexto, que envolvia decisões que fariam a vida tomar outro rumo, os jovens contavam com a anuência dos pais, figura familiar de respeito e obediência extrema, para realizar esse deslocamento. Ainda assim, predominava o plano de ganhar dinheiro.

“O pessoal que conhecia falava que era bom e que ganhava muito dinheiro.... no Amazonas a gente juntava dinheiro como folha seca.... Que tinha muita caça, que os lugares eram bons e a gente podia trabalhar a vontade...e que logo eu voltava pro Ceará de avião... então vem à ganância e isso facilitava ainda mais a gente escolher vir pra cá... Eu vim com os meus pais e mais meus irmãos tudo por conta do governo”.

O Estado divulgava que a migração seria algo solicitado pelos sertanejos. O governo não estaria fazendo nada mais do que atender a um pedido e, com isso, lhes assistia, prestava ajuda e “resolvia seus problemas”. [...] Portanto, a seca se tornava útil na formulação de um tipo específico de discurso (MENDES, 1971).

Os trabalhadores são representados como aqueles que irão tirar a Amazônia da paralisia na qual se encontra. Vão fazê-la renascer e tomar um impulso em direção

à boa ventura. Pretende-se fazer crer e ver que é deles que virá o socorro para a Região Norte (MORALES).

Tinha a SEMTA que mandava jovens pra cá, mas antes dele tinha a IMIGRAÇÃO. Pela imigração as pessoa trazia a família toda....a Companhia dizia que aqui no Acre não tinha ninguém e a gente tinha que vir porque era para o auxílio da guerra.

Para iniciar os trabalhos de mobilização de pessoas para a Amazônia, o SEMTA promoveu, nas principais capitais nordestinas, verdadeira campanha. Foram afixadas fotos de seringueiros, em meio a infindáveis fileiras de árvores de *hévea*, colhendo o látex em grandes tambores, carregados por caminhões e jipes. É claro que não se tratava dos seringais da Amazônia, mas retrato das plantações da Firestone da África ou das plantações da Malásia ou Ceilão (GONÇALVES & COSTA, 2008).

Eles falavam [...] que quando chegasse aqui tinha estrada roçada, casa feita e tudo. Que só era chegar e cortar[...] Eles davam casa, comida e ferramenta pro seringueiro trabalhar daí o cabra ia trabalhar[...] mas naquela época não existia estrada! Não existia nada!

As informações, inclusive sobre a Amazônia, eram passadas oralmente. As conversas e o bate-papo casual eram os instrumentos através dos quais se transmitia um conhecimento. Daí a importância da praça, no relato desse senhor e de outros com os quais se estive durante a pesquisa. Nenhum dos senhores que se deslocaram para a Amazônia em 1943 se referiu a cartazes, folhetos etc, como elementos de sua tomada de conhecimento sobre a chance de embarcar para a Amazônia, segundo relato de Morales (2002).

[...] diziam que...a gente ganhava a vida sem trabalhar e sem dar duro...porque...você ganha muito dinheiro cortando seringa! Que tirava dinheiro com cambito! Quando eu cheguei aqui o cambito era a malária, a onça, a pico de jaca. Morria muita gente. A gente era que nem índio brabo. A gente comeu o pão que o diabo amassou.

E ainda completou:

[...] Era tudo longe.... pra ir pro barracão, levava um dia de viagem no lombo de um burro... para fazer compra.

Percebe-se, dos relatos, que o Acre ocupava um local nobre na representação que o imaginário “nordestino” fazia sobre a Amazônia. Lá seria o local do *boom* da seringa, onde produziriam o suficiente para garantir um “saldo”. Sendo assim, o poder de persuasão do “cidadão do Acre” tinha um elemento a seu favor. Havia, de fato, um interesse vivo do grupo pelo Acre (MEIRA, 1977).

Os agentes aliciadores eram os tradicionais recrutadores de mão-de-obra nordestina e, portanto, conheciam modos de lidar com os sertanejos e seus “patrões”. Através de sua experiência desenvolveram técnicas de “aliciamento” e sabiam como tirar partido e manejar com expectativas o que facilitava a conduta imitativa. Ou seja, o indivíduo vê outro, que de fato era um aliciador, tomando a decisão de se alistar. Essa ação pode ser motivadora para que o sujeito – que está sem perspectiva de vida no Nordeste – tome a iniciativa de também se alistar. E tanto isso é verdadeiro que relata um seringueiro:

[...]diziam que era bom, que vinha pra trabalhar e ganhar dinheiro também... a gente não ouvia falar que aqui morria muita gente... Chegando aqui eu não achei foi

nada, tudo diferente, tudo feio, era uma época muito ruim, ninguém conhecia nada e o pessoal chamava a gente de arigó.

Em tais circunstancias, a vida dessa gente passou por intensa transformação. Eles tinham um ofício que lhes impunha o trabalho escravo e ao isolamento anti-humano, tornando o seringueiro um solitário da floresta, num contraste a sua natureza sertaneja e familiar, vendo-se completamente só, na faina dolorosa (CUNHA, 2003).

Pensava que ia ficar na cidade, não imaginava que o seringal era dentro da mata, daí quando eu cheguei....num barraco velho de palha eu fiquei com uma tristeza tão grande que se eu pudesse ter criado asa eu teria voado de volta pro meu nordeste!

Deane (1987) costuma dizer que a Amazônia seria terra de ninguém, para além das fronteiras geopolíticas, que na sua imensidão não se sabia onde começava e terminava a linha imaginária que os limites fronteiriços determinavam. Esse relato é confirmado no discurso de um seringueiro:

O pessoal falava...que era no fim do mundo... tinha floresta e nós tinha que andar na mata, com onça e as cobra... Tinha também as história das aldeia de índio.

Não se deve esquecer que era uma Amazônia diferente, do ponto de vista econômico, daquela visitada pelos cearenses no final do século XIX. Afinal, no início dos anos 40, muitos haviam voltado, e as narrativas, embora envolventes, nem sempre tinham finais felizes (FERREIRA DA SILVA, 1966).

Logo, a idéia de como seria trabalhar nos embrenhados das florestas, do norte brasileiro, era pouca ou nenhuma. Na obtenção do DSC, relacionado ao tema, o

Soldado da Borracha disse que [...] *não conhecia nada daqui [...]* Não tinha propaganda que não fosse os comentários das pessoas, ou pelo menos que não se lembra de nenhuma propaganda explícita, pois, com a estratégia de *marketing* do movimento governamental (das pinturas de Chablotz a categoria de convencimento do aliciador), a idéia ia sendo, sistematicamente, oferecida ao inconsciente do coletivo (COSTA & GONÇALVES, 2008).

Essa estratégia de convocação não obedecia a uma ou duas características de mobilização. Ela era dinâmica. Nas principais capitais nordestinas, por exemplo, foram afixadas fotos de seringueiros, em meio a infindáveis fileiras de árvores seringueiras, colhendo o látex em grandes tambores, carregados por caminhões e jipes. Obviamente que o visual, a arte, não se assemelhava com os da Amazônia. Por orientação do SEMTA, Jean Pierre Chablotz fazia os desenhos, mas, em verdade, ele desconhecia as peculiaridades da fauna e flora amazônica, uma vez que jamais havia pisado em solo daquela região, ou plantações da *Firestone* da África e das plantações da Malásia (COSTA & GONÇALVES, 2008).

Sobre a diferença entre o visto e o vivido, disse o seringueiro:

Eles falavam...que quando chegasse aqui tinha estrada roçada, casa feita e tudo. Que só era chegar e cortar... Eles davam casa, comida e ferramenta pro seringueiro trabalhar daí o cabra ia trabalhar... mas naquela época não existia estrada! Não existia nada!

Depreende-se do relato, a clara a intenção de apenas encaminhar o máximo possível de pessoas para a labuta no corte da seringa, e não haver intenção em

esclarecer, desde o momento do alistamento, as reais condições de trabalho que essas almas iriam se submeter no prometido eldorado (SECRETO, 2007).

O aliciamento, prática realizada pelos seringalistas, em comum acordo com os Governos do Amazonas e do Pará, e que obteve resultados satisfatórios no arregimento de contingente de trabalhadores, para essas regiões, não deixou de ser utilizado ao público-alvo, nesse segundo *boom* econômico da extração de borracha (MARTINELLO, 2004).

As informações eram passadas, oralmente, por aliciadores infiltrados nas comunidades e vilarejos do sertão. A técnica consistia em participar das conversas e do bate-papo casuais e, através dos quais, se transmitia um conhecimento. (MORALES, 2002). Em entrevista com *Soldados da Borracha*, naturais de Fortaleza, Ceará, observaram-se que nenhum dos senhores que se deslocaram para a Amazônia, em 1943, se referiram aos cartazes, folhetos ou similares, como elementos de sua tomada de conhecimento sobre a chance de embarcar para aquela região. A categoria de embutir o sentimento de ir embora e vencer na vida pareceu, sem que esses percebessem, triunfar.

De outra parte, havia, também, algumas razões históricas e culturais para a escolha pelas florestas tropicais da Amazônia, tais quais: o preconceito do trabalhador procedente do Nordeste pela labuta nos cafezais, considerado tradicionalmente uma ocupação de escravos. Na Amazônia o trabalhador era, supostamente, dono de si e isso dava noção de autonomia e liberdade (SECRETO, 2007).

Os rumores propagados pelos agentes de arregimento traziam informações pitorescas e tentadoras: o boato corrente, no Ceará, era que se achava dinheiro no

chão. Sua ida se tornava quase que mandatária. Ainda mais com tantas notícias agradáveis do próprio sertanejo quanto às promessas que vigoravam nos jornais e rádios sobre aquilo que o governo oferecia (CORREA, 1967).

[...] diziam que... a gente ganhava a vida sem trabalhar e sem dar duro...porque...você ganha muito dinheiro cortando seringa! Que tirava dinheiro com cambito! Quando eu cheguei aqui o cambito era a malária, a onça, a pico de jaca. Morria muita gente. A gente era que nem índio brabo. A gente comeu o pão que o diabo amassou.

Aqui se depararam com uma vida totalmente diferente. A vida no seringal era uma monotonia. Todos os dias o seringueiro tinha que sair para seu "trabalho" antes mesmo de o sol mostrar sua face. Sapatos de borracha, rifle ao lado, na cabeça uma poronga, faca na mão e terçado na cintura assim partia ele rumo à tarefa diária e ardente. Durante toda a manhã dava uma volta completa pela imensa e assustadora floresta, com suas matas fechadas e árvores enormes, cortando as seringueiras que encontrava. De tarde começava tudo de novo. Era hora de recolher o "leite" que caíra nas tigelinhas que deixava enfiada nas seringueiras e apressar o passo para defumá-lo antes que coagulasse e todo trabalho fosse em vão afinal eram quinze horas de trabalho árduo.

Mas a propaganda era enganosa, como afiança o relato que se segue:

[...] diziam que era bom, que vinha pra trabalhar e ganhar dinheiro também... a gente não ouvia falar que aqui morria muita gente... Chegando aqui eu não achei foi nada, tudo diferente, tudo feio, era uma época muito ruim, ninguém conhecia nada e o pessoal chamava a gente de arigó.

Em tais circunstancias a vida do sertanejo, agora caboclo, foi sensivelmente modificada, uma vez que a tarefa de corte da seringa, segundo Euclides da Cunha (1999) é desenvolvida em condições naturais e primitivas, impondo ao homem isolamento anti-humano para o exercício de seu trabalho, tornando o seringueiro um solitário da floresta, vendo-se completamente só na faina dolorosa.

Pensava que ia ficar na cidade, não imaginava que o seringal era dentro da mata, daí quando eu cheguei....num barraco velho de palha eu fiquei com uma tristeza tão grande que se eu pudesse ter criado asa eu teria voado de volta pro meu nordeste!

Então, com boa vontade comparável ao sentimento de grandeza e soberania do 3º Reich, e independente das reais condições humanas que os trabalhadores seriam submetidos, a partir da retirada destes das hospedarias nas capitais nordestinas, a mobilização dos *Soldados da Borracha* alcançou suas novas etapas.

Para acolher os trabalhadores nas capitais nordestinas, o SEMTA melhorou a estrutura das hospedarias, ou pousos, que tiveram solução relativamente satisfatória: em lugar dos galpões imundos, em Fortaleza, por exemplo, foi construída uma hospedaria moderna, de acordo com todos os requisitos e medidas técnicas de imigração. Sua lotação comportava mil e duzentas pessoas, com serviço de saúde, escritório de administração com ficha de cada imigrante, campos para lazer e etc, (MARTINELLO, 2004).

A hospedaria, que também é reconhecida e referida como pouso, expressa um local de passagem, um abrigo provisório para pessoas em trânsito. Para o governo ela se notabilizava por aperfeiçoar e operacionalizar a gerência de pessoas. Concentrar

em um só lugar a mão-de-obra dispersa permite controlá-la, estimar o seu volume e, com isso, economizar tempo e dinheiro no momento do seu transporte (MORALES, 2002).

Eram dois tipos de pousos: uns destinados às concentrações e outros de passagem. Os primeiros são descritos como os locais onde os indivíduos permaneceriam não mais que sete dias e “para as imunizações ativas”. Os “pousos de passagem”, por seu turno, seriam utilizados para a “demora normal do trabalhador”, a qual é definida como “não superior a dois dias”. Contudo o relato a seguir não corrobora nessa informação:

[...] em Manaus...passamos seis meses...a coisa começou a relaxar, coisa de brasileiro mesmo... fomos indo a vara e o remo. Mas a alimentação era boa.

Além de servirem como local de moradia e alimentação para os retirantes, o SEMTA registra, em seus documentos, que aconteciam palestras, cujo objetivo era produzir uma mudança nos hábitos alimentares e introduzir regras de higiene nos trabalhadores (MARTINELLO, 2002), mas não se observa essa estratégia de educação na fala do sujeito:

Vimos pra Fortaleza de caminhão... ficamos hospedados em um lugar chamado Raúl Soares... A comida lá era boa... A gente ficava em hospedarias antes de embarcar no navio.... muita comida, era bom o Pouso.

Destarte, o que se imagina é que as rotinas de comportamento eram regidas pelas administrações desses locais, sem participação dos emigrantes, e o que é pior, relatórios do Departamento Médico fornecem informações que apontam para a inexistência de meios básicos para fazer funcionar a rotina diária que mantém a vida

humana: preparação do alimento, manutenção da higiene pessoal e do ambiente. Os relatórios davam conta da falta de equipamentos elementares e os existentes eram o resultado de uma série de ajustes e adaptações precárias.

Os médicos do Departamento de Saúde Sanitária concluem que, uma vez tendo percorrido os principais pousos do Nordeste ao Norte, as condições de funcionamento desses estabelecimentos estão nos limites da precariedade.

A gente ficava hospedado em hospedarias próprias pra gente... tinha de tudo, comida, bebida o que você quisesse. A comida era boa. Era um galpão grande e todo mundo atava a sua rede, era aquele monte de gente... eu achava muito divertido. A gente comia e bebia sem trabalhar. Era bom demais... era adolescente! ...tinha banheiro em cada pavilhão, nessa hospedaria estavam três mil pessoas.

A experiência porque passou o início da campanha de cooperação internacional parece ter sido uma das melhores que já se teve. Na fala do discurso coletivo, acima, se observa, inclusive, certo agradecimento por a pessoa está sendo salva do futuro de fome e de pobreza. Contudo, o momento de mudança não se assemelha, nem de perto, com o do Primeiro Ciclo da Borracha que, além da valorização comercial ser tão somente pelo crescimento econômico, a partir da coleta do látex, o Nordeste havia experimentado, por décadas, talvez, um dos piores períodos de estiagem de sua história (RANCY, 1986).

Desta forma, a principal motivação para migrar não era mais a fuga do flagelo que forçosamente obrigava os jovens a deixar os sertões, mas sim o simples sabor da aventura, estimulada pela passagem de graça nos navios do Llóide e as conseqüências, boas, que essa aventura renderia (MEGGERS, 1977).

A viagem foi boa. Era o Llóide. Tinha enfermeiros dentro do navio e quem adoecia era atendido lá mesmo. Nossa viagem foi tranqüila, era todo mundo junto: homens e mulheres. Também a comida no navio era boa.

Nesse discurso, o futuro seringueiro expressa a satisfação de estar sendo tratado como um verdadeiro cidadão do país, que se encontrava em estado de guerra. E, mais que isso, pelas promessas feitas pelo Governo, a começar pelo passeio em grandes navios como o Llóide Brasileiro, pagos pelo SEMTA, em acordo com o Presidente Getúlio Vargas.

Vez por outra essa tranqüilidade e sensação de bem-estar era interrompida, como recorda Martinello (2004) e impressão corroborada pelo discurso do viajante, pois:

[...] antes de entrar no Amazonas, ainda viajando no Llóide, a gente vinha todo tempo no escuro por causa do submarino... a gente nem falava! Era tudo no escuro! Quem fumava não podia fumar porque podia fazer clareza e daí chamava atenção dos submarinos ... O povo diz que os americanos... que afundavam os navios do Brasil e botavam a culpa nos alemães.

De fato, a ameaça de torpedeamento, por submarinos, acontecia na Costa Brasileira com frequência. O SEMTA criou rota alternativa para que os trabalhadores pudessem chegar aos seringais, mesmo com o fechamento da rota marítima costeira do Brasil. Portanto, também foram utilizados trens e caminhões no planejamento da agência.

O DSC, a seguir, conta, em detalhes, os tipos de rota e transporte que utilizou para que chegasse até o seu destino:

Vimos de caminhão... até Piauí. As estradas eram ruins... ninguém... ouvia falar em asfalto... passamos mais oito dias... esperando pra viajar de trem... no navio... foi a primeira vez que eu vi a água doce do Amazonas.... viemos primeiro em um navio gaiola, depois... pegamos uma chata e por ultimo nós viemos de batelão. Foi quando o rio secou e o batelão encalhava... era ruim demais e eu não lembro nem quantos dias a gente gastou... a gente não passava muito bem nos barcos não, mais com especialidade nos batelões.

O presidente Vargas propagava que o SEMTA estava perfeitamente aparelhado: alista, transporta, hospeda, veste, alimenta, ampara, trata e defende, por todos os meios, o homem que se entrega aos seus cuidados (CAMPOS, 2006). A viagem no Llóide representaria, ao final das contas, o ápice dessa “perfeição”.

Todavia até mesmo o transporte apresentava falhas importantes na logística do contingente de trabalhadores, principalmente quando este se dava na geografia interna da Amazônia. Se o Llóide estava plenamente capacitado para essa missão, não estavam os barcos que faziam a navegação interna regional. Estes, por força da crise, se achavam completamente desarticulados (MARTINELLO, 2004).

[...] viemos nos gaiolas... de madeira e as condições eram naquele imprensado... havia até briga.... Nós trocamos várias vezes de embarcação até chegar... mas graças a Deus chegamos. A gente atava a rede uns por cima dos outros... Os coronéis iam lá em cima... era dividido por classe.... O rio não estava dando condições e pegamos as chatinhas, daí o rio vazou e pegamos um batelão... nós perdemos um cabra que vinha conosco... vimos o jacaré com ele atravessado na boca!

Ou seja, a partir de um determinado momento, o transporte desses indivíduos ocorria sem controle, orientado pelos erros e acertos particulares de cada aventura.

Os chamados “procedimentos técnicos científicos”, sistematicamente proclamados por Vargas, em seus discursos, tinham o prazo de validade mais curto do que se esperava (MORALES, 2002).

O problema é ilustrado, de forma dramática, adicionando ao preconceito sofrido por ele nas comunidades por onde transitava, pelo discurso que se segue:

No navio a alimentação não era boa e nós só não passamos fome porque Deus é bom! Foi uma viagem muita sofrida, passamos muita necessidade.... Tinha um pessoal... que tinha era medo dos arigós!

O sofrimento físico e moral, intermitente, a que o indivíduo era submetido, faz com que ele próprio perceba que sua posição no sistema social, em termos de relações, o coloque na mesma situação dos animais irracionais que eram transportados. Desta forma, ele vai tomando consciência de que é visto e tratado como um passageiro da mais baixa categoria (FURTADO, 1979), como se percebe na fala do seringueiro:

[...] o pessoal tinha medo porque nesse tempo os submarinos colocavam muitos navios a pique. O navio... era grande... de ferro... e tinha três repartições. Lá em cima era o lugar dos barões e nós... no porão... não existia estrada, então toda mercadoria vinha naqueles navios... a comida não era boa e nós vínhamos...na terceira classe, mas deu pra nós chegarmos aqui, graças a Deus!

Parece evidenciar-se, uma vez mais, existir importante disparidade entre o discurso oficial e a prática do movimento, pois era de conhecimento público que o Governo possuía recursos administrativos para transportar e alojar trabalhadores, segundo princípios básicos de saúde e bem-estar.

Para sustentar esse discurso, o Governo, através do SEMTA, encobriu muitos acidentes, inclusive com mortos, quando os trabalhadores ainda estavam sob sua égide. Disse o Chefe do Serviço de Mobilização:

[...] Conosco, nunca houve... desastre. Só tivemos um acidente ocorrido num caminhão: um homem que se atirou ao São Francisco e morreu, porque não sabia nadar [...] Não tivemos um só acidente em viagem.

Por essa afirmação, para o mandatário do SEMTA, problemas no encaminhamento em nível de saúde ficavam restritos ao âmbito físico e, no pior, na morte. Ele não faz referências ao sofrimento emocional que os que são embarcados para os confins da floresta amazônica possam ter vivido, como testemunha o seringueiro, em seu discurso, sobre o que sentia, de bom ou ruim, no investimento que fez:

[...] viemos de navio do Ceará pra Manaus e... pegamos um navio chata. No navio tinha até padaria, farmácia. Nesse tempo... tinha aquele navio que andava de baixo d'água que se chamava submarino. A gente viajava só via água e céu. Quando... sentiam que o submarino estava perto... apagavam a luz do navio pra eles não achar a gente. Quando a sereia cantava a gente fazia barulho para os homens que comandavam o navio não escutarem e não perderem o rumo.

Décadas mais tarde, nos arquivos confidenciais do SEMTA, entretanto, foram encontrados inúmeros relatórios que contradizem o Sr. Paulo Assis. Um exemplo foi o documento feito por médicos. Este dava conta que dois caminhões capotaram na rota entre Fortaleza e Teresina (MORALES).

O futuro *Soldado da Borracha* também registrava, *in loco*, algumas ocorrências trágicas não reconhecidas pela agência oficial, como segue:

Nessas viagem morria gente! Um que eu vi caiu n'água...As estradas eram ruins... ninguém... ouvia falar em asfalto...

Não bastasse o encontro com o novo ambiente, onde a Amazônia, finalmente, se faz presente em cores, aos olhos do jovem, chega a hora de conhecer a realidade do novo local de trabalho, com regras e normas bem distintas e, ainda, sem saber a realidade de fato, esta bem diferente daquelas conversadas na pracinha da cidade e ensinada nas hospedarias do Nordeste.

Repetindo o Primeiro Ciclo Econômico da Borracha, e em desacordo com o que lhe foi dito sobre a gratuidade de seu traslado até o seringal, desde o momento que o novo seringueiro desembarcava no Porto de Belém, este começava a dever ao patrão. Devia desde a passagem de navio e o dinheiro que gastava na viagem. E daí por diante sua dívida aumentava constantemente (LIMA, 1970).

Nesse instante, começava a relação de trabalho que tornaria sua vida boa ou ruim. A figura do patrão constituía a revelação humana mais característica do sistema econômico da borracha, e o seringueiro um simples prolongamento desse elo ecológico muito estreito pela relação seringa-seringal, seringalista-seringueiro (BENCHIMOL).

E essa relação de trabalho poderia tomar rumos diferentes, a depender, principalmente, de como se comportaria o Soldado da Borracha. Se aceitassem as condições de trabalho, geralmente correspondendo as mais precárias possíveis, e se

se mostrassem dispostos a realizá-lo, teriam um destino ainda contido nos padrões mínimo de sobrevivência humana (BENCHIMOL).

Nesses casos, quando o seringueiro recebe um pedido ou imposição, está pronto para responder, sem contestação e, portanto, tem tratamento diferenciado em comparação a outros (RANCY, 1986). Fica evidente o sentimento de subordinação para melhor interação com o seringalista no discurso:

Tratava bem! Eu não falo de patrão... pra mim foi um tempo bom! Era ruim pra malandro que não queria trabalhar! Se a gente passasse oito dias na mata e não aparecesse ele mandava alguém ir lá pra ver o que estava acontecendo... se adoecia, ele mandava remédio... comida e se fosse preciso baixar pra ir ao hospital, ele mandava. Os patrões... não foram maus não, nunca encontrei patrão ruim... Ele reconhecia os seringueiros.

Percebe-se, em alguns relatos, como nesse que se acaba de ler, uma mescla de saudade da vida nos seringais. Muitos ex-seringueiros que moram na cidade, quando entrevistados, dizem sentirem muitas saudades da época em que viviam nos seringais e, se não fosse a idade, voltariam a morar na floresta. Contudo, percebe-se que a verdadeira saudade não está condicionada ao trabalho do corte da seringa ou do regime de submissão imposto pelos sistemas de barracão, mas sim, do rio que lhe dava o peixe, da mata que lhe dava a caça ou do roçado que lhe dava a farinha. Enfim, sente saudades da terra e suas representações. Conforta-se por saber que aquele pedaço de chão dará, não só à sua família como também ao seu grupo, tudo que precisa para seu sustento.

O modo de vida nos seringais impõe aos que nele vive uma interação constante com a natureza. O regime de trabalho é aprendido desde muito cedo. Na maioria das vezes o corte da seringa inicia-se entre oito e doze anos de idade. As crianças são

familiarizadas com a natureza. Aprendem a conviver, brincar e domesticar animais. Aprendem, acima de tudo, a respeitar e valorizar a mata, os rios e a terra, de onde provém o sustento de sua família. Compreende a importância do equilíbrio da vida com a natureza.

Contrapondo esse conteúdo, aquele que não se deixava submeter aos tratos e mandos do patrão, se refere a ele com outro sentimento:

O patrão era um ditador... mandava no Acre. Os coronéis do Nordeste eram os seringalistas da Amazônia!... O patrão tratava a gente como se fosse um rebanho de burro! Chantageava... sacaneava!... Eles roubava tudo da gente e deixava a gente sem nada. Seringueiro tinha que tomar cuidado pra não cair na malha fina do patrão, se não ele entrava na bala.

De fato, segundo MARTINELLO (2004), havia força armada localizada em pontos estratégicos do seringal, garantindo a permanência da mão-de-obra e, conseqüentemente, um nível de produtividade que auferisse bons lucros. Tentativas de fuga ou apenas o desejo de saldar a dívida e sair do seringal eram tratadas com severas punições. (...) instituição do tronco, onde o seringueiro era amarrado durante dias, açoitado e deixado à mercê do ataque de insetos e animais.

Talvez esse impasse de relações ainda não fizesse o jovem recém-chegado *brabo* a querer, efetivamente, retornar ao agora distante Nordeste. Agravos a sua saúde, falta de recursos estatais para o cuidado e a demora na adaptação eram fatos que ainda não batiam a sua porta, mas já o estavam por fazer (MARTINELLO).

Não era nenhuma novidade para a Saúde Pública brasileira que o Meio Ambiente do Amazonas, com sua exuberância de água e calor, contribuía para a ocorrência de malária, a mais freqüente e importante enfermidade das florestas,

porém a propagação da doença tanto variava por conta das circunstâncias ecológicas originais, mas também pelo impacto da presença humana na região (CAMPOS, 2006).

[...] tive logo... Sezão. Eu ia cortar seringa e me deitava lá no mato.... muitas vezes eu acordava com o balde de leite encostado, uma febre danada... Sezão quando chega é de uma vez! Dá uma tremedeira danada!

O relato não carrega, apenas, a lembrança do fácil adoecimento das pessoas pela malária, mas, também, retrata outro detalhe que deixou os técnicos da Fundação Rockefeller e da SESP -- que formariam uma comissão para avaliar as condições sanitárias da região -- desesperados, pois a necessidade do material era urgente e, ainda, segundo seus técnicos e, ainda, referendados pelo relatório feito por Oswaldo Cruz, 30 anos antes, enquanto 20 trabalhadores estavam incapacitados de trabalhar por estarem com a doença ativa, outros 20 ou estavam convalescentes ou já apresentavam os pródromos da doença (CAMPOS).

Ressalte-se que a Comissão Mista de Inquérito Sanitário havia apontado, além da malária, a tuberculose, a mortalidade infantil, as doenças entéricas, a filariose, a boubá, o vitiligo, o beribéri e a leishmaniose como as principais doenças do Vale Amazônico. O sanitarista americano Kenneth Waddel, diagnosticou que a “malária e má nutrição impediam o desenvolvimento do Vale Amazônico mais que quaisquer outros fatores combinados (CAMPOS, 2006).

Corroborando com tais fatos, a fala dos *Soldados da Borracha* relatam realidades gritantes, em meio à densa floresta, em termos de doenças, como se

percebe na crueza dos relatos e no imaginário daquilo que era viver na região, à época da extração do látex, com a grande leva de seringueiros vindos do Nordeste:

[...] eram lombriga... catarão,...um tal de sarampo... catapora, uma tal de bexiga, febre, malária... sezão... era o paludismo. Tinha ferida braba, barriga d'água, tinha doença no útero. Era tão ruim... gente saía pra trabalhar ameaçado pela doença...As vezes no meio da estrada a pessoa piorava e caía lá.... tirando isso a gente era muito resistente, muito forte e passava por cima daquilo...as pessoas tinham mais humildade e se adoecia um, a gente colocava na rede e... trazendo nos ombro, a gente baixava para a cidade. Quando morria a gente atravessava o rio numa embarcação e enterrava o sujeito.

MARTINELLO (2004) é categórico em afirmar que o agravamento do estado de saúde era motivado, principalmente, pelas precárias condições físicas do *Soldado da Borracha*. Seu corpo contaminado e convalescente exigia a ingestão de alimentos nutritivos para recompor o desgaste, aliada a falta de assistência médica e de tratamento adequado, tornava a sobrevivência difícil.

A alimentação que tinham, rica em carboidratos pelas farinhas, mandiocas e frutas, como também nas proteínas dos peixes, ainda assim era insuficiente para as necessidades nutricionais mínimas. Por isso, uma das doenças que também assolou o trabalhador nas matas foi o Beribéri, como conta um seringueiro:

Dava muito Beribéri. Quando acontecia de dar essa doença o camarada morria logo. Era uma doença que dava nas pernas e tratava de subir pro corpo. O Beribéri é uma febre galopante. O cara saía que nem uma criação. Saía tremendo como se estivesse embriagado, uma dor de cabeça!

Nos relatórios do SESP, fica clara que as maiores preocupações no *Front Amazônico* se resumiam à malária, à febre amarela, à subnutrição e ao brutal regime de trabalho. Todos, obviamente, contando com pré-requisitos adequados para esse pensamento e, assim, os esforços do Serviço de Saúde deveriam ser feitos nesses diagnósticos (CAMPOS).

O sujeito, que provou outras possibilidades, faz referência a elas em seu convívio nas matas fechadas e no isolamento social:

Era estrepada com taboca... Sapato de seringa qualquer espinho furava. ... era picada por cobra. Também tinha acidente de espingarda, acidente de armadilha. Quem está dentro da mata está sujeito a qualquer coisa... numa queda de pau... chegava até morrer se o pau caía e batia em cima....Com a arma! Isso aí acontecia!... Rapaz!! Disparou e eu escapei por um milagre.

Somado ao conteúdo do discurso, o seringueiro tinha, em sua própria rotina de trabalho, uma possibilidade clara de adoecer ou morrer. Em seu percurso, que começava no início da madrugada e ia ao término da defumação da borracha, havia os ataques de cobras venenosas, que caem das arvores, ataque de índios, como também as estreitas pontes de troncos que tinham que atravessar, em meio à Floresta. Tudo isso representava perigo constante (MEIRA, 1977).

A defumação da borracha, realizada todos os dias, merece destaque, não pelo que fez à época, mas pelas conseqüências que marcam o velho seringueiro nos dias de hoje: foi ela a responsável por muitos casos de cegueira e de doenças respiratórias crônicas (BENCHIMOL).

Os problemas é porque...levantava de madrugada e daí... faz aquele... rancho de bóia fria. Deixa aquele alimento na boca da estrada e vai cortar, quando chega e volta, lá pelas onze horas, ele vai comer de novo. Aí dá o rodo de novo pra colher... se ele só cortar e não colher, não fez nada! Depois... chega na casa ele vai defumar e pega muita quentura.

Apesar disso, os relatórios do SESP deixam claro que as maiores preocupações no *Front Amazônico* se resumiam às doenças regionais, tais como se disse acima, a febre amarela, malária, beribéri, subnutrição, brutal regime, tudo isso aliado à solidão das matas, onde o seringueiro, muitas vezes, gritava para ouvir a própria voz e ter certeza de não haver esquecido de saber falar. Os esforços deveriam ser feitas nesse diagnóstico.

Sanear essa região, com um contingente humano tão grande, com tamanhas adversidades, era uma pretensão sem tamanho e sem medida (BENCHIMOL, 1992).

Para o Governo Norte-Americano, o SESP seria encarregado de políticas sanitárias pontuais em regiões produtoras de matéria-prima necessária à indústria bélica. Para o Governo Brasileiro, integravam-se ao projeto varguista de expansão da autoridade central sobre o território brasileiro. Segundo seus registros de atividade, o SESP criou: rede de unidades sanitárias; construiu e administrou escolas de enfermagem, hospitais e centros de saúde; sistemas de água e esgotos; normatizou técnicas e procedimentos; estabeleceu convênios com Estados e municípios para construir, normatizar e expandir a saúde pública; formou mão-de-obra qualificada; praticou educação sanitária (CAMPOS, 2006).

Fato é que nenhum dos discursos obtidos, no presente estudo, se nota a presença de qualquer uma das bem-feitorias promulgadas pelos papéis oficiais da presença e atuação do SESP na Amazônia.

Apesar da ausência dessa estrutura, no conteúdo das falas, a agência diz ter construído 30 unidades sanitárias no Vale Amazônico, em localização estratégica na região, que serviriam como distritos sanitários. Daí esses seriam divididos em sub-distritos e, assim, sucessivamente, de forma que todo o território pudesse ser fiscalizado por um inspetor sanitário (CAMPOS).

Discordando do registro oficial, o *Soldado da Borracha* diz:

Aqui não tinha médico não senhor! Às vezes curava com o tempo mesmo, ou o camarada ficava bom ou camarada morria. A gente curava os... problemas de saúde de qualquer jeito. Nem chá a gente sabia fazer porque a gente era brabo... A gente se tratava como Deus dará.

A tarefa do Estado Novo parece que se resumia a levar os *Soldados da Borracha* para a Região Amazônica. Ignorava-se ou não se levavam em conta as condições e os prazos para extrair a borracha da mata (MORALES, 2002).

Em um tema o Serviço de Saúde não poupou investimentos: o combate à malária. Até o final de 1942, o SESP já havia fornecido mais de 2,5 milhões de tabletes de atebrina, chegando a 12,5 milhões no ano seguinte. Era sua responsabilidade a compra e a distribuição, em toda a região, fazendo-a chegar gratuitamente até os seringueiros (CAMPOS, 2006).

Em relato colhido por MARTINELLO (2004), o seringueiro diz que:

[...] a atebrina era vendida a 1,50 cruzeiros, destoando do que foi homologado pela imprensa oficial de que a droga seria de distribuição gratuita e mais, expõe a fragilidade de fiscalização do órgão, retificando que o planejamento não ultrapassava as fronteiras das capitais Norte-Nordeste.

O presente trabalho também foi contemplado com discurso semelhante, entretanto mais abrangente, no que se refere aos diferentes tipos de medicamentos para diversos problemas de saúde, mantendo o fornecedor soberano, o seringalista.

O patrão tinha remédio no barracão e a gente comprava... Se acontecesse alguma coisa grave, a gente corria pro barracão. As medicações era: Refodol, Tártaro, Afundam, Glucantime, Camuquim, Aralem, Metoquina, Tebrina, Caboquinha, Melhoral, Quinaquina, tinha Injeção Azul, Penicilina, Tiro Seguro, Bristo, Paludon, Esplena, Soro Antiofídico.

Mas nem todo medicamento que se precisava era comprado do patrão. O *Soldado da Borracha*, ao interagir com o caboclo e com o índio, aprendeu inúmeras alternativas de tratamento para os problemas que enfrentava no dia-a-dia. E esse processo de educação popular, em saúde, se estendeu para outras necessidades, como os partos, a caça, o correto preparo de alimentos, etc (RANCY, 1986).

Sobre os medicamentos alternativos que utilizava, o *Soldado da Borracha* descreve:

A gente usava os chás caseiros....da carnaúba, da manjirioba, o chá de quinaquina, que é bom pra febre.... a gente corta a casca dela e faz o chá pra tomar e cortar a febre. Tinha chá de mastruz, ele serve... pra sarar ferimento também....E pra sinusite a gente bate a cabacinha como se bate um ovo, depois despeja no nariz. Moço, sai

tanta da coisa! Tinha chá de rinchão que seve para o fígado... O chá da folha do assa-peixe e da folha da capeba é bom pra apenisíte.

Percebem-se, desses relatos, a forte integração do homem com a natureza que o cercava, por todos os lados. Ele foi, aos poucos, sendo absorvido por ela, usando remédios naturais, de toda ordem, aprendizagem com os nativos e, depois, comprovados no cotidiano de suas vidas.

Pra coluna... uma cabeça de alho das pequenas... coloca dentro de uma garrafinha..., pode ser de cachaça ou de álcool, ai deixa passar quarenta dias... e coloca vinte gotas de água aí não sente mais o problema na coluna. Para a próstata tem um remédio muito bom que é o vinho branco com o leite de gaia... Pra reumatismo a butazona.

A floresta, como uma biblioteca, guarda infinitas possibilidades na sua natureza. Tudo à espera que alguém desvende seus mistérios e compreenda sua complexidade. Quando a pessoa olha a floresta, assim, na sua inteireza e complexidade, vê que a biodiversidade não é teoria. É possível perceber que as árvores são completamente diferentes umas das outras e isso aconteceu no decorrer de milhões de anos. Essas árvores vêm produzindo substâncias para se defender dos parasitas. Então, é certo que essa imensidão de floresta carrega um tesouro imensurável de ervas para curar todas as doenças da humanidade. É preciso haver estudos, pesquisas para fazer os experimentos, as comprovações daquilo que os nativos já conhecem.

Pra malária você pega um limão, corta, tira o caldo e põe em um copo e toma o caldo, no segundo dia você faz a mesma coisa, no terceiro a mesma coisa, até

chegar a nove e quando você chegar nos nove você volta pra oito até chegar no um novamente e nunca mais você vai ter Malária.

O conteúdo dessa fala invoca um ser humano órfão de cuidados. É a representação social viva atestando que o SESP, na Amazônia, apesar de louvável, não foi além das grandes cidades, descurando completamente do infeliz seringueiro que labutava nas brenhas das matas (MARTINELLO).

A constatação é homologada quando, definitivamente, o migrante se despe de seus pressupostos culturais de origem e se entrega ao comportamento obrigatório de sobrevivência peculiar da região.

Quando fala que, como mais uma das estratégias não convencionais para tratar seus problemas, *tinha as rezadeiras que rezava na gente e curava a doença*, esse processo de transformação já aconteceu e agora o “nordestino” é “caboclo”. Finalmente, a agência, enquanto organização governamental, que preconizava estabelecer relações de rotina com os povos da floresta, tem sua existência, para o “novo” *Soldado da Borracha*, finalizada (BENCHIMOL, 1992).

Apesar do movimento migratório de milhares de trabalhadores para a região, a Amazônia não aumentou muito mais sua população além do quantitativo divulgado: meio habitante por quilometro quadrado, em 1940. Somado a isso, a inexistência dos serviços de saúde, para esse contingente, diluído na imensa selva tornava a vida ainda mais dramática e, enfim, pessoas padeciam e morriam.

Uma grande parte dos discursos foi tomada pela elaboração de perguntas que suscitavam os motivos que causavam a morte dos *Soldados da Borracha*. E, seguindo uma lógica colhida, desde os agravos e doenças mais freqüentes, a malária

também foi principal causa de mortes nas embrenhas dos seringais. Disse um sobrevivente da Batalha da Borracha:

Olha, a doença que mais matava os seringueiros era... o paludismo, a malária, o sezão e o Beribéri. Tinha seringal que parece que dava praga quando começava a morrer gente dessas doenças... Morreu bem uns dez e só escapou nós... Tratamento não tinha.

A fala, além de confirmar a doença como a das mais importantes da história da Medicina Tropical no Brasil (VERONESI), não deixa esquecer que o tratamento, na maioria das vezes, não lhe pertencia.

Os outros fatores que matavam os Soldados da Borracha foram assim descritos:

- Brigas: *Na abertura dos seringais mataram muita gente e nunca teve punição pra isso... Tinha gente que morria porque roubava a mulher do outro... aí era quando aconteciam esses desastres. Dançava homem com homem aí era quando aconteciam esses desastres de um roubar a mulher do outro... e também.. tinha brigas por causa de cachaçada.*
- Ataques de animais: *... tinha alguns casos de picada de cobra e de vez em quando a onça atacava o seringueiro. Porque naquele tempo o seringueiro cortava muito de noite...*
- Acidentes por queda de árvore: *Teve seringueiro que morreu de queda... de... árvore, ele foi derrubar uma castanheira.... bateu nele e ele morreu. O coronel estava cansado de dizer que não queria que a gente derrubasse castanheira...*

Mesmo reconhecendo a importância dos eventos descritos como outras causas de alta letalidade aos seringueiros, outro fator detinha potencial mais amplo para gerar morte, inclusive, várias vezes, dizimando comunidades inteiras de pessoas (ERTHAL, 2001).

São menções tímidas, presentes aqui e ali nos discursos colhidos nesse trabalho, mas merecem a devida reflexão de sua história, até porque é assunto pouco abordado na literatura institucionalizada ou escolar, como também nas de história brasileira mais superficial.

Trata-se dos conflitos de guerra. São verdadeiros dramas travados entre brancos, exploradores, e índios, donos das terras invadidas. O discurso do seringueiro não deixou de conter esses embates, geralmente relacionados com a disputa de território. São acontecimentos e disputas seculares que, segundo ERTHAL (2001), tiveram seu ápice no início do século XX, e se caracterizaram como uma relação de extrema tensão, intensificada com a necessidade de explorar as regiões mais profundas das matas para a aquisição de novos campos de extração gumífera. Esse movimento, inevitavelmente, agravou os conflitos entre índios e brancos.

Naquelas batalhas mais sangrentas, não raro se encontravam cadáveres de seringueiros cravados de flechas e, algumas vezes, sem parte dos membros, uma vez que os guerreiros indígenas os comiam para “tomar” a força do brabo abatido. Como represália, os seringalistas organizavam contra-ataques, que produziram consequências comparadas às aquelas que ocorriam simultaneamente na Europa Central, no Norte da África e nas Florestas da Ásia. A técnica utilizada consistia em formar verdadeiras expedições punitivas, contando com homens, seringueiros ou capangas contratados, que massacravam aldeias inteiras (ERTHAL, 2001).

Como testemunho de parte desses entraves, relembra o Soldado:

O índio matou muita gente também, eu mesmo fui atacado por índio... Mas naquele tempo tinha gente que também caçava índio... eles mataram um seringueiro na flecha... quando completou seis dias eles saíram, mas deixaram muita água intingujada, aí foi uma desgraça!

O SESP, criado pela cooperação internacional entre o SEMTA e a Fundação Rockefeller e que nasceu para trabalhar no interior e nas áreas de valorização econômica e de desenvolvimento de colonização agiu, sempre, por interesses próprios. Áreas de interesse governamental (...) para se levar à população aquilo que ela não tinha, de jeito nenhum, não fez um recordatório dos conflitos anteriores e, portanto, não levou em consideração essa possibilidade (VILLAS BOAS, 1995, apud Fonseca, 2000, p. 405).

A despeito do que ocorria e dos problemas que poderiam ceifar sua vida, subitamente, no meio da selva isolada, o *Soldado da Borracha* seguia sua missão: cortar seringa, produzir borracha para que, ao fim da guerra, pudesse retornar, em forma de paroara, ao seu querido Nordeste (SECRETO, 2007).

Enquanto isso, outra parte se aclimatou à nova terra, casou, teve filhos formou família e permaneceu unida no trabalho, no sofrimento, na dor, nas alegrias. Ou dizendo de outro modo: amadureceu: fixou residência; socializou e casou (BENCHIMOL, 1992).

No novo encontro com as premissas do SESP, de que no vale havia cerca de 30 bases de auxílio em saúde, o *Soldado da Borracha* se viu novamente desamparado. Agora não só em caráter individual, coisa que para ele era fator comum e que

transpunha, com a força do ser “nordestino”, a situação que exigia uma maior abrangência, agora com a presença de sua esposa e os partos que viriam pela frente (Morales, 2002).

A falta da Unidade de Saúde e das equipes que a compunham esse sistema fez emergir, no discurso, uma das mais importantes figuras no cuidado continuado e abrangente, principalmente quando o assunto era relacionado com o parto: a parteira.

Ela, originalmente, desde os remotos tempos, adquire suas aptidões fazendo partos por conta própria ou após aprender o ofício com outras parteiras. A formação de quase todas foi na prática, no embate com a falta de assistência às mulheres, estimulada pelo desejo de servir, pela curiosidade, pela necessidade de trabalhar. São conselheiras, curadoras da família e dos necessitados. Pessoas que detêm saber essencial na sobrevivência de suas comunidades (NASCIMENTO *et al.*, 2009).

Sobre o valor e a satisfação de ter os filhos “pegados” pela parteira, o seringueiro diz:

Era muito melhor as mulheres ganharem menino nos seringais do que no hospital... no seringal existia as parteira, uma velha especializada naquilo... os homem mandavam chamar as parteira pra assistir a prenha e dificilmente acontecia de não dar certo porque as elas tinha muita experiência. Parece que era milagre, porque parto de parteira não morria criança e nem mulher não. Não tinha problema como tem hoje que sempre é preciso o doutor meter a faca.... pra ter o bebê à parteira vinha dizia: deita aí! Pegava arruda e outros processos na hora certa do parto, via se a criança estava em posição certa, quando a criança estava em posição errada ela colocava a mulher deitada de cabeça pra baixo até normalizar... Meus filhos mesmo todos nasceram no seringal... Se morria criança, morria por causa da medicina que faltava...

Como, no discurso, a “medicina faltava”, o seringueiro, em princípio, não via outra alternativa a não ser entregar o nascimento de seus filhos à parteira. Mas com o tempo, qualquer tipo de desconfiança ou receio, por parte dele, vai sendo dissolvido, pois se trata de senhora experiente e, com o carinho e o cuidado que talvez nem os melhores hospitais do Sudeste Brasileiro oferecia às suas grávidas, em sua maior parte obtém êxito em seu trabalho, deixando mãe e filho em condições adequadas de continuar vivendo.

A coragem é um atributo essencial no ofício dessas mulheres. Elas não têm para onde fugir e nem a quem recorrer, em caso de partos complicados. Somente elas e Deus e somente Ele para lhes dar inspiração e ter alguma intuição que lhes ajudasse nessa hora (NASCIMENTO *et al.*, 2009).

Corroborando o pensamento acima, o seringueiro assim pensava sobre as qualidades da parteira:

Olha tem as pessoas que já nascem pra isso, pra entender as coisas, aí quando chegava o tempo chamava uma vizinha. Muitas vezes o seringueiro saía pra cortar siringa, quando chegava em casa a mulher já estava de menino novo. Mas as mulheres, era muito difícil morrer de parto Deus colocava a mão.

Há discursos, contudo, em que a parteira, geralmente por não estar presente ou por não ter tido tempo suficiente para chegar, deu lugar ao marido que, no referido, participa ativamente do trabalho de parto da esposa:

Nos seringais os homens também faziam partos.... muitas vezes as parteiras moravam longe e daí eram os maridos quem pegava os meninos do jeito que desse. Nós virava parteira mesmo... Antes do parto a gente fazia uma oração pra Nossa

Senhora... dava tudo certo e as crianças tinha saúde. Olha moço, as mulheres que tinham os filhos no seringal eram mais sadia do que as que parem aqui na cidade. Deus olha pra mulher de seringueiro. Mulher é bicho de sorte mesmo.

Numa alusão a sorte, uma vez que o nascimento do filho era feito pelo próprio pai, novamente fica exposta a distância entre o que era publicado nos relatórios oficiais do SESP e a realidade que o seringueiro e sua família encaravam. Resignado, concluía:

Deus dava o jeito, ou paria, ou morria, porque lá não tinha recurso, e também não morria muita criança não. Agora era um lugar que se a pessoa adoecesse, ou ficava bom ou morria.

Com toda essa narrativa, cabe destacar a atitude desses indivíduos frente à situação adversa em que se viveram: sem condições mínimas de trabalho seguro; sem comida que ofertasse a energia suficiente para os dias de a ambiente extremamente complexo, inóspito e desconhecido. Perceberam, da pior forma possível, que as garantias oferecidas, no ato do alistamento, não se concretizavam (CAMPOS, 2002).

A forma com que todo o processo se deu e como ele foi percebido, individualmente, pelo *Soldado da Borracha*, desde sua saída do Nordeste até os dias de hoje. Até mesmo porque comprovaram que inexistiam preparativos mínimos para recebê-los. É uma história e um cenário para os mais diferentes enredos e as histórias mais plurais.

Faria tudo de novo com todo o prazer. A gente veio enganados... achávamos que era muito bom, que tinha muito dinheiro... não era do jeito que falaram... mas... eu vinha novamente cortar seringa... se... quisesse ter voltado depois da Segunda Guerra eu

voltava, mas lá no nordeste tem muita pobreza... dificuldade. Pobre lá no Nordeste, meu amigo, passa fome... aqui...é bom demais! Tem fartura... ninguém passa fome... No nordeste não tinha como ganhar dinheiro, nem trabalhando muito.... Minha terra hoje é o Acre e estou satisfeito com minha vida... eu vou morrer no Acre porque o paraíso do Brasil é o Acre...não me arrependi de ter vindo pra cá...

A partir do encontro desses dois mundos: Amazônia e Nordeste, compreendidos, aqui, enquanto discursos coletivos, fluxos narrativos de imaginários vivos e dinâmicos. De um lado o Nordeste, como sistema de crenças, valores, símbolos e idéias expressas nas narrativas dos “relembrentes”. De outro, a Amazônia enquanto um discurso de riqueza, exuberância, abundância de terra, alimento, água, mata, mitos. Tudo dirigido a homens do Nordeste, a fim de convencer e angariar mão-de-obra, ou melhor, “soldados” para pelejar na “Batalha da Borracha”. Esse espetáculo de vida em meio à tristeza, desesperança e exuberância da Selva serviu de cenário a esse estudo.

Eu... não vinha... Não vinha mesmo! Ficava no meu Nordeste trabalhando com o meu pessoal ou procurava outra coisa pra fazer, embora que me desse mal! Lá eu brincava de vaquejada e era uma animação! Aqui não tinha... a vida era muito solitária.... era trabalho e trabalho, doença e dificuldade. A gente veio... porque a conversa era que aqui ganhava muito dinheiro e todo mundo tem interesse de ganhar dinheiro. Como eu era jovem e não sabia de nada, eu vim. A gente veio pra morar no mato! Sozinho! Eu sofri muito.... isso é vida? Morar numa mata distante de gente, adoecer e não ter por quem chamar? Eu não voltava pra cá mais não.

Percebe-se o lamento, a dor da vida de penúria, em que se sucediam, às vezes, os dias em que o sustento de cada pessoa se limitava a um punhado de farinha e a um

pequeno pedaço de rapadura, não podia, porém, perdurar sem protesto e também sem as recordações da terra natal, onde essa gente poderia ter sido mais feliz.

Ah, meu Deus, quando eu me lembro eu com 17 anos na beira mar tomando aquele banho... Comendo! Eu não gosto nem de lembrar... não tinha necessidade de vir pra cá.

Aqui, levavam uma vida completamente diferente daquela sonhada ou prometida. Levantavam-se, habitualmente, às três horas da manhã, empurrava a porta de esteira, empunhava o búzio, e um rugido de dor, de angústia, de saudade, cortava a solidão silenciosa. Outro búzio, ao longe, respondia, na mesma queixa resignada. E outro, ainda mais distante. Eram os galés daquele presídio, vasto como um mundo, que se comunicavam sem, às vezes, se conhecerem, dando a notícia de que ainda viviam. E o silêncio caía em seguida, sepultando, de novo, centenas de homens vivos, porém cortados de sofrimento e saudade.

Rapaz o Ceará era muito bom, o problema era a falta de chuva. Se pudesse voltar... ia era pra Manaus. No Ceará só passear mesmo.

É o seguinte... eu não ia pro seringal não... mas eu vinha pro Acre... eu gosto daqui.

Aqui, nessa terra, após a Batalha da Borracha, surge uma sociedade suis gêneris, onde o caboclo não é índio (pré-colombiano); o caboclo não é branco (europeu); o caboclo não é negro (africano); o caboclo não é amarelo (asiático); o caboclo é um mestiço. O caboclo é o amazônida, é o acreano.

Sobre como seria o final da história se pudesse refazê-la, o Discurso do Sujeito Coletivo oportuniza que nenhuma das categorias encontradas seja desconsiderada, pois arrependimentos e agradecimentos circularão, dinamicamente, nas respostas todas as vezes que o *Soldado da Borracha* for inquirido. A verdade é que os homens do Nordeste vieram. Vieram e ficaram. E seu reconhecimento, mesmo que velado, está refletido nas características físicas, comportamentais e culturais de cada cidadão do Norte Brasileiro, pois é graças a ele, *Soldado da Pátria*, que hoje a sociedade dessa região do Brasil – o Acre -- tem em seus anais, uma das mais belas páginas da história do país.

Procurou-se construir ou re-construir uma Cartografia da Memória, não de forma exata, perfeita geometricamente - já que a memória é fluida e salvo, raras exceções, não está muito preocupada com dados, medidas, ângulos, escalas - mas tonalizou-se os relatos dentro da virtualidade da história que ainda não foi literalmente escrita. A vida vive-se dentro dela.

7 – CONCLUSÃO

A heróica e desprezada Batalha da Borracha, sem ter sido um episódio propriamente militar, na tentativa de ampliar dramaticamente a produção brasileira de borracha, foi um projeto governamental que recebeu apoio técnico e financeiro dos norte-americanos em guerra contra o eixo Roma, Berlim e Tóquio.

Mais de meio século depois, para trinta das trinta e três pessoas entrevistadas nessa pesquisa, denominados *Soldados da Borracha*, a luta com o propósito de triunfo ainda não terminou. Elas trazem consigo história de imenso sacrifício, testemunhas de uma batalha silenciosa, travada desde as vilas nordestinas até as matas tropicais.

O entrave mundial com a participação brasileira durou pouco, sem com isso desmerecer a catástrofe humana que ela representou. Mas com seu fim os Soldados da Borracha permaneceram imersos na solidão de suas colocações no interior da floresta. Muitos deles sequer foram avisados que o conflito havia terminado, vindo a descobrir anos depois, atendendo, com isso, as necessidades do patrão dos seringais de seringa. Destes, alguns poucos, voltaram para o Nordeste exatamente como tinham partido, sem um tostão no bolso, ou pior, alquebrados e sem saúde. Outros, envergonhados por não terem transformado-se em paroaras, criaram raízes nas matas e ali construíram suas vidas. Um outro grupo, bem pouco é verdade, conseguiu tirar proveito dessa aventura sub-titulada de “batalha”.

Os discursos colhidos destoam das teorias clássicas de que eles vieram coagidos ou pela necessidade. O grupo não foi composto apenas de gente sofrida em plena fuga das secas. Mas sim de personagens que as famílias e a sociedade permitiam e obrigavam à mudança, principalmente no

intuito de melhoria de vida, contando como estímulos menores as aventuras e demais recheios que esse sacrifício poderia exigir.

Aceitaram, portanto, por inúmeras razões desbravar a terra inóspita, repleta de doenças, insetos de toda ordem e um universo misterioso de várias possibilidades.

Nesse estudo, em face dos fatos da história, dos relatos ou discurso coletivo, a história desses homens e mulheres, que enfrentaram uma Amazônia muito mais selvagem do que aquela que imaginavam encontrar, restou à memória de uns poucos relatos escritos. O fato real é que são heróis de uma guerra que dizimou milhares deles, sem uso do fuzil, mas de arma poderosa da qual nenhum podia escapar: a imensidão, a hostilidade e voracidade de doenças da Selva Amazônica.

Aqueles que continuaram fiéis ao costumes e comportamento do sertão não só encontraram um mundo selvagem, mas encontraram lá, também, o seu fim. Os que se acaboclamaram, mesmo com dificuldades, contam hoje histórias de vida apaixonantes.

Na verdade, aproveitaram a oportunidade de testemunhar a força econômica do *El Dorado* Amazônico, do qual ouviam falar desde o início do século XX, com estórias de enriquecimento e de boa vida dos paroaras.

A pretensão do governo brasileiro, autorizado pelo seu histórico de extrativismo da matéria prima bélica mais importante da época, mobilizou enorme contingente para justificar os investimentos feitos pelos Estados Unidos da América do Norte, contudo sem qualquer estratégia mais concreta que garantisse a segurança e a manutenção dessas almas nas embrenhas da floresta Amazônica.

O problema vai além. O governo foi permissivo com condutas maliciosas, utilizadas nas grandes mobilizações pregressas de trabalhadores para regiões com necessidades urgentes da Federação. Da prática de sedução dos aliciadores (compostos também por autoridades e pessoas de influência local), divulgando vantagens inexistentes para o deslocamento, feitas em pontos populares das vilas nordestinas, às telas do artista suíço Chablotz, que com o slogan “Borracha para a Vitória” mostrava caminhos e florestas pitorescas e corpos robustos de seringueiros imaginários. Estas constituíram técnicas cruéis de inserção de idéias diretamente no inconsciente da população aliciada.

A vontade de beber água do Rio Acre surgia sem qualquer motivo maior percebido pelo jovem. A mobilização de trabalhadores para a Amazônia, coordenada pelo Estado Novo, foi revestida por toda a força simbólica e coercitiva que os tempos de guerra possibilitavam.

Todavia, nem tudo pode ser considerado inconveniente nesse investimento dos Acordos de Washington. A saúde pública, contando com a agência de cooperação internacional, não chegou nem perto daquilo que divulga como feito em nível de saneamento e proteção aos povos da floresta, mas foi um início. Antes dela, as ações em saúde se davam por iniciativas próprias de médicos, enfermeiros e curandeiros, habitantes daquela região. Pelo menos depois dela, pontos estratégicos de formação e de assistência (poucos, é verdade) orientavam estratégias de cuidado em saúde da população desassistida.

Numa reflexão mais abrangente, entender que o cenário pouco mudou nesses cem anos no que tange os diagnósticos dos problemas e agravos da região amazônica, desde a expedição de Oswaldo Cruz até as estatísticas atuais de notificação compulsória das doenças, não é exagero afirmar que hoje, a população ribeirinha da Amazônia ainda experimenta problemas testemunhados nos dois ciclos da Borracha. Se a malária, a leishmaniose, as hepatites virais, as mortes por queda de árvores, os problemas relacionados à ingestão de álcool e os conflitos de terra ainda são vigentes, acrescidos de dengue, SIDA, super-pneumonias, também não é injusto afirmar que o Serviço Especial de Saúde Pública jamais poderia fazer o que se propôs à época.

O resultado, muito pelo fato da população acriana viver ainda em condição marginal quando comparada aos centros mais abastados, faz com que o velho ex-seringueiro, *Soldado da Borracha*, perceba que ainda está num deserto de pessoas.

Sob a guarda de Deus e com o destino integralmente ligado a Ele. O idoso entende que as melhorias da medicina aconteceram e estar vivo também é agradecer a essa evolução, mas isso apenas lhe acresceu anos, com qualidade subjugada, sequelado pelas nuances de uma Amazônia avassaladora que lhe foi colocada frente a frente, com armas e artefatos que não conhecia, carregando cicatrizes em seu corpo e em sua alma.

De fato, não só os problemas de saúde dos povos da floresta pouco mudaram. Práticas perniciosas como a manutenção do trabalho escravo, que vez por outra é explorado pelas agências de notícias mais populares, cultivadas pelas mesmas técnicas aliciadoras e de manutenção do trabalhador no campo vistas outrora, como também as sistemáticas ocupações desordenadas do espaço, culminando com epidemias e catástrofes geográficas, emergem avisando que algumas páginas ainda não foram efetivamente viradas e alguns recursos ilícitos ainda são negligenciados pelos Governos nas diferentes esferas.

Por outro lado, apesar de serem vistos como falha no acesso da população brasileira aos serviços de saúde, ferindo de morte esse princípio do Sistema Único de Saúde brasileiro, a manutenção e aprimoramento do uso de plantas e ervas medicinais e os préstimos das parteiras aquecem os fomentos em pesquisa que ainda se mostram longe de terminar, como também se mostram, na prática, eficazes daqueles que as utilizam.

A comparação é dramática, entretanto necessária: dos 20 mil brasileiros que lutaram na Itália, 454 combatentes sucumbiram. Já entre os estimados 60 mil *Soldados da Borracha*, metade morreu nos primeiros anos.

Pelo menos uma coisa todos os *Soldados da Borracha*, sem exceção, receberam: o descaso do Governo Brasileiro, que os abandonou à própria sorte, apesar de todos os acordos e das promessas

repetidas antes e durante a Batalha da Borracha. Só a partir da Constituição de 1988, mais de 40 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, os *Soldados da Borracha*, ainda vivos, passaram a receber uma pensão como reconhecimento pelo serviço prestado ao país. Uma pensão irrisória, dez vezes menor que a pensão recebida por aqueles que foram lutar na Itália. Por isso, ainda hoje, em diversas cidades brasileiras, no dia 1º de maio os *Soldados da Borracha* reúnem-se para continuar a luta pelo reconhecimento de seus direitos. Diz a lei:

Art 1º- É assegurado aos seringueiros recrutados nos termos do Decreto nº 5813 de 14 de setembro de 1943, que tinham trabalhado durante a segunda Guerra Mundial nos seringais da Região Amazônica, amparados pelo Decreto Lei nº 9882 de 16 de setembro de 1946, e que não possuam meios de subsistência e da sua família, o pagamento da pensão mensal vitalícia correspondente ao valor de 2 (dois) salários mínimos vigentes no País.

Parágrafo único – O benefício a que se refere este artigo estende-se aos seringueiros que, atendo ao chamamento do Governo Brasileiro, trabalharam na produção da borracha, na Região Amazônica, contribuindo para o esforço de guerra. Art.2º benefício que trata esta lei é transferível aos dependentes que comprovem estado de carência.

O que impressiona, no conjunto das diversas literaturas que discutem o tema, é que todo material encontrado trata, apenas, da Floresta Amazônica em si, por ser a maior de todas existentes no planeta, a sua quantidade de codinomes e até diferentes formas de encará-la, passando da Hiléia ao “inferno verde”, o “paraíso dos aventureiros”, a “terra dos minerais”, o “pulmão do mundo” e muitos outros. É inegável que estas são expressões que retratam a realidade e, ao mesmo tempo, provocam fascínio pela descrição. Ainda causa espanto que essas expressões dão conta dos modos e dos olhares pelos quais a região foi objeto de construção. Mas

nada é capaz de desnudar a crueza da vida no *Front da Borracha*, onde homens, mulheres e crianças trabalharam para escravizar-se.

Desta forma, pouco ou nada se encontra sobre a realidade social das pessoas que lá viveram, e vivem, e que desbravaram aquelas matas, pessoas estas que também fizeram a história do país e que foram esquecidas, pois a floresta amazônica, com sua biodiversidade, sua imensidão verde, sua fauna e flora, despertavam mais interesse aos autores, escritores, pesquisadores do que o homem simples que lá vivia (geralmente pobres muitos deles analfabetos, residentes em casas de “pau a pique” - nas quais a parede e o teto eram e ainda são feitos de folhas de palmeira entrelaçada e o assoalho de chão batido, o prato do dia farinha d’água e quando conseguiam tinham uma carne de caça para comer, entre outras dificuldades que encontravam no interior da floresta).

Tais homens não foram sequer reconhecidos como heróis nacionais como apregoavam o discurso de Vargas aos cearenses, e nem enriquecem como mostrava a propaganda de Chablotz. Foram assim, desqualificados, rotulados de incapazes, tiveram seus corpos esquadrinhados e mutilados seus desejos.

Algum tempo após ter chegado ao seringal e já experimentado algumas desventuras de sua investida, um *Soldado da Borracha*, como publicou Benchimol (1992), escreveu ao Presidente da República pedindo que algumas das coisas que não estavam sendo cumpridas fossem revistas por ele, e assinava como aquele que, na imensa floresta, prestava seu dever enquanto brasileiro na luta contra o eixo do mal.

O presidente Vargas não respondeu. Mas, lentamente, a pergunta do seringueiro vem sendo respondida ao longo do tempo. Talvez não da forma que o bravo Soldado gostaria. Na última atualização, a resposta, que parece infinita,

protocolada no início de 2011, pode ser assim resumida: não, ilustres senhores! Os senhores não têm direito ao décimo terceiro salário!

A esperança de que melhores respostas possam aparecer esbarra no tempo, implacável como sempre. Eles, heróis brasileiros, responsáveis pela colonização e pelo desenvolvimento urbano das grandes capitais nortistas, são octogenários. E, ao que parece, Vargas não deixou ninguém com a real noção que esses senhores representaram para a pátria, fazendo com que, ao que tudo indica, a pergunta jamais tenha uma resposta.

O presente trabalho não teve a pretensão de se esgotar nesta Tese, ao contrário, quis contar uma parte da história da saúde pública do Brasil, que se mistura com a própria história brasileira em forma de Batalha de Guerra, e dar visibilidade aos sujeitos que, sem possibilidades de uma vida menos dura, foram seduzidos por promessas de cidadania e encararam a morte e o desatino. Apesar disso, notadamente os Seringueiros, participantes desse estudo, mostram-se pessoas capazes de adaptações de vida extremas, trazendo-os até aqui. Contando suas trajetórias pelas memórias de uma aventura que, para eles, nunca terminará.

8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC J.C. **Abordagem estrutural das representações sociais**. In: Moreira ASS, Oliveira D.C. **Estudos interdisciplinares da representação social**. 2. Ed. Goiania: AB editora; 2000. p. 27 – 38.

AQUINO, M. **A América vai à guerra**. São Paulo: Xamã; 1995.

AZEVEDO, F. *Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos; 1960.

BARBOSA, R. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde; 1946.

BARRETO, J.B. **Relatório anual do Departamento Nacional de Saúde**. Arquivos de Higiene, Rio de Janeiro; 1944.

BENCHIMOL, S. **Amazônia: um pouco antes, além e depois**. Manaus: Editora Umberto Calderaro; 1977.

BENCHIMOL, S. **O Cearense na Amazônia**. Revista da Imigração e Colonização, Rio de Janeiro. Ano 6, N. 4, P. 337-420, Dez. 1945.

BENCHIMOL, S. **Romanceiro da batalha da borracha**. Manaus: Imprensa Oficial; 1992.

BENCHIMOL, S. **The Next War**. Oxford: Miami University, 1947. Monografia de Pós-Graduação.

CAMPOS, ALV. **Políticas internacionais de saúde na Era Vargas: o serviço especial de saúde pública, 1942 – 1960**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.

CAMPOS, Pedro Moacyr. **Brasil-Alemanha**. In: História Geral da Civilização Brasileira, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971, T. II, V. 4.

CARVALHO, Leitão de. **A Serviço do Brasil Na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1952.

CONGRESSO INTERAMERICANO DE MEDICINA, 1, Rio de Janeiro, RJ. **Observações sobre a Malária na Amazônia brasileira**, 1946.

CONN, STETSON; FAIRCHILD, BYRON. THE FRAMEWORK OF HEMISPHERE DEFENSE. **Washington, Departament Of Army**. 1960

CORREA, Luiz De Miranda. **A Borracha na Amazônia e a Segunda Guerra Mundial**. Manaus, Editora do Governo do Estado do Amazonas, 1967.

Corsi, FL. **Estado Novo, política externa e projeto nacional**. São Paulo: UNESP; 2000.

COSTA, JOSÉ CRAVEIRO. **A Conquista do Deserto Ocidental**. São Paulo/Brasília, Cia. Editora Nacional/Instituto Nacional do Livro, 1974.

CUNHA, E. **À Margem da história**: temas brasileiros. Rio Branco: Tribunal de Justiça; 2003.

CUNHA, Euclides da. **A Margem da História**. Porto, Lello & Irmãos, 1941.

DEAN, W. **Brazil and the struggle for rubber**: a study in environmental history. Cambridge, NY: University Press; 1987.

DEANE, MP. **Tropical diseases in the Amazon region of Brazil**: and what is being done to control them. Journal of American Med Women's Association. 1947; 36: 7-14.

Dulles, John W. Foster. **Vargas Of Brazil**: A Political Biography. Austin, University Of Texas Press. 1967.

DUVEEN, G. **O poder da idéias**: introdução. In: Moscovici S. Representações Sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes; 2003. P. 7-28.

ERTHAL, Regina M. de Carvalho. **O Suicídio Tikúna no Alto Solimões**. Uma Expressão de Conflitos. **Cad. Saúde Pública**; Rio De Janeiro. 17(2):X299-311, Mar-Abr, 2001.

FÁVERI, M. **Memórias de um (outra) Guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC; 2004.

FERREIRA DA SILVA, Cosme. **Porque Perdemos a Batalha da Borracha**. Manaus. Editora do Governo Do Estado do Amazonas, 1966.

FERREIRA, J. **A guerra da borracha**. Porto Velho: Ministério Público; 1991.

FURTADO, A. **Emigração para o Acre**: causa da migração nordestina para o Acre e o processo de colonização. Fortaleza: A Fortaleza; 1979.

FIOCRUZ – Fundação Osvaldo Cruz. Agência FIOCRUZ de notícias. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ccs/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1938&sid=5>. Acesso em 15 jun. 2011.

FURTADO, Arruda. **Emigração Para o Acre**: Causas da Emigração Nordestina para o Acre e o Processo de Colonização. Fortaleza, Editora A Fortaleza, 1979.

GONÇALVES, A, & COSTA P.E.B. **Mais borracha para a vitória**. Brasília: Ideal Gráfica; 2008.

GUERRA, SERINGAL E SERINGA. **Jornal o Acre**. 1943 maio 20, n 742.

HOLANDA, SB. **Caminhos e fronteiras**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Comissão Censitária Nacional, Recenseamento. **Sinopse do censo demográfico**: dados gerais. Rio de Janeiro: IBGE; 1947.

- LEFÈVRE F, Lefrèvre AMC. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS; 2003.
- LIMA, Claudio De Araújo. **Coronel de Barranco**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- MARTINELLO, P. **A Batalha da Borracha na Guerra Mundial II**. Rio Branco: EDUFAC; 2004.
- MARTINS, Edilson. **Fim da Saga dos Seringueiros da Amazônia**. Revista Geográfica Universal. Rio de Janeiro. Bloch Editores. Nov. 1980, P. 72 – 82.
- MEDEIROS, J.S. **Os degredados filhos da Seca**. Petrópolis: Vozes; 1983.
- MEGGERS, Betty. **Amazônia – A Ilusão de Um Paraíso**. Rio De Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- MEIRA, Silvio de Bastos. **A Epopéia do Acre: Batalha do Ouro Negro**. 2ed., Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária. 1977.
- MELLO, A.T. **Nordestinos na Amazônia**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Imigração e Colonização/Departamento de Estudos e Planejamento; 1956.
- MELLO, Alcino Teixeira de. **Nordestinos na Amazônia - Relatório**. Rio De Janeiro. Instituto Nacional De Imigração E Colonização, 1956.
- MENDES, Armando. **Viabilidade Econômica da Amazônia**. Belém, Universidade Federal Do Pará, 1971.
- MORALES, L.A. **Vai e vem, vira e volta**: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: Annablume; 2002.
- MUNIZ, Antonio Bandeira. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1978.
- NEVES, A. Amazônia. **Rondônia**: Regional Ano VI; 1992.

- RANCY, C.M.D. **Raízes do Acre:1870-1912**. Acre: Editora Falangola;1986.
- REIS, A.C.F. **Sobre o Saneamento da Amazônia**. Manaus: Editora Philippe Daou; 1972.
- SECRETO, M.V. **Soldados da Borracha**: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2007.
- SEITENFUS, R. **A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2000.
- SIMIONI, A.M.C et al. **Metodologia qualitativa nas pesquisas em saúde coletiva**: considerações teóricas e instrumentais. São Paulo: Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP; 1997. (Série Monográfica do HSP, 2).
- SOARES, C. Educação física: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados; 2001.
- SOUZA, C.A. **História do Acre**: novos temas nova abordagem.1. ed. Rio Branco;2002.
- VERONESI, Ricardo. **Doenças Infecciosas e Parasitárias**. 8ª Edição; Rio De Janeiro. Editora Guanabara Koogan. 1991.
- WIRTH, J.D. **A Política do Desenvolvimento na Era de Vargas**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. 1979.

ANEXOS

ANEXO 1

INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

1. Dados de identificação

1 - Condições econômicas

Nome: _____

Idade: _____ anos

Data de nascimento: _____

Procedência: _____ Naturalidade: _____

Cor: Branca () Negra () Parda ()

Religião: Católica () Evangélica () Espírita () Outra ()

Grau de escolaridade: Analfabeta () Alfabetizada () Ensino Fundamental ()

Segundo grau () Terceiro grau () Outro ()

Estado civil: () casada () viúva () solteira () divorciada Há quanto tempo: _____

Tem filhos? () sim Quantos? () () não

Moram juntos? () sim () não

Profissão: _____

Renda familiar: () 1 a 2 s.m. () 3 a 4 s.m. () 5 ou mais s.m.

2 - Condições de moradia

- Habitação/tipo de construção: () alvenaria () madeira () outros

- Número de cômodos: ()

- Número de habitantes por cômodo: _____

- Casa: () própria () não quitada () cedida () outros

3 - Hábitos

- Tabagista: () sim - Há quanto tempo? _____
() não

- Etilista: () sim - Há quanto tempo? _____
() não

- Uso de medicamentos: () sim - Há quanto tempo? _____ () não

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ fui procurado(a) para participar da pesquisa “**TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE A SAÚDE DE SOLDADOS DA BORRACHA EM SERINGAIS DO ACRE**”, sob a responsabilidade do pesquisador Marcelus Negreiros, orientando do Prof. Dr. Fernando Lefèvre, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, com o objetivo de esclarecer o significado de termos do título que possam ser de difícil compreensão, bem como explicar os objetivos e como será feita a pesquisa (entrevista, transcrição, quem ficará com a fita, etc. Se será usado máquina fotográfica e/ou vídeo, se há necessidade de fazer um termo de uso da imagem, esclarecendo quais os fins).

A mim foi explicado que só participarei da pesquisa se quiser e que se caso venha a participar poderei desistir, a qualquer momento, de acordo com minha vontade, e que poderei fazer qualquer pergunta para a minha completa compreensão sobre o que poderei autorizar.

Estou ciente de que não terei que pagar nada, assim como não receberei pagamento para participar dessa pesquisa. Também não receberei nenhuma forma de indenização, já que a entrevista não me oferecerá nenhum risco (se houver deslocamento para a realização da entrevista terei pagas as despesas com transporte e lanche).

O pesquisador me garantiu que minha identidade será preservada e que as informações dadas por mim serão utilizadas sem a minha identificação no relatório da pesquisa e em possíveis artigos de revista e em apresentações em eventos científicos.

O pesquisador me deixou ter tempo suficiente para ler tudo o que foi informado acima e caso eu não soubesse ler ou se tivesse algum problema de visão

que me impedisse de ler o texto de forma clara, foi o próprio pesquisador que leu e me explicou todo o texto. O pesquisador também disse que caso eu tenha alguma dúvida que posso entrar em contato através dos telefones (68) 3224-3603 / 8112-3711 ou no Módulo de Saúde Rui Lino, Av. Principal S/Nº, bairro Rui Lino ou ainda no Comitê de Ética em Pesquisa da FSP, Av. Dr. Arnaldo, 715, CEP: 01246-904, São Paulo (SP), telefone (11) 3061-7779.

Como fui informado e compreendo do que se trata o trabalho do pesquisador Marcelus Negreiros e sua equipe, autorizo ser incluído no estudo.

Rio Branco, _____ de _____ de 2010.

Assinatura do entrevistado:

ou Impressão Digital:

POLEGAR DIREITO

Telefone e/ou endereço para contato:

TESTEMUNHAS:

1. NOME: _____

Assinatura: _____

2. NOME: _____

Assinatura: _____

Telefone e/ou endereço para contato: _____

Assinatura do Entrevistador:

ANEXO 3

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Faculdade de Saúde Pública
Universidade de São Paulo

OF.COEP/323/10

1º de outubro de 2010.

Prezados pesquisador e orientador,

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - COEP **analisou**, em sua **8ª/10 Sessão Ordinária**, realizada em **1/10/2010**, de acordo com a Resolução n.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde - CNS e suas complementares, o protocolo de pesquisa n.º **2085**, intitulado **TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE A SAÚDE DE SOLDADOS DA BORRACHA EM SERINGAIS DO ACRE**, área temática **GRUPO III**, sob a responsabilidade do pesquisador **Marcelus Antonio Motta Prado de Negreiros** e orientação do professor Fernando Lefèvre, considerando-o **APROVADO**.

Cabe lembrar que, conforme a Resolução CNS 196/96, são deveres do(a) pesquisador(a): 1. Comunicar de imediato qualquer alteração no projeto e aguardar manifestação deste Comitê de Ética em Pesquisa para dar continuidade à pesquisa; 2. Manter sob sua guarda e em local seguro, pelo prazo de 5 (cinco) anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos recomendados pelo COEP, no caso eventual auditoria; 3. Comunicar formalmente a este Comitê quando houver o encerramento da pesquisa; 4. Elaborar e apresentar relatórios parciais e final; 5. Justificar perante o COEP interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Atenciosamente,

Maria Cecília Loschiavo dos Santos
Professora Associada

Vice-Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa - FSP/USP

Ilm.º Sr.
Prof. Tit. **Fernando Lefèvre**
Departamento de Prática de Saúde Pública
Faculdade de Saúde Pública da USP

ANEXO 4

PERGUNTAS NORTEADORAS

1. O senhor morava no nordeste, não é? Ai decidiu vir trabalhar nos seringais do Acre. Por quê?
2. Lá no nordeste o senhor não conhecia nada da Amazônia, não é? Como disseram pro senhor que eram o seringais da Amazônia?
3. Conte como era o local que o senhor ficou hospedado antes de embarcar para o seringal?
4. E a viagem para a Amazônia? Como foi?
5. Fale um pouco agora sobre a pessoa que mandava no seringal:
como ele era com o senhor? Como ele o tratava?
6. Quais eram os problemas de saúde que mais aconteciam com o senhor e com sua família no seringal?
7. Como o senhor curava esses problemas?
8. Diga quais desses problemas de saúde mais matavam os seringueiros?
9. Como as mulheres pariam lá no seringal?
10. Vamos voltar no tempo. O senhor vai ter uma segunda chance de escrever sua vida. O senhor tem 17 anos, está lá no nordeste e o governo começou a chamar os garotos para virem trabalhar na Amazônia por conta da guerra.
Conte que rumo o senhor gostaria que sua vida tomasse?